

taípa de mão; para a fabrica da primeira foi ajudado dos moradores portuguezes daquella rio, que lá vieram ouvir missa e venerar a santa imagem de S. Francisco Xavier, ao qual faziam sua festa e novena, não sem fórma de algumas meroês, que se podia ter feito annunciar como milagrosas, entre as quaes a seguinte: Tinha adoecido uma escrava de um morador por nome João Vieira, o qual, vendo-a redizida ás portas da morte, e tendo-a já por morta, a levou a pôr aos pés do Santo com voto, que se lhe desse vida e saúde, lhe daria coisa prodigiosa, tornou logo em si a escrava e ficou sã e valente, sem resto de sua doença. Outros successos maravilhosos se contam, mas contanto-me referir esto por agora, que o tempo ensinará o caso que delles se deve fazer.

CAPITULO 8º

DO QUE ORTOU O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA, ESTANDO NO MARANHÃO E NO PARÁ, E MATE NA VOLTA PARA ELLE.

Estando o Padre superior Bento de Oliveira no Maranhão, representou o Padre João Angelo, missionario das aldeas da capitania do Cametá, o muito que parecia dos olhos, com perigo de perder a vista, e mais os desgostos que lhe dava o capião-mór Antonio de Carvalho, podendo, se pudesse ser, mudasse o Padre reitor Manuel Nunes para outra parte. Viu o Padre reitor a muita razão que tinha o Padre João Angelo de pôr outro em seu lugar; para isso nomeou primeiro o Padre João Justo, dando-lhe o Padre Aluizio Conrado por companheiro, para convalescer em Cametá. Mas o Padre João Justo deu logo alguma occasião de desconfiança ao Padre Aluizio, com que o Padre reitor me chamou a mim, que tinha vindo ao Collegio, para praticar na vigilia de nesso Santo Patriarcha, e perguntou-me se queria ir ao Cametá para alliviar ao Padre João Angelo e levar por companheiro o Padre Aluizio Conrado: respondi-lhe que eu estava para obedecer a tudo que me mandasse, com muita vontade, e que como reitor dispuzesse como lhe parecesse, com que me mandou logo com o Padre

Aluizio, meio entrevado de sua doença, por companheiro, em companhia do mesmo Padre João Angelo, que ia fazer-me entrega da residência de Inhuaba, onde chegámos aos quatro de agosto do anno 1694, tendo passado primeiro pela aldeia do Parijô de baixo, e visto o que lá havia, assim na igreja como na casa. Felta, pela a entrega da residência assaz bem provida com casas e igreja nova, e bella por suas pinturas engraçadas, que tinha feito o Padre João Angelo, por sua curiosidade e devoção, partiu elle para Mortigura, para estar convalescendo, em companhia do Padre Miguel Antunes; alegraram-se muito os Indios e mais ainda os brancos, como o capitão-mór, com a minha assistência, por serem todos amigos e conhecidos meus, pelos muitos annos que tinha no Estado, e logo ficou tudo em bella paz.

Todos os dias santos e domingos do anno, ia eu dizer missa e acudir com os sacramentos á aldeia do Parijô, ficando o Padre Aluizio Conrado em Inhuaba para o mesmo effeito; lá tinha o bom padre boas ares, boas aguas, boa carne e peixe, boa vista, bellos passeios, bellas campinas, sabrosas frutas para poder convalescer; porém, nem com tudo isso melhorava, mas antes parecia ia achando-se cada dia peor, e tanto assim que tendo eu ido a Parijô, para lá celebrar as festas do Natal, e querendo o Padre Aluizio, por sua devoção, dizer a missa de Gallo, diante de um bello Belém, que tinha feito, chegou ao altar estando a gente toda junta para assistir ao sacrificio divino, mas deu-lhe tão grande fraqueza que nem então nem as festas seguintes foi capaz de celebrar. Avisou-me logo, para que viesse depressa para mandal-o ao Collegio, pois não estava capaz de esperar mais tempo, por sua grande enfermidade; acudi ao aviso e aviando-o o melhor que pude, o mandei para a cidade, mui pozaroso de perder tão bom companheiro; mas supriu logo esta falta o filho do Diogo Pereira, Manoel Pereira, moço bem criado e sujeito, o qual assistiu em minha companhia, ensinando-o eu casos e mais a Logica e a Phydica, até o fim das cousas, e isto com tanta mais vontade que via que tinha bom engenho, boa comprehensão e boa memoria para tudo.

Entretanto, vieram do Maranhão uns Indios Cayayzes man-

dados pelo Sr. general Antonio de Albuquerque, para estarem na ilha dos Joannes, com os mais que tinham vindo dantes, e viviam muito contentes, por estarem em paragem farta de tudo, e debaixo do cuidado e doutrina do reverendo padre missionario frei Boaventura, Capucho de Santo Antonio.

Acabou o Padre reitor Manoel Nunes de seallar o corredor novo e tratou de querer fazer residencia em Marajó; fechou tambem o Padre Pero Poderoso, por não querer fazer uma penitencia, pretendendo ser despedido da Companhia depois de sacerdote, com philosophia e theologia acabada. Chegou entretanto o Padre superior da missão do Maranhão, e vendo os desgostos que havíamos de ter com os reverendos padres Mercenarios que se tinham metido da parte de um dos novos melheores patos, e que o gado ia morrendo, em vez de se multiplicar, isto além das difficuldades da passagem, mandou ao Padre reitor Manoel Nunes largasse essa empresa e mandasse retirar o gado todo, parte para a cidade, parte para Jaguarary; despediu tambem o Padre Francisco Pedrosa, com licença do noosso muito reverendo Padre geral, o qual, estando despedido, se valeu de Jacob Egres, mercador solteiro e honrado do Pará; este o amparou, como si fosse seu irmão, até pol-o com chapéo de sol muito bizarro nessa praça, valendo-se elle tambem de seu bello engenho e lettras para as pregações que ia fazendo pelas egrejas da cidade, até que partindo os navios, se embarcou em companhia de Jacob Egres, que lhe fazia os gastos todos, e chegou a salvamento á cidade de Lisboa, onde se houve com tanta ingratitude com o seu benefactor, que, depois de posto em a Corte, nunca mais o veio ver. Guarde-se ella, porque costuma Deus castigar muito os que procuram sem bastante razão sahir da religião.

Deus lhe perdão, que lhe estou temendo a pancada, porque antes de ser despedido faltou um dia a renovar os votos com os mais, sentiu um noosso, estando com o Senhor em as mãos, que lhe dizia ao coração estas palavras: « Oh Pedrosa, salvar-te-has se morreres na Companhia »; disse-lhe'ou pouco depois, mas dando-se pouco disso, deixou a Companhia, desagrado do benedicto que Deus lhe tinha feito com o chamar para

ella e do bem que lhe tinha feito ella em creal-o na virtude e letras.

E' uma lastima ver a facilidade com que alguns sujeitos, ainda que do Reino, variam e deixam a sua devoção; muitos houve estrangeiros nesta missão, desde os seus primeiros principios, mas pela graça de Deus nunca se achou nenhum que sahisse da Companhia, nem ainda da missão.

Lembra-me que, sendo noviço do anno 1617, na cidade de Tournay da provincia Gallo-Belgica, dava-nos o mestre dos noviços a ler um livro dos qua tinham deixado o noviciado e era coisa para passar de ver como até estos, ainda que não religiosos, castigara o Céo com castigos de mortes desastradas, por terem deixado a sua vocação, e se assim trata os noviços, que só estão em caso da provação, que tanto devem de esperar aquelles que saem da religião depois de feitos os votos, e por graves causas que deram á sua expulsão? Perdoades lhes, que não sabem o que fazem.

CAPITULO 9.º

VISITA DO PADRE SUPERIOR ÁS RESIDENCIAS DO PARÁ E MORRE O PADRE FRANCISCO RIBEIRO

Em os fins do anno 1634 começou o Padre superior Bento de Oliveira sua visita, e chegou aos quatro de novembro pela manhãzinha á residência de Iubaiba com o Padre José Barreiros; achou-me mal convalescido de uma terrível pontada que ás vezes me dava e durando alguns dias e me deixava quebrado todo; acudiram os indios com os seus costumes presentes e praticou-os o padre superior; visitou a igreja e casa e tomadas as contas partiu no dia seguinte para a aldea debaixo, chamada Parijó, e não achando que reparar despediu-se de mim, que o tinha acompanhado até lá, e partiu com boa maré para os Bocas, onde por o Padre Manoel Nunes, e dos Bocas aos Ingaybas, onde deixou continuar o Padre Antonio da Silva, por saber repartir e governar aquellas nações com satisfação de todos; não foi mais para riba, porque estavam retirados os pa-

dres missionarios, enquanto o governador não nos queria restituir a missão do Xingá, onde se tinham posto de posse os reverendos padres Piedade.

Tinha o Padre superior ouvido os repetidos requestimentos do Padre Manoel Nunes para o alliviar do cargo de reitor e mais aos subditos, por lhe parecer não convinhão a seu genio esse subditos, por apertar com elles com algum demasiado rigor, e o substituiu pelo Padre João da Silva.

Estando ausente, em sua visita, veio a achar-se mais mal do que o costumado, o Padre Francisco Ribeiro, mais entreado sobre uma cama já havia annos, o qual por lhe parecer bom tomar uma purga para sua convalescença, perturbou de sorte os humores com ella que aos dezesseis de novembro veio a fallecer no Collegio de Santo Alexandre, da cidade do Belém do Grampará, e foi enterrado na egreja de S. Francisco Xavier, com o consueito costume de religiosos e seculares.

Era o Padre Francisco Ribeiro natural da cidade de Lisboa, irmão de João Ribeiro, o edgo, varão de tanto espirito que os annos lhe foram os que queria aperfeiçoar na virtude, e casado com uma senhora, um anjo na vida, a qual, morto o marido, falleceu uns poucos de dias depois, para gozar de Deus com elle, a quem tantos annos servira com tanta caridade.

Foi o Padre Francisco Ribeiro, da provincia do Brazil e mestre das Humanidades em tempo que por lá esteve o Padre Antão Gonçalves, como commissario, e por elle se despediu da Companhia, por lhe repugnar ir a uma aldeia a que o mandava que fosse; esteve depois de despedida por espelão de um ricoço, Peizoto, como filho de casa, até que o Padre Antonio Pereira, mandado para lá a estudar, o ganhou para a missão do Maranhão, com que foram a Lisboa e de lá vieram ao Maranhão, sendo eu reitor do Collegio; esteve com as occupações do novico por algum tempo, mas como depois fuitos mestre de latim applicou-se da classe que já tinha ensinado no Brazil e comportou-se de tal sorte naquello seu officio que foi uma admiração até fazer seus votos, e, feitos estes, continuou com o mesmo espirito até se mandar para o Pará, onde depois foi posto por vice reitor do Collegio, governou uns annos com

toda a satisfação por dentro e por fóra, salvo que os de dentro a tinham por algum tanto rigorosa. Foi elle que mandou fazer as cortinas de tarafas e outras cousas para a igreja, e nos seus ultimos votos deixou á missão uns tapachunos que tinha no Brazil em casa do Peixoto, seu amiguissimo, para trabalhar em tabaco para sustento de seu irmão.

Tinha já do ventre de sua mãe um impedimento nas côas que o fazia coxear um pouco, mas sem prejuizo do que se lhe ordenava: porém cresceu-lhe tanto aquelle mesmo impedimento, que depois lhe impossibilitou o poder andar e lhe tirou a vontade de comer iguarias mal guisadas.

Estando depois mandado por missionario da residencia do Cacilhé com todo o agrado, quizou-se a mim, pela visita, do grande aperto de seu mal e pediu ir ao Pará. Permitti-lhe que fosse em occasião primeira, com o governador que estava para vir, substituindo-lhe o Padre Manoel Nunes; foi ao Pará e de lá ao Maranhão, onde lhe acudiu Duarte Rodrigues, seu amigo, e Gregorio de Andrade, com a caridade pouco vista entre seculares; de lá quiz vir outra vez ao Pará e isto mesmo lhe concedi em tempo de meu governo; lá estava assentado sobre sua cama, meio entrevado como dantes, acudindo-lhe Jorge Rodrigues com sua mulher e sogra Izabel de Moraes, com todo o cuidado, e porquendo podia andar mandou-se-lhe fazer um carrinho com que o puxassem os rapazes pelos corredores. Assim foi passando com muito exemplo de paciência religiosa, sendo padre espirital do Collegio, até enfermar gravemente e morrer.

Foi homem conductor espirital, mui contente de sua sorte, mui prudente, paciente, humilde, caritativo, e mui devoto da paixão de Christo e da Virgem Senhora Nossa, estimado e amado de todos, de tal sorte que até os governadores o iam visitar no cubiculo, e os nossos se não tiravam d'elle por seu bullo modo com que agarralhava e sabia tratar a todos e com todos; parece que lhe quiz Deus Nosso Senhor dar o seu purgatorio nesta vida, para lhe dar o premio de sua paciência e mais virtudes depois de sua morte.

Estava o Padre superior ausente quando falleceu, mas quiz

e Céo se achasse no Collegio para autorizar o seu enterro, que se fez com toda a solemnidade e assistência que para um religioso de bem se pôde desejar.

Não posso deixar de reparar aqui no dito do Christo Senhor Nosso quando diz que um será apelleito e outro deixado, *unus asumpteretur e alter relinqueretur*; porque por aquelles tempo em que levou (como se espera) a alma do Padre Francisco Ribeiro para a ditosa companhia dos Céos, despoitou-se o Padre Francisco Pedrosa da companhia da terra. Andava este sujeito, muito lá, buscando occasião de sair e como, acabada sua theologia, o não escolhura por mestre do curso que estava para se começar no Maranhão, o lhe pousuzera o Padre Ignácio Ferreira, por mais modesto e exemplar o quando menos igual ao saber, tomou dahi fogo e me escreveu uma carta pouco religiosa, e se foi precipitando até o Padre superior Bento de' Oliveira o despedir da Companhia, com licença da nossa muito Reverendo geral.

CAPITULO 10º

CHEGA NAVIO DO REINO AO MARANHÃO, ESTANDO O PADRE SUPERIOR ALLI, E TRAZ MUITOS MISSIONARIOS COM O PADRE MANOEL GALVÃO, EM 1695.

Estava a terra em miserabilissima estio, e em tanto que já uma arroba de ferro se vendia a quarenta mil réis e um alqueire de sal a quatro mil réis, sem ainda se poder achar; e assim das mais cousas que quiz Deus houvesse em castigo de nossos peccados, ou em principio de castigo delles, porque depois foi tudo de mal em peor, quando o Padre superior Bento de Oliveira instituiu no Pará, no anno 1693, as quarenta hora no Collegio de Santo Alexandre, para applacar a justa indignação do Céu contra nós. Foi juiz o capitão Pedro da Silva, já juiz de Nossa Senhora do Socorro; fez-se tudo com grande acogo, pregando o Padre superior Bento de Oliveira, e o Padre Vice-Reitor João da Silva, e o Padre Miguel Antunes, missionario de Mortigura. Fizeram-se mais as tardes, que dantes já tinham

sido feitas muitas vezes, deixando-se de fazer as quarenta horas, por falta de jeia que concorresse para ellas.

Houve grande concurso com muitas confissões e communhões, e parecia-se já o Pará com o Maranhão, onde na igreja de Nossa Senhora da Luz já desde o anno de 1670, sendo o Padre Francisco Vellozo reitor do Collegio, se faziam as quarenta horas cada anno, com toda a grandeza e devoção, como testemunham os que alguns dias assistiram alli. Parece que Deus Nosso Senhor quiz recompensar alguma nestá vida o bom zelo do Padre superior da missão, consolando-o com a vinda do que mais esperava, porque neste mesmo anno de 1695 chegou ao Maranhão navio do Reino com quatorze sujeitos escolhidos da Companhia de Jesus, um Provincial de Nossa Senhora do Carmo, e commissario do Santo Antonio e cada um delles com alguns religiosos seus. Os pertencentes á Companhia eram o Padre José Ferreira, que vinha por superior daquelle gloriosa missão pela viagem do mar, e reitor do Collegio do Maranhão, onde já tinha lido theologia escolastica aos nozcos e moral a todos, com grande applauso e credito, por deixar discipulos capazes de lerem logo depois curso de theologia, como viu com seus olhos com o padre Ignazio Ferreira, que, de discipulo feito mestre, lhe succedeu no ter.

O Padre Manoel Galvão, que o Padre superior tinha mandado para o Reino sobre os negocios da missão de Xingó, os Padres Silvestre de Mattias, Duarte Galvão, Manoel dos Santos, os irmãos Lourenço Homem, José Viligal, Manoel Brandão, Antonio de Brito, Jacintho Carvalho, Antonio Baptista, João Marcosot, choristas, o irmão quadraster Domingos Francisco, o irmão José de Moura, pintor ou debaxador, chegaram então.

Tinham-se embarcado em Lisboa aos 11 de fevereiro do anno de 1695, no navio «Esperança e Nossa Senhora da Piedade», sahindo no outro dia de sabbado... e no outro sabbado viram as ilhas, no outro passaram cabo Verde, no seguinte acharam-se Hyres de uma tormenta, no quinto sabbado passaram a linha, em que se delivaram um ró dia, no sexto finalmente viram, sin dia de S. José, a primeira terra do Maranhão, onde lançaram ferro aos 21 de março, segunda feira, á tarde, e foram logo

dahi ao Collegio de Nossa Senhora da Luz e lá estiveram até o primeiro de maio, em que passaram ao Pará.

Tinha o Padre vice-reitor Diogo da Costa governado o Collegio do Maranhão uns poucos de annos e aquelle a tudo com muito cuidado, principalmente a igreja nova, que se ia pondo em sua perfeição, e folgou muito, com todos os mais Padres, ver a quantidade de tão bellos sujeitos que lhe vinham do Reino.

Entregou logo o governo ao Padre José Ferreira, e qual por seus achques, com licença nua, superior daquelle tempo, tinha ido ao Reino, donde o nosso muito Reverendo Padre geral mandou vir para Reitor e para trazer os sobreditos sujeitos, os quaes todos chegaram com saude, excepto o Padre Manoel Galvão, que esteve muito doente no Maranhão, e vinha com a resolução da Corte sobre a missão do Xingú, que era o negocio que o Padre superior Bento de Oliveira lhe tinha encomendado. Trouxeram varias novas, que eram que o Reino estava em paz, que a Serenissima Senhora Rainha dera á luz felizmente uma Princesa e estava gravida outra vez, já de uns cinco mezes, que a não de João Francisco dera em terra de mouros, que no anno antecedente se perdara uma embarcação em Cabo Verde, em a qual cada um dos Collegios tivera 200000 de perda, e que pela que tiveram na que ficara terra dos mouros tinham ficado muito furtos; mas a que trouxe o Padre Manoel Galvão sobre a residência da missão do Xingú foi a que mais se esperava; e como quer que o Padre superior estava no Pará nem se podiam immediatamente sustentar tantos sujeitos no Maranhão, onde já estavam outros, estudando curso e havia grande falta de farinha, em common parecer acharam ser mais conveniente mandar uns do curso novo, que se havia de começar, para o Pará, ficando no Maranhão não mais que o Padre Silvestre de Mattos e o Padre Manoel dos Santos, para entrarem em theologia no anno seguinte com os que iam acabando seu curso de philosophia; e assim se fez, vindo embarcados no navio para o Pará, onde tomaram porto a 13 de maio todos os cursistas, com os dous que vinham para tomar a roupa lá mesmo no collegio de Santo Alexandre, da cidade de Belém, a saber: Bartholomeu Rodrigues para estudante, Domingos Gonçalves para conductor temporal;

estes dois vieram no anno seguinte com o Padre Fructuoso Corrêa; e já que neste capítulo se fez menção do navio do Reino, quero tambem fazer menção do outro, que veio com alguns negros de Angola, não muito tempo depois. Cuidou o povo do Maranhão que por aquella vez ficava remediado e por isso se escolheram os melhores, que compraram os mais abandonados, ficando os peiores para se levar para o Pará, porém acharam depois que foram sua perdição por trazerem as bexigas que empestaram o Estado todo, como se verá dos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 2º

PORTE O PADRE SUPERIOR DENTRO DE OLIVEIRA PARA O PARÁ E, DIPOSTAS LÁ BREVEMENTE AS COUSAS, TORNA PARA DISPO-LAS EM CAETÉ.

Cuidando o Padre superior da missão de achar ainda todos os Padres juntos no Collegio do Maranhão, onde o Padre Manoel Galvão estava muito doente, como quer que ia em canoa, visitando de passagem, chegou um dia mais tarde, porque, estando o navio já navegando, viram-se os fogos que se mandaram fazer em Tapuytaperá, em signal da chegada da canoa: por esta razão não fez detença mais de uns 15 dias em o Maranhão, deu boas vindas aos Padres vindos de novo do Reino, que lá tinham ficando no Collegio; applicou o Padre Ignacio Ferreira, que tinha sido mestre do curso, para leita de theologia, para o anno seguinte aor que acabarem de estudar philosophia, porém a theologia moral o Padre José Ferreira, que tinha vindo para esse fim.

Fez ministro do Collegio ao Padre Manoel Rabello, indo succeder-lhe na aldea de Maré o Padre Antonio Gonçalves, o Padre João de Avelar mandou continuar no Tapocoré e rio de Moxy; o Padre Antonio Coelho em S. José, o Padre Jacob Ribeiro na nossa roça de Antidilla, mandando outra vez para lá o Padre Iodão Peres, homem de grandes letras e viriude, mas de muy fraca e pouca vista; e como quer que tinha no Collegio

como Reitor o Padre José Ferreira, o qual em seu governo em observatissimo não foi necessario deixar-lhe encommendada a observancia que já lá estava em seu posto, nem a continuação das obras da igreja nova, sendo elle tão grande servo e amante da Virgem Senhora da Luz.

— Posto, pois, tudo em via, voltou-se logo para o Granpará, trazendo em sua companhia os padres Manoel Galvão, José Barreiros, Diego da Costa, e o irmão Sebastião Pereira, este para estudar curso com os mais, seguindo poucos mezes depois o irmão João Valladão, famoso mestre de latim. depois de acabada sua theologia com muito louvor, indo-lhe succeder o Padre Manoel da Costa, depois de ler, com muito agrado e satisfação, humanidades no Collegio do Granpará, onde o padre superior da missão chegou pelos fins de julho, restaurou os estudos que no principio da missão tinha começado, primeiro, o Padre João de Santo Maior a continuel eu, annos depois, sendo superior na missão a primeira vez, e tendo entre outros discipulos o Sr. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, com seu irmão Francisco, ambos de menor idade, em tempo do governo de seu pai, o Sr. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Passando o Padre superior pela residencia de S. João Baptista do Caeté, como achou o capitão mór Amaro Cardoso tão posto fóra da boa razão com os moradores contra o padre, acerca dos indios, ácou em querer tiral-o de lá e de facto chegou ao Pará, e ouvindo os alevos que nos tinham levantado no Reino, diante do donatario, como se os missionarios do Caeté lhe tirassem seus lucros, mandou-lhe por escripto que, na primeira occasião, se viesse para o Collegio do Pará, com todo o seu fato e o mais pertencente á missão, pois não faltavam missões em que se pudesse empregar com mais proveito das almas, que lá em a aldeia do Caeté, entre gente tão pouco affeição da que não tinha reparado em escrever falsidades e calumnias, ao donatario da villa, contra os missionarios da Companhia, os quaes lhe tinham assistido com tanta caridade, já desde que tinham estado no Ourupy, e depois de feita a mudança para o Caeté, O Padre João Carlos recebeu a ordem do Padre superior Bento de Oliveira, do

se vir e desamparar aquella missão; porém, como o capitão mór e moradores viram que com esta retirada ficavam desamparados, por não haver religioso nem clérigo que lhes quizesse assistir pelo pouco que tiravam daquella assistência, com gente pela maior parte pobríssima, fizeram requerimentos ao Padre superior da missão, pedindo-lhe encarecidamente lhes deixasse o Padre João Carlos; mas respondeu-lhe elle que nem este nem outro lhe havia de dar. Trataram então, de buscar quem lhes assistisse, porém como se foram accommodando mais á razão o capitão mór e moradores todos: o pouco depois sobrevieram as beirigas, não quiz o Padre superior ir com tudo ao cabo, em quanto durava aquelle contagioso mal.

CAPITULO 12

ENTRAM OS MISSIONARIOS DA COMPANHIA NA MISSÃO DE XINGU;
MANDAM-SE PADRES PARA AS MAIS MISSÕES E VEM O PADRE
VICE REITOR VISITAR AS ALDEAS.

Logo que o Padre superior da missão chegou ao Pará com o Padre Manuel Galvão, vindo de negociar na Corte a restituição da missão de Xingú aos padres da Companhia de Jesus, foi-se ter com o Sr. governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho e tratar com elle aquelle ponto, sobre o qual lhe escrevia Sua Magestade, que esperava que teria feito a repartição das missões com satisfação de todos os missionarios, e que nunca nem em pensamento lhe viera querer tirar-lhes o Xingú.

O que supposto, lhe disse o padre superior da missão que lembrado estaria como ficaram com elle, que ou lhe havia de restituir a missão de Xingú ou elle não havia de prover mais as missões do rio das Amazonas com missionarios da Companhia; viu-se o governador apertado, porque por uma parte via a pouco razão com que tiraram e a obrigação que lhe corria de tirar-a aos reverendos padres missionarios Piedosos, e por outra achava-se com desejo que com estes ficasse, e assim pediu ao Padre superior que, visto os reverendos padres Piedosos estarem já de posse de Xingú, lhes quizesse deixar aquella missão, pois não faltavam

outras para riba, mas elle teve mão e instou que se lhe restituisse essa missão ou houvesse por bem que não proveria as mais missões para riba, com que vendo o governador que não havia outro remédio, veio no que se lhe pedia e Sua Magestade mandava.

Avizados, pois, os reverendos Piedosos, retiraram-se da missão de Xingú, ficando sómente com a aldea de Maturá, que Manuel Guedes formara das outras aldeas, no que o Padre superior não quiz fazer reparo; tratou, porém, de Instaurar as missões, pondo-lhe os missionarios seguintes, uns logo e outros um pouco depois.

Ao Padre João Carlos, deixou em Caethé com o irmão Iguaelo da Silva; ao Padre Diogo da Costa, mandou ao Maracaná proaldir a residencia de S. Miguel, onde dantes tinham estado successivamente os Padres Gaspar Mizeb, Antonio da Fonseca, João Maria, João Justo e Manuel de Amaral; ao Padre Antonio da Cunha deixou na roça de Munayacú, pondo-lhe por companheiro o Padre Manuel de Amaral; ao padre Miguel Antunes, confirmou no seu posto de Mortigura; a mim, no meu, da capitania de Cametá, na residencia de S. Pedro e S. Paulo, em Ingayta, mandando-me o Padre João Justo por companheiro; ao Padre Manoel Nunes, que estava nos Boetas deixou, até depois lhe mandar o Padre Manoel Galvão, o qual antes de se ir ao Reino tinha enviado Jolles e pediu-lhe guardasse essa sua missão; ao Padre Antonio da Fonseca mandou logo tomar posse da residencia de Xingú, até lhe ir em breve successor, porque os reverendos Piedosos já a tinham largado; ao Padre João Maria mandou aos Tapajós; ao Padre Antonio da Fonseca, á sua antiga missão dos Topinambaranas; o Padre Manoel Nunes estava para ir aos Maraguanes, mas adoeceu e depois, indo-se ainda mal sã, morreu em caminho entre os Ingaytas, onde assistia o Padre Antonio da Silva; estava tambem destinado o Padre João Carlos para os Abacaxizes, mas como sobrevieram as lèstias, ficou continuando em Caethé, e como os missionarios das mais religiões foram pouco a pouco provendo as que lhe tinham cabido em repartição, ficou todo o rio das Amazonas, por ambas as bandas, soccorrido para bem das almas de seus sertões.

Foi-se chegando, entretanto, o tempo da visita, e como o Padre superior Bento de Oliveira, se achou indisposto para fazê-la para cima, mandou em seu lugar o Padre vice-reitor João da Silva, com o irmão Sebastião Pereira, cursista, por companheiro.

Partiu, pois, o padre vice-reitor do Pará aos 29 de setembro de anno de 1697, e aos 25 do mesmo mez chegou á residência de S. Pedro e S. Paulo, em Iahuaba, da capitania do Camoté. Detive-se lá comulgo dois dias por eu mesmo lhe pedir, visitou tudo, como é costume e, praticados os indícios por si mesmo, pois lhes sabia a lingua, partiram depois para Paritá, aldeia principal, onde se vai dizer missa aos domingos e festas principais. Visitou-nos o capitão-mór com os indios, que lhe disseram que me tinham pedido que lhes assistisse sempre lá um padre, sem se retirar para Iahuaba, mas que eu me reportara á resolução do Padre superior da missão, e respondeu-lhe elle que faria aviso do seu requerimento, como fez; e respondi-lhe eu que mandara o Padre João Justo para Iahuaba, para consolação minha, e assim que nos deixasse estar juntos, por entretanto, e assim se fez, porque tinha eu dado palavra que, havendo aperto das bezigas, das quizes se fallava, lhes havia de assistir o Padre João Justo, e fazer-lhes novenas a Nossa Senhora do Socorro, Padroeira da sua igreja e juntamente a S. Francisco Xavier.

Havia naquello tempo uma duvida entre mim e o Padre João Justo, porque lhe parecia que se não havia de levar os indios em rede para a Igreja, para receber o Viatico, mas havia-se levar o Senhor por suas casas, e respondi-lhe eu que era o uso na missão, desde seu principio, fazer vir os doentes em rede, por serem as casas dos indios muito indecentes, os caminhos para ellas muitas vezes mui longe, sujos e perigosos.

Propoz-se a duvida ao Padre vice-reitor e depois ao Padre superior da missão, e responderam que se seguisse o costume antigo, e assim se fez até Deus Nosso Senhor dispôr as cousas de sorte que houvesse modo de levar o Senhor com a decencia devida, sem outras difficuldades, que estorvassem de se o poder fazer; só o Padre João Justo, como escrupuloso, não quiz vir ao que vieram todos os mais padres, por lhes pareceram

melhor consideradas as circumstancias todas, das aldeas do indico que se fundaram no Brazil, assim de se mandar vir os doentes em redes para a egreja a receber o Viatico, quando forem capazes dello.

Dizia o Padre João Justo que o Padre vice-reitor João da Silva dissera se vestissem os que por falta de vestidas não pediam vir á doutrina, e ou, sem embargo de se lhe não dizer tal cousa e custar a vara de panno a cruzado, e nem ainda assim se poder commodamente a descobrir, o fix com desejo de obediencia, porém ficaram admirados todos de tal ordem, em tempos de tanta carestia, quando val uma vara de panno o dôbro que dantes, e nem com os tres cruzados se a pode descobrir.

CAPITULO 13.

ABRE O PADRE SUPERIOR BENTO DE OLIVEIRA CURSO DE PHILOSOPHIA NO PARÁ, E POR CARIDADE SE DETERMINA A LEI-DO ELLE MESMO.

Como quer que o Padre Manuel Galvão, estando no Reino, foi praticar em o collegio da Universidade de Coimbra, para aticar os animos de alguns que ali estão estudando, ou fazendo seu anno de recolhimento para a missão do Maranhão, alguns recolhidos se lhe offereceram para vir com elle ao Maranhão e lá acabar o que lhes faltava, que era philosophia e theologia, que são os sobre referidos no capitulo 10 desta livre. Estes com mais alguns vieram naquella occasião ao Maranhão, onde estava o Padre Ignacio Ferreira acatando de ler philosophia; e sahiam fazendo as disposições para theologia escolastica, e como não havia commodidade de abrir lá nove curso de philosophia foram mandados para o Pará, trazendo comago o irmão theologo João Valladão para ser mestre no Pará, succedendo-lhe, por ordens do Padre superior, naquella função, o Padre Manuel da Costa, como já fica em cima referido.

Como, pois, chegaram estes irmãos estudantes ao Collegio de Santo Alexandre no Grampará, para entrarem no curso daquelle

anno de 1695, consultou o Padre Bento de Oliveira quem havia de ser o mestre, e vendo que uns se escusavam por muita e outros por pouca idade, resolveram: elle a fazer esta caridade á missão, sem embargo do muito trabalho que lhe dava seu officio de superior, estando nisto alguns prelados das mais religiões, que assim o praticavam.

Com isso foram deputados para estudar curso o irmão Sebastião Pereira, que estava no Maranhão latim; os irmãos Lourenço Homem, Antonio Baptista, João Maracot, Antonio de Brito, Jacintho de Carvalho, José Vidigal, Manuel Brandão; ajuntaram-se ao numero destes uns religiosos de Nossa Senhora das Mercês, frei João Pacheco, frei Manuel Correa, frei Manuel da Ascenção, clérigos Manuel Martins, Manuel Palheta, Antonio Alvares, seculares José de Souza, moço vindo do Reino, sobrinho do capitão mór do Pará, Hilario de Souza, Clemente Martins; deputou-se por palestra e aula a sala que ha sobre a portaria do Collegio, assaz accommodada para esta função, tendo sido dantes deputada para receber as visitas, e tendo o Padre João Angelo lido primeiro um bello tratado dos primeiros termos.

Deu-se principio ao curso, que foi o primeiro que se leu em Collegio do Pará, pela entrada de novembro do anno de 1695; continuou-se com muito fervor com suas disputas quotidianas. Foi um pasmo de ver como o Padre superior da missão e depois reitor do Collegio podia com tanto, sendo coisa certa e indubitavel que aquelle Collegio, tem á sua conta acudir a tantas missões e curar os doentes e achacosos que dellas lhe vêm todos cahir ás costas; e como, sem ter uma hora de seu de dia, estudando depois do exame até ás 12 horas, para escrever as postilhas, sendo cada dia 5 horas, assistindo sempre pessoalmente a todas as disputas, não se não dava comigo no chão pelo muito peso, mas andava acudindo a tudo, com alegria e presteza, como se estivesse desoccupado e não tivesse que fazer coisa alguma, e além disso pregando, confessando por dentro e por fóra, visitando os presos e doentes e ajudando-os no que podia, sem deixar de responder ás duvidas e casos que se lhe perguntavam, recebendo e dando visitas, como se fóra que não tinha outra coisa a seu cuidado.

CAPÍTULO 14

COMEÇAM AS BEIXIGAS EM S. LUZ DO MARANHÃO, PASSAM PARA O CANTHÉ E JOANNES, E FINALMENTE DÃO NO PARÁ, ACUDINDO OS PADRES COM SUA CARIDADE E NOVIÑAS, FEITAS A S. FRANCISCO XAVIER, EM AGOSTO DE 1665.

Como em o navio dos tapinhunos, do quasi se começou a fallar em um espítulo que fica a traz, tinha vindo uma pessoa mal aê de beixigas, e por isso estava prohibido de chegar-se a ancorar no porto da cidade, e porque o espítulo o mestre da baa negavam haver já nelle beixigas, o faziam seus protestos á Camera pelas perdas e danos, foi deixado entrar, estando os moradores com os olhos nos tapinhunos; porém o que parecia ser para seu remedio, foi para sua grande ruina, porque com elles, os tapinhunos, entraram as camaras e febres, que mataram muita gente, não ficando de fóra os que tinham alguma mistura de sangue de indios e negros, e nem por isso parou o mal, porque se antes de partir o Padre superior da missão e o governador do Maranhão ia morrendo tanta gente dessas molestias, entrando as beixigas, depois delles partidos, morreu gente sem comparação muito mais.

Começou o mal pelas beixigas brancas de varias castas, e logo seguiram as pretas, que chamam pelle de lixa, e as beixigas sarapilhas e outras desta casta, mal pestíferas, as quaes fizeram tanto estrago nos indios, assim furros como escravos, e mais nos tapinhunos, que é uma dor de coração sómente referir-o; cahiram e foram morrendo tantos, que ás vezes não havia quem acudisse aos vivos e enterrasse aos mortos.

Reluzia nesta occasião a grande caridade em nossos padres do Collegio, e sobre todos o Padre reitor José Ferreira, que sem embargo que tinha assaz que lidar com os seus, acudia com lenha, aguas, peixe e farinha a varias casas e com sacramentos da confissão por si e pelos seus todos, a toda a cidade, não só de dia, mas ainda de noite, a qualquer hora que o chamavam, e para applayar a ira do Céu instituiu uma novena em honra de S. Francisco Xavier, á qual o povo acudia com grande devoção,

por ser com o Senhor exposto, muita castida e pragação ao cabo de tudo; porém, como quer que, quando Deus não quer, os Santos não rogam, sem embargo ter elle esse glorioso e milagrosissimo santo apostolo das Indias eleito por patrono, não parou o mal de todo, supposto que abrandou algum tanto, sendo já insupportavel, por se lhe ajuntar a grande fome pela falta do commercio de farinha, em razão das grandes secas que tinha havido aquelle anno. Para maior ajuda, accrescentou-se nesta parte a fome e guerra, que os Tapuyas faziam aos rios do Meary e Tapecorá, e com isso ficaram os curraes de gado perdidos, sendo estes um dos principaes remedios do Maranhão.

Perdeu o Collegio umas oitenta pessoas, com que ficou quasi despojado, mas Deus Nosso Senhor, como bom pae, teve cuidado de sustentar seus filhos e servos, que com tanta e tão exemplar caridade acudiram á necessidade do seus proximos, necessitados.

Não fez este contagioso mal menos estragos pelos aldeões, moços e enjeunhos, onde também se esmerou a caridade dos missionarios da Companhia de Jesus, ainda então unicos que administravam os sacramentos aos que cada dia iam cahindo e morrendo.

Não deu o mal logo na villa de Tapuyapora, porém depois de acabar quasi no Maranhão, passou para lá e causou as mesmas mortandades.

Deu tambem na capitania do Caeté, onde o capitão-mór e moradores, que dantes tinham perseguido ao Padre João Carlos, não acharam outro remedio de seus corpos e almas senão elle, cuja muita caridade e experiencia de curar lhes valien, para não morrerem tantos como nas mais partes.

O navio dos tapachunos, que metten essa praga no Maranhão, tambem a metten no Grampará, pois, trazendo um homem que tinha sido bexiga, foi esse para a aldeia de Joannes, o qual, levando ainda o mal no corpo, abraçou tudo, de tal sorte que morreram quasi todos os indios, que mal se achava quem acudisse ao pequeno e remasse a canoa das taboas, o unico remedio da cidade do Pará.

Estendeu-se da aldeia pelos arredores, pegou nos Carcayzes,

e outros, que morreriam sem sacramento, se não fôra a muita caridade de muito reverendo padre missionario frei Boaventura, o qual assistia a todos, assim na aldeia como na praia e nos arredores, não lhe soffrendo seu grande zelo apostolico que morresse alguém sem o remédio de sua salvação.

Dalla de Joannes trouxeram os reverendos padres de Santo Antonio, para seu convento, du'a pessoas que tinham tido bezigas, e bastou isso para começarem ellas a arder, não só no convento, mas ainda pela cidade. Antes disso, tinha ido uma canôa, do Collegio do Santo Alexandre do Grampará, levar o Padre Manoel da Costa para mestre de latim ao Maranhão, e na volta tinha dado bezigas em um remeio; a este mandou o padre reitor ao Marajó, onde abraçou os que lá estavam, de sorte que não ficou quasi nenhum delles, e, voltando a canôa para o Collegio, caiu o mal, em meio do caminho, sobre todos os remeios, ficando só o piloto, o qual, levantando a vela, chegou ao porto; mandou-o o Padre superior da missão logo para a roça de Marayacá, com ordem por escripto ao Padre Antonio da Cunha que os apartasse para onde não pudessem fazer danno aos outros.

Como não deram a carta a tempo, tinham já ido para suas casas, não houve lugar para o remédio, e assim começou a arder toda roça em bezigas, morrendo muitos Tupicambazes, assim lá como na aldeia, que se acabou quasi de repente, morrendo. Daquella vez a melhor parte dos Maraguanos, acollido, porém, o Padre Antonio da Cunha, com zelo tão apostolico a todos, que supposto eram muitos os cahidos e que iam morrendo, pois havia dias em que cahiam vinte o quarenta, não houve nenhum que morresse sem sacramento.

Era também feita a cidade do Pará um hospital de bezigosos, sem se exceptuar os conventos dos religiosos, aos quaes abraçava o mal como aos demais; e, sem embargo disso, mandou o padre superior fazer uma novena a S. Francisco Xavier, com o Senhor exposto, com pregação delle mesmo, no fim, com grande concurso de toda a cidade, que em aquelle tempo tão apertada se chegava mais para Deus, e para que não faltassem confissões, ia o Padre Abuzio todo o dia com o padre vice-reitor, João

da Silva, pela cidade, perguntando pelas ruas se havia alguém que necessitasse de confissão, isto por muitas vezes, por não se achar quem fosse chamar confessor ao Collegio.

E não sómente iam os padres de dia apor tão grande obra de misericórdia, mas ia o padre superior da missão e reitor, em qualquer hora da noite, acudir aos necessitados, sendo que em casa não faltava em que exercitarem a sua muita caridade.

Houveram-se naquella occasião os irmãos cursistas como verdadeiros missionários e imitadores de S. Francisco Xavier e filhos de Santo Ignacio. Assignalaram-se, entre os mais irmãos, João Marocot e o irmão Manoel Brandão, porque este sem ter aprendido a sangrar, por falta de quem sangrasse os que necessitavam de sangrias, sangrava o o mesmo fazia o irmão Marocot, o qual também amortalhava já defuntos, pegando nelles sem horror de besigas de pelle de liza, sem embargo de lhe ficar a pelle dos defuntos entre as mãos, e polarem-se-lhe as suas próprias, por terem manendo os mortos daquella pestilencial mal.

Durou a força deste contagio uns quatro mezes, pouco mais ou menos, começando lá pelos fins de agosto, ou principio de setembro de 1695.

O estrago que fez na cidade fez nas roças, abbás e engenhos de açúcar, sendo poucas que não abrazasse; não deu aos índios de Mortigura, porque o Padre missionário Miguel Antunes se retirou com todos elles para o matto, e não sahio senão para ganharem o jubileo que tinha sido mandado de Roma naquella occasião, e se foi ganhando pela cidade e abbás das missões.

A roça de nosso irmão Francisco Rodrigues também escapou, porque se metten com toda a gente no matto; escapou também o engenho de S. Francisco de Borja, porque Dona Catharina, nossa irmã, senhora delle, o encomendou a seu Santo, prometendo de lhe fazer sua festa, como depois fez, assistindo a ella o Padre superior da missão, Bento de Oliveira, então reitor mestre do curso, com todos seus discipulos, que cantaram a missa, sendo eu pregador.

Em o Collegio nos morreram alguns dezolito, e, em Jaguary, uns seis ou sete, e em tudo passante de duzentas pessoas, o supposto que os outros conventos não teriam tão grande

perda, contudo não a deviam de ter algumas muito menores.

Neste tempo das bexigas no Pará morrem afogado em seu sangue, e sem confissão, José da Souza, um dos que no anno 1662 me prenderam no Girupá, e foram apontados depois por levantarem as mãos contra o ouvidor geral do Estado Diogo de Souza de Menezes; e também falleceu Gulliberme Rodrigues Bravo, provedor mór do mesmo Estado, o qual foi enterrado em nossa egreja, tendo-o mui pouco merecido, pois elle foi quem mais se oppoz, quando se tratou na junta, se nos não havia de conceder os chãos que pedia o Padre reitor Manoel Nunes, para alargar a nossa coroa; não quiz o Padre superior senão mostrar como, conforme a doutrina de Christo Senhor Nosso, fazemos bem aos que nos fizeram mal.

CAPÍTULO 15

REVERE-SE COMO DERAM AS BEXIGAS NA CAPITANIA DE CAMETÁ
E COMO SE HOUVERAM OS PADRES MISSIONARIOS DA COM-
PANHIA NO TEMPO DELLAS.

Estando a capitania do Pará ardeendo em bexigas, ainda não tinha dado na Capitania de Cametá; só por irem alguns moradores para a cidade, deram as de pelle de liza e outras na villa e roça do Camará e mais em um indio da aldeia do Parijó, da casa do principal Alaquara, ao qual eu fui confessar, dando tambem, em a mesma casa o baptismo, em necessidade suprema a uma india tapinambá, vinda do trabalhar por ordem do dito capitulo-mór em casa de um branco, sendo ella india gentia com outras duas parentas suas, vindas de suas terras pelo rio dos Tocantins abaixo, para assistirem com o pae de Pedro da Costa, que era seu parente mui chegado.

Foi o mal por diante na villa do Camará, por se deixarem estar e se não espalharem pelos matos, grande remedio contra aquelle, mal como cousa por experiencia; pegaram tambem em algumas casas da aldeia de Parijó, ficando a villa toda abrazada della.

Morava pelo rio dos Tocantins acima um Manuel Marques, homem muito odiado de todos; este andava em desconfiança com Diogo Pereira de Lacerda, morador mais abonado do rio, todo e tanto que este dizia: se queria mudar para o Pará por Manuel Marques ser inimigo seu e arriscar-se que lhe fizesse algum fraco serviço; aconteceu pois que um filho bastardo de Diogo Pereira, chamado Domingos Pereira, viesse com seu tio João Esteves ouvir missa á aldeia de Inhumba, onde estava commigo o Padre Aluizio Phel e com elle, na mesma occasião, viesse tambem Manuel Marques, com sua mulher, filhos e filhas, para o mesmo fim.

Disso eu missa depois da doutrina e pratica costumada, o dita ella e acabada minha recollectão, thos fui dar as boas festas á porta da igreja, enquanto o padre Aluizio Conrade ia ao altar e estando nisso eis que os dois filhos de Manuel Marques correm para a casa do principal Henrique, onde se tinha recolhido Domingos Pereira, depois de ter ouvido a primeira missa, por se ter lá agasalhado seu tio e tia e logo depois ouviram-se umas pancadas de espadas e gritos; acudiram todos que me acompanhavam e achando que eram os filhos de Manuel Marques que tinham dado no filho de Diogo Pereira de Lacerda, os aparteí, reprehendendo a elles e mais a seu pai, que se deixava estar sem dizer uma só palavra, havendo de lhe dar uma boa reprehensão por fazerem o que tinham feito.

Puxou pela espada João Esteves, extranhando a Manuel Marques de permittir que seus filhos fossem tão atrevidos, com que escusou-se, dizendo que Domingos Pereira era mui desbocado e lhe tinha levantado um afove, olhando seu pai.

Soube eu que tudo isso era falso e assim me puz a curar o ferido, cortando-lhe o cabello com tesoura, sobre as feridas e escaçando-as com azote de peixe; sarou infallivelmente das feridas frescas, não menos que com vinho e azeite de Retao.

Como Diogo Pereira tava noticia do caso e tinha filhos grandes, a saber, Manoel Pereira, estudante e Antonio Pereira, que o poderiam vingar, logo fiz com elle que não tomasse vingança propria, mas só fozse por via da justiça, e até isso lhe desaconselhei depois o Padre João Justo, meu companheiro,

com que ficou deixado tudo á justiça, que *ex-officio* os castigou, menos do merecido por terem perdido da parte.

Tinha chegado neste intervallo o tempo do santo jubileu, que se publicou pela villa, onde eu fui para ajudar o vigario, ensinando o povo como se havia de confessar bem, e foi-se Manuel Marques á sua roça, que tinha da outra banda do rio, tendo-se dantes despojado de mim, dizendo-me seria dahi por diante todo da Companhia e ajudaria aos missionarios em tudo o que necessitassem, e como, acabado o trabalho que tinha ido fazer, se deitou na sua rede, depois do jantar, dormiram-lhe seus escravos na cabeça e o mataram com muita crueldade, porque cortando-lhe, para maior sentimento, as partes vergonhosas e lhas penduraram no pescoço, e, feito isso, lhas quebraram o espinhaço e amarrando-o á modo de uma bola o botaram no meio do rio com uma pedra no pescoço e, para disfarce desta sua tão cruel e ignominiosa matança, tomaram o seu escriptorio e futo, levando-o para casa, dizendo que, levantando-se na bahia uma grande tempestade, se afogara e o não puderam achar.

Pedia logo a mulher a um compadre seu, João da Silva, que, em companhia de seus filhos, fosse por caridade buscar o corpo morto; fez-o elle e achou-o por particular providencia de Deus, botando á tona d'agua, sem embargo da pedra que tinha amarrada ao pescoço. Chorou-se muito o defuncto e amortalhado se elevou á villa já com cheiro, por ser morto já de dias e como era homem pouco amado não houve quem assistisse ao enterro senão o vigario José de Souza Chico.

Conhecida já a morte violenta, pela justiça, trataram a mulher e filhos de descobrir os matadores; e vendo o que era cabeça delles, que lhu não succedera bem a sua traça, com que tinha querido encobrir o conhecido, se acobrou para o matto e indo em seguimento delle o pescador da casa o matou e logo veio dar novas a sua senhora, que já lá ficara morto o matador de seu marido; porém, soube-se, pela devassa feita sobre o devido caso, que um crioulo e uma india de casa tinham concorrido para a matança, portanto preuderam-se primeiro na villa e remetteiram-se depois para a cidade, onde ultimamente foram conden-

nados ambos á força e a mão primeiro cortada e pregada nella. Acudiu-lhes o Padre superior Bento de Oliveira, para que ao menos se lhes não cortasse a mão, estando ambos doentes de polido lixa e sendo um delles rapaz de menor idade e outra uma fraca e pobre mulher; mas como Braz de Barros, filho do morto, que tratava daquello castigo como parte, por ordem de sua mãe, não quiz por nenhum modo vir nisso, cortaram-se-lhe as mãos e foram enforcados. Dizem que depois da morte, correrá Braz como louco pelas ruas o cabira desmiado em uma cova que encontrara no caminho; e é certo que se levou a cabeça do matador cheia de bexigas para a capitania do Cametá, onde o capitão-mór tinha feito levantar uma grande força sobre o rio, para a banda do Parijô, na qual se a progou no meio da travessa do riba. Então começou a entrar allí a força das bexigas, que varreram tudo, não perdendo até os mesmos brancos e brancas, dos quaes vieram alguns a morrer, e deu tal mortandade na roça do morto Manoel Marques, que as bexigas a varreram quasi toda. Eu tinha mandado ao Padre João Justo para a aldeia de Parijô para lá fazer novena a Nossa Senhora do Soccorro, cujo painel tinha pintado, e a S. Francisco Xavier, ficando eu em Iahuaba, aldeia de riba, onde estava a residencia.

Foi o Padre João Justo e houve-se na verdade como missionario apostolico, fez suas novenas com suas pregações quotidianas, e procissões pelo terreiro da aldeia com grande concurso de indios e brancos, acudido a todos e sobretudo aos do Camurá, por terem cabido com bexigas, até o mesmo vigario.

Não havia dia em que por chuvas e séas os não fuisse ver, acudindo com os sacramentos a todos os cabidos que eram muitos, e isto bastantes vezes, sem ter que pôr na boca, e passando um riacho, enjas aguas crescidas pelas muitas chuvas lhe davam até o joelho e costas; lá esteve padecendo o que só Deus sabe por alguns mazes, não lhe morrendo na aldeia, por favor da Senhora e de S. Francisco Xavier, mais que umas sete ou oito pessoas, ficando todas as mais sãs e valentes.

Eu, que tinha ficado em Iahuaba, aldeia do riba, tendo exposto um bello painel de Nossa Senhora do Soccorro e outro de S. Francisco Xavier, ambos pintados com um cipó por minha

propria mão, como ouvi que os índios com medo das bezigas queriam fugir para o matto, animei-os; congregados todos na igreja, disse que se deixassem estar na aldeia, e confiados na Virgem Senhora Nossa do Socorro não fassera e tivessem mais cuidado da salvação de suas almas ficando, que de seus corpos fagindo; tratassem de ir diligentemente á missa e doutrina de confessar-se, fazendo sua novena commigo todos, pelo terreiro de sua aldeia. Obedeceram logo e ficaram todos tão contentes como se não huvessem bezigas na terra; fizeram sua novena com grande devoção pelas ruas, levando eu as santas imagens e roçando as fadainhas com elles; e foi cousa tida de todo o mundo por milagre da Virgem Senhora Nossa do Socorro e de S. Francisco Xavier, expostos á devoção na igreja, que não houvesse um só que tivesse bezigas ou morresse dellas em todo o tempo que duraram, não só na capitania, mas ainda no Estado. Verdade seja que a alguns deram umas dores de cadeiras e de cabeça com uns vomitos que eram signaes dellas, mas antes de encomendados á Senhora e a S. Francisco Xavier, mandava eu sangrar logo quatro vezes por Pare Quatreseima, sangrador da aldeia, com que ficaram sãos e valentes, como os mais.

E foi cousa para se notar muito que ao mesmo tempo que tudo eram umas tristezas pelas outras partes, naquelle lugar cantasse eu missas sollemnes, ajudado dos domesticos de Diogo Pereira, que eram os meus musicos, e acompanhavam canto com suas rabecas e violas, que tocavão com muita destreza, e sobre todos elles Manoel Pereira, filho morgado de Diogo Pereira, que, na ausencia do Padre João Justo, me acompanhava, explicando-lhe ou a logica e physica até o fim das cousas.

E foi tanta a mercê da Senhora, que até os vizinhos com João da Silva e outros ficaram favorecidos. Um dellas sómente, chamado Antonio Cirigado, se mudou para cima com medo e tendo estado de antes sem bezigas, logo que se mudou para a riba deram nelle, na mulher e filhos e escravos todos, de que elle e alguns escravos vieram a morrer; e porque tem este successo algumas cousas dignas de reparo, farei dellas aqui breve menção.

Era Antonio Cirigado, homem que com muita caridade

acudia com sangrias e remedios aos indios da capitania de Cametá, ganhando-lhes com isso a vontade para lhe virom fazer um rodadinho e desfazê-lo em sua tempo; aconteceu ter uma filha sua um desmancho, do que emprenhou e fugiu para a villa, onde pariu e morreu; sentiu tanto o pai a desgraça da filha, que não sabia dar-se a conselho sobre a vingança que havia tirar do culpado. Deu-se-lhe por conselho não tratasse disso, mas perdesse e fizesse uma boa confissão; nisto andava o pobre, mas não sentava de fazê-la, em embargo de lhe ter perguntado o Padre João Justo quando acabaria de fazer; mudou-se para riba, para um sítio de um seu amigo, mas como levava uma rapariga, vinda de Camará, com lodiolos de bexigas quando lhe pareciam cousa de consideração, cahindo de pelle de liza elle mesmo e vendo-se apartado no terceiro dia, mandou-me chamar para se confessar comigo. Foi em uma casinha de pegar, porém como cheguei achei-o já defunto, um nada antes da minha chegada, dizendo-me sua mulher que, como vira seu marido sem confessor apertara consigo fortemente o seu crucifixo, e com elle nas mãos dera sua alma a Deus. Senti por extremo o triste successo mas como vi que isto já não tinha outro remedio, puz-me a rezar-lhe um responso e como não houvesse quem o amortilhasse, com sua propria mulher, que estava tambem doente de bexigas, ajudei a amortallal-o e mandei-o, a enterrar na villa de Camará, uma boa mãe de lá. Acabado isso, doutrinei e confessei os escravos, dos quaes uma velha não podia escapar, e de lá me fui confessar o dono da fazenda o qual sua mulher e familia toda, para nenhum morrer sem confissão. Estando eu para sair da casa do defunto, ouvi que a viuva dava ordens, que os que levavam o corpo morto, para se enterrar lavassem tambem na capta o pobre velha chista de pelle da liza para o lançarem em alguma lha, para lá morrer sem fazer dano a ninguém com suas bexigas contagiosas, do que estava toda cheia; portanto, para evitar aquella peccado e crueldade, aconselhei a senhora dos escravos que os que a levasssem á villa e a dessem aos parentes do defunto; fizeram assim, mas como elles, por medo de se lhes pogar aquelle contagioso mal a não quizessem, tornaram os escravos a trazê-la, porém como a casquinha dava

balanços grandes pelas ondas, deu a pobre velha comsigo no rio e lá se afogou, valendo-lha ter sido confessada.

Querendo eu voltar-me para casa, lembrei-me que os escravos que tinham levado o corpo morto a enterrar e mais a índia velha se tinham partido sem confissão, do que fiquei muito preocupado, recendo que, voltiados para sua casa, os levassem as bexigas sem remédio de sua salvação; porém acudia Deus Nosso Senhor, porque sahindo eu pelo Igarapé que levava para o rio, offereceu-se-me uma arvore grande atravessada de tal sorte, que de nenhum modo me dava logar de poder passar, com que achei-me obrigado a fazer detensa até ella se cortar pelo meio a machado; e enquanto os indios que me levavam se iam occupando nisto, ois que chegaram os escravos que tinham levado o defunto e mais a velha, deram conta do successo e mandei-os preparar para os ensinar a confessar a todos dentro da canôa, não sem singular providencia de Deus, porque chegados á casa logo cahiram todos de pelle de lixa, não escapando delles senão um só rapaz. Nem deixou de ser cousa digna de reparo, qua, tendo eu tratado com muitos bexigotos e de pelle de lixa naquella occasião, e, o que mais é, ajustando a amortilhar os defuntos dellas, não pegara aos indios da aldea em que eu estava.

Foi essa praga pestilencial corrente para as aldeas dos Socas e Iagaybas, mas não com a força e estrago, que tinha feito na cidade do Pará e capitania ao redor della.

Parece que minia Deus este contagioso mal, em castigo dos levantamentos contra os missionarios, porque lembra-me que as duas vezes que se levantou o povo contra nós, depois de ambas ellas, se seguiram as bexigas, verdade seja que, como os do Pará, se não levantaram esta ultima vez, parece não lhes havia de vir esse mal, mas deu-lhes porque, como dizia o governador Gomes Freire, se senão levantaram os do Pará ao menos estiveram dispostos para isso.

CAPÍTULO 16

RELATA-SE A MORTE DO PADRE MANUEL NUNES E DO PADRE
MANUEL GALVÃO.

Tendo o Padre Manuel Nunes sido alliviado do pesado cargo de reitor do Collegio de Santo Alexandre, da cidade de Belém do Grampá, como era varão zeloso da salvação das almas, pediu ao Padre superior Bento de Oliveira para que lhe concedesse a nova missão dos Maraguzos, sita entre os Tupinambaranas e Abacaxisos, e já se ia apparelhando para ella, muito contente de a ter alcançado, quando, sendo de pouca saúde, cahiu doente de uns fluxos, que lhe embrulharam a ida por algum tempo, porém achando-se já algum tanto melhorado, foi-se até a aldeia de Uricurá dos Ingaybas, onde tornou a recahir, por não ter ido ainda bem são, servindo-lhe o Padre Antonio da Silva com toda a caridade possível; mas como nada aproveitava, tendo o Padre superior da missão, Bento de Oliveira, vindo em noticia do que se passava, mandou ao Padre vice-reitor João da Silva visse se o podia trazer para o Collegio para cural-o, o melhor modo que pudesse ser; porém como este lá chegou já o achou em tal estado que não podia vir e mais desejava de morrer entre os indios Ingaybas que no Collegio, do qual estava já tão aborrecido, que não queria nada com elle.

Trouxo o Padre vice-reitor o seu feto e elle recebeu todos os sacramentos, deu seu espirito a Deus, assistindo-lhe sempre o Padre Antonio da Silva, o seu companheiro Manuel da Silva, até expirar; enterrou-se lá mesmo, na Igreja, com a sollemnidade que permite uma aldeia de indios; disseram-se-lhe, lá, as missas e, com a nova de seu fallecimento, se mandaram dizer em todas as mais partes costumadas. Foi sua morte na idade de quarenta annos, aos dezanove de novembro, era de 1666, na aldeia de Uricurá dos Ingaybas.

Era o padre Manuel Nunes natural de Serpa, no Algarve, já professo da Companhia; ensinou no Collegio de Nossa Senhora da Luz, nos estudos externos, latine rhetorice com muita satisfação; foi expulso com os mais do Maranhão, no anno 1684; estudou

theologia no Brazil, onde esteve docente muitas vezes; foi depeçado por superior do Padre Antonio Vieira, visitador da provincia, para trazer de lá os sujeitos pertencentes á missão. Elle trouxe naquella occasião os marimbouros e a canelleira; foi examinado, *ad gradum*, no Maranhão e respondeu com muito louvor; esteve depois pelas missões e principalmente na de Caeté, onde ficou afamado pela muita caridade com que acudia aos doentes, de lá foi eleito de Roma para reitor do Collegio de Santo Alexandro do Grampará, ao qual veio governar bem contra sua vontade, e governou com toda a disciplina religiosa; teve grande zelo de adiantar a casa, assim no temporal como no espirital, mas como viu que seu zelo se tomava por demandado rigor, pediu ser aliviado do cargo e ir para a gloriosa nova missão dos Maraguanes, com mais animo que forças, porque adoeceu antes de ir-se para lá, e indo já da caminho ainda mal convalescido, recaiu na aldéa do Uaricuré, entre os Ingaybas, onde falleceu muito religiosamente, com todos os sacramentos, assistindo-lhe os padres missionarios daquelle residencia. Era homem amante da pobreza, castidade e obediencia, mui caritativo para com os doentes e pobres e mui amante de Deus e da Virgem Santissima, em uma palavra, bom religioso, o verdadeiro filho da Companhia de Jesus; dizendo-me elle que nascera sendo seu pai já de muita idade, chamel-lhe filho de velho, e disse-lhe, adivinhando que elle não passaria de quarenta annos; fez reparo no meu dito e sendo chegado a elles ficou mui contente, dizendo-me que já tinha os quarenta, mas pouco lhe durou esse gosto, porque não muito depois o levou Deus Nosso Senhor, aos vinte e tres de outubro.

No mesmo anno, 1695, veio o Padre Manoel Galvão, muito docente de sua missão dos Boccos para o Collegio, para curar-se de uma dysenteria que lhe tinha dado, da qual, sem embargo das muitas mezinhas que se lhe applicaram, falleceu com todos os sacramentos, assistindo os padres e irmãos á sua morte, aos vinte e oito de novembro; foi enterrado na igreja de S. Francisco Xavier, para a banda da Epistola, abaixo das gradilhas da capella-mór. Era portuguez de nação, natural de Ferreira; entrou no noviciado, estudou curso e theologia em Portugal, e

no fim delle, pouco mece, veio para esta missão, trazendo em sua companhia varios bellos sujeitos, e depois de examinado, *ad gradum*, no Maranhão, com satisfação, foi mandado para o Pará e pouco depois aos Bocas, em lugar do Padre Francisco Soares, onde esteve com grande zelo, ajuntando uma bella aldea, pela vizinhança da sua residencia, em tempo de meu Superiorado, e de lá foi chamado por meu successor, o Padre Bento de Oliveira, e mandado ao Reino, com cartas sobre o negocio da missão de Xingu, e tendo praticado em Évora, juntou alguns sujeitos com o Padre José Ferrelra, em cuja companhia voltou para a missão, e como tinha sido muito enjoadado pelo mar, adoeceu gravemente no Collegio de Nossa Senhora da Luz, donde, depois de melhorado algum tanto, veio ao Pará e de lá se foi, em dezasseis de junho á sua missão dos Bocas, em lugar do Padre Manoel Nunes. Passou do caminho pelo Parijô do Cametá, onde me esperou um dia, até ao vir da residencia de Inhúba; deteve-se commigo uma noite, contando-me o successo de sua viagem e lendo-me o papel que mandara offerecer á Sua Magestade e que Sua Magestade, no tocante do que se lhe proponha acerca das leis, respondera que se guardassem como estavam e que longe estava de fazer nellas alguma mudança, e antes as faria imprimir, e reparando-lhe eu nas poucas forças com que ia para sua missão, respondeu-me que ia porque o mandavam; foi, pois, a ella, mas pouco o ajudou a sua pouca saúde, porque, dando-lhe umas camaras, falleceu dellas, como dito fica em ribe.

Era o Padre Galvão homem modesto e siso, prudente, observante de seus votos e regras, e sobretudo muy zeloso do bem das almas, e era sujeito de grandes esperanças, se Deus o não levará para si, por premiar nelle, ainda moço, as virtudes, que muitos velhos em idade e religião não chegam a alcançar.

Nasceu em tres de abril do anno 1654, entrou para a Companhia em vinte e quatro de março do anno 1674, tendo fallecido sua mãe em dia de S. Thomaz de Aquino, e seu pai em vinte e seis de novembro, como elle mesmo deixou escripto por sua propria mão.

Damno foi muito grande para esta missão morrer naquella cidade, em que já era mais apto para servir nella, na pregação de nossa santa fé e salvação das almas; mas foi Deus servido levá-lo, sem embargo disso, e só elle sabe as razões que nós ignoramos; o que posso dizer nesta materia é que o levou por se agredar de sua alma e ser assim vontade para maior honra e gloria de sua Divina Magestade; foi o dia do seu ditoso fallecimento, aos vinte e oito de novembro, uma terça-feira, por uma hora e tres quartos depois do jantar, no anno 1695, no Collegio de Santo Alexandre do Grampará, onde se enterrou, dentro da capella-mór, com toda a solemnidade.

LIVRO 10

TRATA-SE DAS COUSAS DA MISSÃO ACONTECIDAS EM
TEMPO DO SUPERIORADO DO PADRE JOSÉ FERREIRA.

CAPITULO I

E' FEITO O PADRE JOSÉ FERREIRA SUPERIOR DA MISSÃO E PARTE
PARA O GRAMPARÁ, ONDE DISCUTE ACERCA DA MISSÃO DO CA-
META, EM 1696.

Em o anno 1696, aos dezoove de maio, chegou do Reino ao Maranhão a nau «Esperança em Nossa Senhora da Piedade»; nella vieram os Padres Fructuoso Corrêa e Miguel da Silva, com dois novos seculares, a saber, Bartholomeu Rodrigues e Domingos Gonçalves, ambos para entrarem no noviciado, o primeiro por estudante e o segundo por irmão coadjutor. Trouxeram patente do Roma de nosso muito reverendo padre geral Thyreo Gonçalves, para o Padre José Ferreira, então reitor do Collegio de Nossa Senhora da Luz em S. Luiz, da Capitania do Maranhão, ser superior de toda a missão, e mais outra patente de reitor do Collegio para o Padre Antonio Coelho, por então missionario da aldeia de S. José, e outra também de reitor do Collegio do Pará para o Padre Bento de Oliveira, por então Superior e lente do curso no mesmo Collegio. Trazia estas

patentes o Padre Frocinoso Corrêa, o qual, tendo lido curso, foi mandado para cá, para ler theologia no Maranhão, mas porque achou que o Padre superior José Ferreira tinha escolhido ler moral, deixando para mestre o Padre Ignacio Ferreira, quiz elle tambem ler só moral e o Padre Miguel da Silva ficou para estudar sua theologia.

Em a mesma occasião, vota do Reino o reverendo senhor Padre Manoel Homem, filho do capitão-mór Balthazar Fernandes, que Deus tem, provido do donatario Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, para a sua igreja de S. Mathias de Tapuytaperá, mas como achou provido nella o reverendo senhor Padre Ignacio Martins, filho do sargento-mór da villa, Manoel Duarte, pelo capitão-mór, em virtude dos poderes que tinha do donatario, corre pleito entre ambos os pretendentes, nem se sabe quem delles ficará.

O Padre José Ferreira exhibia sua patente no Maranhão, collegio principal da missão, e veio-se para o Grampari com os dois candidatos ou noviços futuros, na mesma nau, dia de S. João Baptista; e foi declarado por superior da missão no Collegio de Santo Alexandre, e o Padre Bento de Oliveira como reitor do mesmo collegio, em lugar do Padre João da Silva, que tinha sido Vice-Reitor; e foi mandado por missionario da nova missão dos Abacaxis e para os Bocas, o Padre João Angelo, que estava no Collegio e tinha lido aos curistas, antes de entrarem no curso, um bello tratado sobre a intelligencia dos termos que costumam embaraçar os principiantes da philosophia. O Padre superior da missão, José Ferreira, logo depois das cortezias costumadas dos amigos e da nobreza da cidade, tratou do governo da missão que lhe vinha encomendada.

Com a nova da sua chegada ao Cametá, onde eu estava por missionario da residência de S. Pedro e S. Paulo, tendo por companheiro o Padre João Justo Lucas, piemontez de nação, a este deu logo vontade de ir fallar com o novo superior, e para isso pediu-me lhe mandasse aviar carta e rémeiros para se passar ao Pará. Fy-lo sem dilação, e mudando o Padre João Justo a vontade de ir, resolvei-me de ir eu dar-lhe as boas vindas; porém como elle tornou a querer ir.

aviei-o e o deixei seguir. Foi a deu ao Padre superior da missão e ao Padre reitor do Collegio, ~~essa~~ informações, que, tendo partido com todo seu fato, tornou a Inhuaba, aldea da residencia, muito contente, dizendo que tinhamos um superior que viera em tudo que elle lhe representara. Entregou-me cartas, dizendo que me mandavam ir, se me parecesse, para o Pará; vi as cartas e achando que não diziam senão que poderis ir, se me parecesse, li mesmo o paragrapho ao Padre João Justo, o qual respondeu que, sem embargo disso, me mandava ir, porque estas palavras não eram mais que palavras de cortezia e respeito que guardavam á minha pessoa. Aconteceu isto aos 4 de julho do anno de 1696, pela madrugada, e vendo eu que o Padre João Justo me falava de véras, no mesmo momento, sem detona nenhuma, lhe entreguei o governo da residencia, e me despedi por subdito seu, dando-lhe logo depois as contas e o rei do tudo que havia na residencia com a entrega de que tinha pertencente a ella, entre outras, que era mais do que teve nenhum missionario do Cametá, até aquelle tempo; e como se seguia dia de domingo, fui com licença sua dizer missa ao Parajó e despedir-me do capitão-mór e fideles, e juntamente do vigário do Cumari e outros amigos. Dahi voltei para a residencia de Inhuaba, e, passando pela porta de Diogo Pereira Lacerda, amigo e procurador nosso, despedi-me d'elle e de toda sua casa, muito sentida de minha ida para o Pará, e offerecendo-se o juiz de Cumari, seu genro, João Esteves, para me acompanhar até a cidade e tornar a trazer a canoa. Aconsetei-lhe a offerta, dizendo-lhe estivesse aparelhado para o dia seguinte, em que o viesse buscar pela madrugada, para partirmos de seu porto para o Pará. Com isso, continuei minha viagem para riba, e estando os remeiros com fome, sem eu ter o que lhes dar, vimos um bello peixe grande que vinha á tona d'agua para baixo e vivo ainda, e com um pequeno espinho que lhe atravessava a garganta. Com isto tiveram que comer e de jantar; não se contentou a bondade e liberalidade do Deus com dar-nos aquelle peixe para a viagem do Parajó a Inhuaba, mas offereceu-nos um bello vado para os indios comerem pelo caminho de lá ao Pará. Ia este atravessando o rio, quando, vendo-o eu sem saber o que era, perguntei aos remeiros que cousa era isto que

vinha atravessando, e como responderam que era um veadão, fomos a elle e o afogámos, levando-o para casa, onde, guardada uma parte para si, deram a outra para a viagem, já assada. Para este intento, tinha eu feito fazer um bargantim grande e novo, de piquil verdadeiro, e neste me embarquei no dia seguinte, despedindo-me do Padre e da aldeia, toda muito sentida da minha ida para o Pará. Foi-me bem cedo para a casa de João Esteves, o qual se embarcou commigo, trazendo commigo uma matalutagem que sobejava para muitos dias. Despedindo-me, renovando os sentimentos, partimos com vasante, pelas 9 horas da madrugada, e sempre com feliz viagem até o Igarapé do Macapá, onde, depois de recolhidos para dentro, nos deu um trovão terrível com ralo, que pela muita luz e fogo que sahia, como quebrando em chammaas junto ao leme, parecia que nos queria queimar; de lá partimos até a saída do rio Majô, pelo Igarapé-mirim, onde demos com a canoa em que iam os Padres João Angelo e Antonio da Silva, este para os Ingaibos e o outro para os Bocas, e como a maré não dava lugar a muita detença, dadas e recebidas as saudações e novas de uma e outra parte, fomos caminhando cada qual por seu rumo, uns para riba e outros para baixo.

Cheguei naquella dia, uma terça-feira, á nossa roça de Jaguarary, onde por então estava o Padre José Barreiros, tendo cuidado daquelle fazenda, já desde que nella houve beixigas, das quaes morreram alguns e elle ficou bem doente e marcado.

Contou-me como lá se ouvia, pelas 9 horas da noite, e pelo cantar do gallo da madrugada, uma voz lastimosa-ssima, com uns ais que parecia cortavam o coração, já ha tempos, na paragem onde estavam enterrados uns mortos de beixigas, e entre elles um escravo chamado Calixto, que mandado para lá, para logo no outro dia se confessar, morrera sem confissão, por se ter lavado no rio; não sabia o padre dizer que cousas eram estas lastimosas vozes, mas eu, a quem não calha este dito no chão, suspeitei era a alma de Calixto, que estaria no purgatorio, e assim devia de ser, porque, ouvindo-se depois, em diversos tempos, pelo irmão Manoel Lopes, que succedeu ao Padre José

Barreiros, finalmente por Mathous Goulas, uma maltrugada do domingo, que vinha ouvir missa, e me contou como ao cantar do gallo ouvira daquela banda, além do rio, vozes tão lastimosa e penetrantes que lhe tinham feito erguer os cabelos na cabeça, mandei a toda a gente, ajustada na igreja, ouvir a missa que eu ia dizer pela alma de Calixto, com que nunca mais se ouviram depois taes vozes; eis, pois, confirmado na minha opinião que era a alma de Calixto, defuncto sem confissão, que estava no purgatorio e necessitava daquello soccorro.

Aos 11, parti de Jaguarary para a cidade, onde cheguei, depois de jantar, e fui recebido com muita caridade pelo Padre superior da missão, José Ferreira, e pelo Padre reitor, Bento de Oliveira, e dalles soubo como me não mandaram vir, mas tinham deixado minha vinda á minha eleição.

Pasmou João Esteves, a quem o Padre João Justo tinha dito que vinha com o mando do Pará para a residência de Inhamba, e desejava elle muito que eu voltasse comigo, o que o Padre superior da missão deixou em minha mão, mas como eu vinha maltratado do mal de fígado que me impossibilitava a viagem, como impossibilitou já dois annos havia, deixei-me estar, para tratar da minha saúde no Collegio do Pará, onde me constituiram por Padre espirital e mestre dos noviços, dando-me tambem minha..., pregações por falta de pregador estavel no Collegio.

CAPITULO 2.

APONTAM-SE OS MISSIONARIOS PELA FESTA DE NOSSO SANTO PATRIARCA, E, TAMBEM ELLE, TORNAM A'S SUAS MISSÕES.

Estando o Padre superior no Collegio com o Padre reitor, e o Padre Aluizio Conrado achacoso, o Padre Manoel do Amaral mestre do latim e o Padre Gaspar Missol velho e mal disposto e o Padre João da Silva se apparelhando para partir aos Absarizes, os irmãos cursistas Antonio Affonso despenseiro, irmão geral do sacristão, e os noviços irmãos Bartholomeu Rodrigues, e Domingos Gonçalves, ajustaram-se pela festa de nosso santo Patriarca Santo Ignacio os padres missionarios das

aldeas, João Maria, missionario dos Tapajoz, Antonio Vaz, missionario do Xingú, José Barreiros, deputado para a missão dos Maraguzes, Miguel Antunes, missionario de Mortigura, Antonio da Cunha, dos Tupinambases e roça de Mamayacú, Diogo da Costa, de Maracanã, os irmãos Domingos Macedo e Manoel Lopes.

Fez-se o recolhimento dos tres dias, como é costume, praticou o Padre Manoel de Amaral, e prégoa a festa de nosso santo Patriarcha o Padre João da Silva, com bastante concurso e satisfação. Nesse dia se expozeram pela primeira vez no altar mór as duas imagens de vulto, que o Padre Bento de Oliveira mandou fazer pelo entalhador Manoel João, o qual tambem tinha feito por ordem do mesmo o Christo crucificado grande da capella grande da capella domestica, com o *ecce homo*, e mais as imagens da Paixão, sendo o Padre João da Silva vice-reitor, em cujo tempo tambem se embelleceu o poço que o Padre Francisco Veloso fizera nos annos atrazados, e fez-se mais o muro de taipa de pilão, supposto que feito de uma banda, e a casa de fóra para parte da portaria do mar para os nossos escravos, e finalmente o refectorio que o irmão Manoel da Silva tinha feito em tempo do Padre Francisco Veloso, sendo eu superior da missão.

E porque não faltam curiosos que de tudo se queiram informar, até do procedimento dos missionarios das aldeas, ordenou o Padre superior da missão, José Ferreira, por ordem publicada no refectorio, sob pena de desobediencia, que ninguem se atrevesse de informar dos indios sobre o procedimento dos padres em suas aldeas, pois isto só tocava ao Padre superior da missão, nem tambem fosse usado referir aos outros o que se tinha ouvido dizer d'elles; ordem muito bem dada; orala que se guardasse!

Acabada a festa, tendo cada qual tratado seus negocios com o Padre superior da missão e reitor, partiram para suas missões os das mais chegadas logo, os outros pouco depois. Aos oito de agosto, partiu o Padre Antonio Vaz para Xingú, dando lugar ao Padre Antonio da Fonseca, que lá assistia por entretanto de ir para sua missão dos Tupinambaranas; depois d'elle o Padre João da Silva para a missão dos Abacaxizes, ajuntados em boa parte

em uma aldeia grande da banda da boca da do rio da Maçeira, em sítio farto e alegre.

Seguiu o Padre José Barreiros com seu meio irmão para sua nova missão dos Maraguatés....., que o Padre Antonio da Fonseca leccionara aos superiores, por lhes não poder acudir, bastando-lhe os Tupinambaranas, com os Andirazes e Corostizes, com os quaes todos corria havia dez annos, tendo sido o seu primeiro missionario de assistência, posto pelo Padre João Peres, sendo superior da missão.

Não houve outra mudança no Maranhão, salvo que para lá foi João Duarte Franco por capitão-mór, Antonio de Miranda por sargento-mór do Estado, e outro por lente de moral em lugar do Padre superior da missão, que dantes era Fructuoso Corrêa, ficando o Padre Ignacio Ferreira, lente de theologia escolastica; foi também feito pelo governador, tenente da fortaleza..... Rosillos, capitão de uma companhia de infantaria d'El-Rei no Pará, em premio de ter trabalhado com grande satisfação na mesma fortaleza, correndo com as obras e obreiros della, desde seu principio até o cabo.

CAPITULO 3º

PRINCÍPIA O PADRE SUPERIOR JOSÉ FERREIRA SUA VISITA PELOS
TUPINAMBALLES; PARTEM OUTROS PADRES PARA OUTRAS
PARTES; HA MORTES DESASTRADAS E CHEGA O GOVERNADOR
EM O MEZ DE AGOSTO DO ANNO 1696.

Partiu o Padre João Maria já septuagenário, para restaurar a missão dos Tapajós e fui eu na canoa da roça do Jaguary, para fazer ganhar o jubileo á nossa gente. Lá me detive uns dias, preparando, confessando e administrando a communhão a todos capazes de a poderem ganhar e ao entretanto catechizei e baptizei umas seis pessoas adultas e acabada esta minha função, para a qual tinha sido mandado, voltei para o Collegio, levando a canoa em que o Padre superior havia de ir visitar. Chegada a canoa com os índios remeiros, embarcou-se o Padre superior, foi-se para Mamayacú, de onde, acabada sua visita,

partiu para os Tupinambás, acompanhado do Padre Antonio da Cunha, missionario delles. Pasmon de ver a desolação e desamparo daquelles miseraveis indios, assim pelo grande estrago que nelles tinham feito e ainda iam fazendo as bestias, como pelo continue trabalho pelo qual os achava divertidos, uns nas obras da fortaleza, outros nas viagens e outros em outras cousas, sem gozarem do descanso que as reaes leis lhes mandam dar. Consolou-os como pode e deixados os Tupinambás, chegou á aldêa de Mirilibá, que achou no mesmo e ainda peor estado, porque havia uns amancebados, outros tão divertidos nos trabalhos que nem para se confessarem nem para casarem achavam logar, porquanto sendo esta aldêa de visita, em chegando o padre missionario estavam communmente ausentes de suas casas, e era necessario tratar com o capitão da fortaleza onde andavam, sem se poder acabar com elle de os desoccupar para tratarem de sua salvagão, e quando se desoccupam é por tão pouco tempo que se não pôde effectuar a cousa como convém.

Por esta razão determinou o Padre superior pôr missionario em aquella aldêa, supposto que uma só por aquella parte, quando vissem bispo, que lhe ordenasse os sujeitos que tinha com os estudos acabados para as missões.

Aos 17 do mez, pelas 8 ou 9 horas da manhã, foi morto a facadas o Sr. José Valente em casa de Domingos de Souza, por um soldado, que logo fugiu para as Merces, e de lá para algum escondrijo, até que teve occasião de se embarcar para o Reino. A causa da morte foram umas palavras de pouco caso que fazia daquelle sujeito; uns dizem morreu sem confissão, outros, que deu signal e fô a absolto; o certo é que, achando-o um religioso sem falta e sem signal, o deixou, e porque me consta que alguns nossos fazem o mesmo, aconselho-lhes que, segundo a sentença de... nunca os deixem assim.

Tinha este moço sido vigario geral, eleito pelo Revm. Sr. Francisco de Lima, que estava deputado por bispo do Maranhão, como foi detido no Reino o Rev. padre frei Antonio da Piedade, provincial do Carmo do Maranhão, por governador do bispado o provisor, o qual, depois de muitas cousas, que obrou, se foi

para o Reino, onde El-Rei se deu por mal servido d'elle e foi mandado para o Brazil, donde era natural, e era este José Valente clérigo, mas tinha largado os privilegios e habito, valendo-se da justiça secular para se usurpar da jurisdicção do governador do bispado, que o queria prender; era bom moço, bem versado no direito canonico, que tinha estudado com grande satisfação de todos na universidade de Coimbra, á custa da fazenda do seu pae, o capitão João Valente, um dos mais abastados homens da cidade de Belém; poucos dias antes de sua morte, tinha vindo visitar-me, dizendo-me que, em vindo o bispo, se havia de ordenar; foi enterrado na tumba dos pobres da Misericórdia na igreja matriz, aos 19; veio o pae, de seu engenho e, perguntado se queria accusar o matador João Baptista, respondeu que elle não accusava ninguém, e pedindo-lhe se depois que perdoasse, pelo amor de Deus, o fez, como bom christão, com toda a boa vontade.

Em o mez seguinte, houve outra morte deastrada, de um mameluco, ao qual convidaram seus amigos fingidos, para uma canoa, e de lá o botaram ao mar, onde se afogou, sem ter logar de se confessar; buscou-se o corpo morto e mandou o vigário Lameira, parente seu chegado, enterrar no adro das Mercês.

Outras mortes houve, que não reffiro por não serem deste logar; quiz contudo referir estas, para dar a conhecer a maldade da terra em que vivemos.

Aos 25 de setembro, chegou ao Pará o governador, vindo do Maranhão. Entrou de noite, ás caladlinhas, chegando com elle João de Moraes, e como veio ouvir missa no Collegio, onde lho fallamos todos, soulemos dos homens do Brazil, que tinham vindo pedir dadas do pasto para seus curraes de gado, pelas campinas que ha do Ceará até Tapeacóró. Tinham voltado por terra pelo caminho mandado abrir para o Brazil, a cavallo, inda com elles Manoel Nunes Colares, que tinha sido ouvidor geral e ia provido no posto de desembargador da cidade da Bahia, por El-Rei, e com elle se detivera mais no Maranhão, para assistir á restituição dos Roça-padres, que se fizera, na villa de Santo Antonio do Aleantara, que communmente chamam Tapuyápera.

Prêguei em a festa de Nossa Senhora do Rosario, em sua propria igreja, com muito agrado, assistindo o governador, na sacristia, acompanhando-me com os mais irmãos ao púlpito, e vindo buscar-me depois, e dar-me os parabéns.

Aos 10, prêguei sobre S. Francisco de Borja, na sua ermida do engenho de D. Catharina, onde se achou o padre reitor com seus cursistas todos; usavam os padres desta cortezia com ella, por ser irmã da Companhia, por carta de Irmandade, mandada de Roma, e ter promettido de mandar fazer aquella festa em honra de seu santo padroeiro, por lhe ter preservado seu engenho, com toda a gente, das heixigas. Aos 18 foi dada posse a seu sobrinho Luiz Vieira, de capitão, por El-Rei, da fortaleza nova de Nossa Senhora das Mercês, qua com sua assistencia e bastante gasto dello, se tinha feito á vista da cidade, e foi a posse dada com um banquete esplendido para os convidados, e com o estrondoso disparo de muitas peças, para maior grandexa da festa.

CAPITULO 4

PREPARA-SE O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO, JOSE FERREIRA, E
LOGO DEPOIS VISITA AS RESIDENCIAS POR CIMA DO GRAN
PARÁ.

Tendo o Padre superior da missão acabado sua visita para a banda do Pará para baixo, não tardou de ir mandar concertar sua canoa, para nella ir continuando a mesma visita pelas residencias de riba, até a ultima dos Abacaxizes, sobre o grande rio das Amazonas, sem embargo de estar ainda pouco acostumado á terra, para se arriacar por uns climas tão desuatos como aquellos para todos. Partiu pois aos.... de outubro, do Collegio de Santo Alexandre da cidade do Belém, capitania do Grampará; não levou por então companheiro nosso, dizendo tomaria, por entretanto, o capitão Paulo, indio de Mortigura, que tinha vindo com elle do Reino, para ter cuidado da matalutagem, que o Padre reitor Bento de Oliveira lhe tinha feito, com toda a largueza religiosa, que convém fazer-se a quem váo

visitar tantas e tão prologadas missões, nas quaes forçosamente deve gastar um superior com os índios e, sobretudo, com os principaes, aguardientes, tabacos, anáes, agulhas, veronicas e cousas deste genero. A primeira residência que tomou foi a de S. Pedro e S. Paulo, em fazenda, aldea de riba, sobre o rio dos Tocantins e capitania do Cametá; estava nella o Padre João Justo Lucas, sem outro companheiro que um Manuel Pereira, moço secular, que ás vezes o acompanhava; achou tudo bem compacto e folgou de ver a egreja com o altar em que estava Nossa Senhora do Socorro, da qual já se fez menção, com uma coroa imperial, que de novo se lhe tinha acrescentado para ornato maior; foi presentando dos índios e, tendo-os praticado, lhes fez suas dadas, conforme ao costume.

Lá não houve senão os baptismos ordinarios e mais cousas quotidianas, pelas egrejas das residencias; uma só cousa lhe referiu o Padre missionario, digna de se relatar.

Tinha o Padre notado que um escravo de Pero, filho de Lobo Quirneté, se ausentava muitas vezes da missa dos domingos e dias santos; avisou disso a Pero, para que mandasse seu escravo que disto se emendasse; avisou-o elle, mas o escravo, mal acostumado, não fez caso do aviso, e, no dia seguinte, em vez de ir á egreja a ouvir missa primeiro, foi pescar em um lago chamada á aldea; tendo pegado um bello peixe, chamado tucaná, vinha mal contente com elle pelo caminho, quando uma cobra lhe saltou ao braco e mordeu em tres partes, com que, querendo chegar á casa, para se curar das mordeduras, lechou logo, de tal maneira, que desmaiou e morreu no caminho, pelo matto dentro; vende Pero, aos senhor, que tardava, nesse dia e no seguinte tambem, pegou em seu arco e flechas para ir ver o que era feito de seu escravo; entrou pelo matto dentro e, tendo caminhado um pouco, deu com elle deitado no chão, com o peixe tucaná a uma illiarga, o peixe foderento, e elle com tres mordeduras terriveis no braco, inchado como uma pipa, fallecido; trouxe-o e mandou-o enterrar, conhecendo tolos que isto era castigo de Deus, com que punia o desculdo desse miseravel, de não ouvir missa aos domingos e festas, ficando para emenda dos mais índios da aldea toda.

Em esta occasião, declarou o Padre João Justo ao Padre superior as causas que tinha para lhe pedir de ser enviado para outra parte, para se livrar dos desgostos do capitão-mór João de Carvalho, e o Padre superior lhe deu licença para ir render ao Padre Antonio da Fonseca, em os Tupinambaranas, e com isto partiu-se para os Boccos e Iagaybas, onde assistia o Padre João Angelo, missionario daquelles, e o Padre Antonio da Silva, destes; e, não achando que emendar, passou, depois de praticados os indícios e contentados com as dadas costumarias, para o Xingó. Lá achou o Padre Antonio Vaz, já restituído á sua missão, que os reverendos padres Piedosos tinham occupado algum tempo; ajudou-o com parte do que levava e foi-se para os Tapajós e Tupinambaranas, onde residia, já muitos annos havia, o Padre Antonio da Fonseca; deu-lhe parte como o padre João Justo o via render e com isso partiu, feita a visita, aos Maraguanes. O Padre José Barreiros, que pouco antes tinha ido para lá, e lá fazendo de algum modo alli residencia, para della visitar as duas aldeas que lhe estavam pelas ilhargas, achou oses indios desrejosos de serem christãos, por terem paragem assaz farta sobre um lago, mas quettosos por ser o sítio pouco salio; animou-os como pôde e subiu para os Abacaxizes, onde tinha chegado poucos mezes antes o Padre João da Silva, com uma aldea mui populosa e abundante; soube estarem cazados dois, o principal Thomé e um ajudante, com suas cunhadas, por terem calado impedimento; apartou-os e os desatrou, por um tempo, e com isso se veio para baixo, encontrando o governador na ida para riba, no igarapé do Liraire.

Perguntou-lhe o governador acerca de que se passava por cima. Respondeu elle que achava por lá muita desordem, que faziam alguns sertanejos, dignos de se tirarem da lá todos; e como o governador tambem a isso ia, em parte, deu-lhe promessa de dar remedio, e partiu para cima, vindo o Padre superior para baixo, tomar a aldea do Grampará.

Entretanto, tinha ido para cima o Padre João Justo, como se dirá no capitulo seguinte, e deteve-se o padre superior para a banda da cidade nas occupações do seu officio até o mez de janeiro, aos 16, e partiu outra vez para o Maranhão.

Achadas já, de todo, as bexigas, entraram uns terríveis catatros, dos quaes morreram muitos indios, e não houve quasi nenhum no Collegio, a quem não desse, e a alguns com tanta força que lhes deu muito que entender; entrou tambem uma caxa de sarampo que matou a muitos e durou mores e mores, e não sómente pela cidade, mas tambem pelas roças e aldeas, mas quasi fez grande estrago, principalmente na gente que lá desceudo, de novo, dos sertões, mandando o governador alguns para forçamento das aldeas, em lugar dos que as bexigas tinham levado em grande numero.

Entre outras cousas que o Padre superior tratou, antes de sua partida para o Maranhão, foi compôr-se com Dona Catharina da Costa, nossa irmã, sobre uma deixa que o capitão-mór João de Herrera da Fonseca, seu primeiro marido, tinha deixado por testamento ao Collegio de Santo Alexandre, para com isso fechar as bocas das faguas murmuradoras, que espalhavam que os padres apertariam com ella, obrigando-a a pagar até perdas e damnos, recebendo desle a morte de seu primeiro marido; mas concertou-se tudo, conforme eu tinha ficado, com licença de nosso muito reverendo padre geral Thyrso Gonçalves, em vida de seu segundo marido, o sargento-mór João Pereira do Seixas, e bem que puzesse no Reino, á sua custa e risco, quatro mil cruzados effectivos, sem mais cousa alguma.

CAPITULO 5

DO QUE SE PASSOU NO COLLEGIO DE SANTO ALEXANDRE, UM POUCO ANTES DA PARTIDA DO PADRE SUPERIOR JOSÉ FERREIRA E DURANTE SUA VISITA POR CIMA.

Antes de partir o Padre superior da missão, pelo mez de outubro, para visitar as residencias, por cima do Pará, fez o Padre Bento de Oliveira, reitor e mestre do curso juntamente, umas conclusões logicas na egreja de Santo Alexandre; armou-se uma cadeira mol bem adornada junto á porta traseira, para a banda da rua. Os defensores foram os irmãos Sebastião Perei-

ra, um religioso da Nossa Senhora das Mercês, chamado frei Manuel Corrêa, e José da Souza, sobrinho do capitão-mór Hilário de Souza, que não assistiu, por estar doente.

Houve concurso de religiosos, clérigos e seculares; entre os religiosos eram o muito reverendo Padre cónsagário geral das Mercês e o muito reverendo Padre frei Antonio, da mesma religião, uns padres da Nossa Senhora do Carmo e de Santo Antonio; dos clérigos, o muito reverendo licenciado Padre Antonio Lameira, vigário da vara desta cidade e outros, e dos nossos, o Padre superior da missão, José Ferreira.

Argumentaram o muito reverendo Padre frei Antonio Soares, o muito reverendo mestre graduado em philosophia, Manuel Tavares, o padre superior da missão José Ferreira e outros; respondeu muito bem o irmão Sebastião Pereira, e os mais assaz bem, para principiantes; o Padre mestre do curso houve-se, pela disputa toda, sempre sem nenhum abalo com o resto risonho, respondendo a tudo, e saltando todas as dificuldades, com a maior graça e facilidade que tenho visto nas universidades maiores do mundo todo; e assim foram muito applaudidos suas conclusões, pelo bom successo que tiveram.

Depois de partir o Padre superior da missão para sua visita, se fez exame dos cursistas; os examinadores foram o Padre reitor e mestre do curso o Padre Gaspar Misseb, o Padre Miguel Antunes e eu. Responderam todos como entendidos admiravelmente bem, de sorte que mal se podia dizer quem entre elles levava a palma nas respostas; e parece-me que nem nas universidades da Europa fazem os cursistas do primeiro anno, mais do que fizeram os do collegio de Santo Alexandre de Gramparé.

O louvor se deve a Deus em primeiro lugar, e depois disso ao Padre reitor e mestre Bento de Oliveira, que sobre as muitas occupações que lhe dão seu reitorado, não se poupa dias e noites para os ensinar e fazer homens e perseveraram depois de feitos; e como se costuma de dar algum divertimento nas férias no fim do anno, levou o padre reitor e mestre do curso os seus discipulos para a aldeia de Mortigura, residencia do Padre

Miguel Antonio, mandando tres ao Padre Antonio da Cunha para Mamayach, por elles mesmos o quizerem, para maior seu alivio; foram agasalhados e tratados em ambas as bandas com os regalos que neste Estado se dão, e se não tiveram os regalos de Portugal, por os não haver, não lhes faltou a boa vontade, que sobre tudo se estima, accommodando-se no mais com a pobreza religiosa, como filhos de tão bom paó.

Fiquei, nesta ausencia do Padre reitor, correndo com o Collegio em seu lugar, o como veio, no entretanto, enão do Maracaná, com cartas do Padre Diogo da Costa, missionario daquelle residencia, só se sabe que dissera Theodosio, irmão de Francisco de Souza, principal da aldêa, que o governador deixara lá dito que o padre missionario não tinha nenhum mando sobre os indios, no temporal, como tinham os missionarios nas mais aldêas, mas que lhes assistia sómente para dizer missa e administrar os sacramentos; que, para o mais, tinham lá o branco que governava as salinas d'El-Rei. Com essa informação, fui ter com o governador e lhe dei parte de tudo, mui claramente, para sabor de sua boca o que disse pensava: respondeu que a aldêa do Maracaná não se havia de reputar por aldêa como as mais d'El-Rei, porque estava deputada pelos governadores antecessores seus, para os serviços das salinas d'El-Rei e viagens dos governadores. Repliquei-lhe com a confiança que tinha, de ter sido seu mestre de latim, no tempo do governo de seu pai, meu confesso, que eu sabia muito bem de quem, quando e para que fôra deputada aquella aldêa, pois estava no Pará quando se fôra esta deputação, e que se bem fôra deputada para as salinas e para pilotes dos que iam para o Maranhão nunca a ouvira deputada para as viagens dos governadores, e supposto que isto fosse, nem por isso parecia haver de tirar-se do numero das que se governam no temporal pelos missionarios, pois a lei fallava e fallia geralmente sem nenhuma excepção, e antes queria Sua Magestade fosse governada pelos missionarios da Companhia, que por um homem pião, que governa as suas salinas; accrescentei mais a isto que se informasse S. S. bem, si aos indios e indias que trabalhavam naquellas salinas se pagavam bem seu trabalho, e se lhes guardava tudo em

que se tinha dando com o seu principal Lopo de Souza, porque havia grandes queixas dos índios sobre esta materia, que se não lhes pagava bem com uns panetinhos de sal, para comerem sua farinha, por não ter elle os escravos que tinha seu pai, para lhe fazerem roça bastante affin de acudir com ella aos que se occupavam das salinas, como elle mesmo lhe dissera. Livrou-se o governador, dizendo que elle deixava as cousas tocantes ás salinas como as achava, e dizendo-lhe eu queillo corria obrigação de ver se tudo andava como era justo, passei a palavra a outras cousas, não o querendo enfiar mais com as de Maracaná.

Não ha que espantar-se que assim se houvesse com a missão de Maracaná, sendo-lhes dado o governo temporal de todas as aldeas d'El-Rei, sem nenhuma excepção, quando, antes de partir do Maranhão, mandou por um sargento uma carta a Agostinho Corrêa, capitão-mór de Icatú, para ter ao missionário João de Avelar, em que dizia não se mettesse, dahi por diante, no governo temporal dos índios daquellas bandas do rio de Itapicuru e Mory, mas que as governasse o capitão-mór, nem se lhe dessem remeiros nem pescadores, pois tinha os Guajajaras, que El-Rei deputava para o serviço das missões, dentro das trinta leguas da cidade; e já que, por occasião, fallei deste ponto, quero referir o fim delle.

Avisei o Padre João de Avelar ao Padre Antonio Coelho, reitor do collegio de Nossa Senhora da Luz, do Maranhão, do que se passava, e elle lhe respondeu pelo parecer de seus consultores, que pedisse um traslado daquella carta ao capitão-mór de Icatú, Agostinho Corrêa, o se elle o não quizesse dar, continuasse como dantes, conforme as leis de Sua Magestade, e como a mesma ordem teve o capitão-mór do Tapeocurú. Pero Paulo, senhor de engenho e amigo da Companhia, disse ao Padre missionario, Manuel Rabello, que succedea ao Padre João de Avelar, que fura mudado para S. José, em lugar do Padre reitor Antonio Coelho, que lá se houvesse confirma lhe parecesse bem. E isto parou a causa, servindo-se o Padre missionario dos índios de sua missão, sem recorrer aos Guajajaras, distantes duas ou tres jornadas para lá, porquanto elle é impossivel ter de

lá os remeiros e pescadores e sustentá-los, dando-lhes seu pagamento, pois é missionário *potestativo*, que não tem senão as esmolas dos índios e brancos, que moram no redor de sua residência, e ser a bom delles, para a missa e sacramentos, com a licença de seu parchoi.

Mas, para tornar a continuar e redobrar as cousas acontecidas pelas bandas do Pará, em tempo da visita do Padre superior José Ferreira em o formoso rio das Amazonas, que eu tinha interrompido, direi que chegou Hilario de Moraes, filho morgado de Manuel de Moraes, senhor do engenho e das melhores casas que ha na praça da cidade, pedindo ao Padre reitor Bento do Oliveira que, visto ter fallecido seu pai, juiz perpetuo do S. Francisco Xavier, se offerencia elle para continuar aquelle julgado. Foi isto aos 17 de novembro do anno de 1696. Aceitou o Padre reitor a offerta e elle foi fazendo a festa do santo naquello mesmo anno, pregando eu com muita satisfação de todos que se acharam no grande concurso daquella festa, sendo dados antes os exercicios aos arrelistas, os quizes os fizeram com muito fervor e depois dellos começaram a seu segundo anno ao primeiro de Janeiro de 1697.

Vieram por aquelle tempo cartas do Padre João da Silva, missionario dos Abacaxis, dando por novas como pelo caminho se alargara a camoa com alguma perda, porém ficara com saude em sua aldeia, que constava de quinhentos indios. Por esse tempo fui eu para a roça de Jaguaryary, para fazer as festas do Natal, e porque no caminho está o engenho do S. Francisco de Borja, que tinha um Boletiminho muito bem feito para aquella noite, o rogaram-me quizesse lá ficar para dizer a primeira missa na igreja do N. S. do Nazareth, e como isso não fructuasse a espectação dos de dentro e de fóra que se tinham lá ajuntado, deixei-me ficar, e disse a primeira missa do Natal, antes e depois da qual houve bellas representações daquello divino mysterio, do qual fiz doutrina e pratiquei, e depois disse fui com toda a pressa, para roça de Jaguaryary, para lá dizer as outras duas missas, como disse, ouvindo primeiro de ambas as bandas as confissões e dando a communhão aos indios e brancos devotos do Santo Nascimento do Senhor. Tendo chegado o Padre João

da Silva com seu companheiro, e irmão Antonio Rodrigues d'alda dos Abacaxizes, logo tratou de casar os, baptisar uns e casar outros; os meninos que se baptisaram foram muitos; os mais se foram baptizando, conforme e permitiam as circumstancias. Adcoem por aquelle tempo, pouco mais ou menos, uma india, a qual dizia que lhe apparecia o diabo, dizendo-lhe não desse credito ao padre, mas que lhe appareceram tambem dois padres, dizendo-lhe não desse credito a esse embusteiro, que era o diabo e por isso queria receber a agua do baptismo; baptisou-a, pois, o padre João da Silva e a chamou Maria, com tão feliz successo que este sacramento divino lhe deu juntamente a saude da alma, como os mesmos padres me contaram e de corpo, porque ficou sã e valente.

CAPITULO G

VÃO O GOVERNADOR E O CAPITÃO-MEIR VER AS FORTALEZAS E ALDÉAS DAS MISSÕES, PARA TIRAR DELLAS OS BRANCOS E INDIOS PREJUDICIAES.

Tinham vindo dos missionarios e outros, muitas queixas do grande mal que faziam pelos sertões do rio das Amazonas: uns sertanejos que, sob capa de cravo e casulo, iam fazendo escravos contra as leis reais de Sua Magestade, e havia uns indios de certas nações mui rebeldes que até os brancos matavam, e além disso tinha o governador ordem de Sua Magestade de ir ver as fortalezas que se tinham feito por elle no cabo do Norte e mais partes como São Maaipá, Paró, Tapajoz, e rio Negro; pelo que resolveu-se, ouvida primeiro a junta, de ir ver as fortalezas, para fazer descer e castigar os sertanejos e as aldéas das nações que se não accomodavam com o serviço da Deusa e d'El-Rei. Armou-se a tropa, si bem que em tempo de pouco commodo por falta de farinhas e por falta de indios, dos quaes tinham morrido muitos pelas bexigas e outros andavam espalhados por varias partes, como se costuma, pois não tem os pobres nenhuma quietude.

Partiu com o Sr. governador Antonio de Albuquerque-Coeelho de Carvalho a maior parte della, indo tambem em sua companhia o ouvidor geral, o provedor-mór, o capitão João de Moraes, o reverendo padre provincial do Carmo, o commissario de Santo Antonio. Houve grandes disparos de peças de artilharia na partida, ressoando o clarim e tamboriz pelos ares, e assim foram caminhando até oengenho de S. Francisco de Borja, pertencente a D. Catharina, nossa irmã, e como seu sobrinho, Luiz Vieira, tinha á custa della arriado muitas couças, foi-se o governador despedir della, da passagem, de onde se originou o alvoro que logo lhe levantaram que ella casara com Antonio de Carvalho, capitão-mór de Cametá, irmão bastardo do governador, sendo tudo falsissimo, como mostrou o tempo. De lá partiu para banda de Jaguarary, onde eu estava por então, para se despedir de mim e que o encommendasse a Deus Nosso Senhor. Antes d'elle, veio para o mesmo fim o muito reverendo Padre provincial do Carmo, frei Manoel da Encarnação e o provedor-mór com o capitão João de Moraes, Francisco Potlitz e o capitão Pedro da Costa Real, e partidos estes, como ouvi tocar charamellas e sabendo eram do governador, desci pela escada grande que ia para o rio e o espereti, dando-lhe as boas vindas e desejando-lhe boa e feliz viagem, e com isso sem muita detença nos despedimos.

Partiu de lá para o Cametá a visitar da passagem a villa de Cumará, do qual, acompanhando-o o seu irmão Antonio de Albuquerque, capitão-mór da capitania, passou pelos Ingaybas e se deteve alguns dias com o Padre Antonio da Silva, missionario dellas, muito seu amigo, por lhe ter mão nos índios, e lhe não faltar com elles nem com as farinhas necessarias para as fortalezas, e mais pelo bom agasalho que fez a todos os brancos, de onde procedeu mandar-lhe Sua Magestade seus louvores e agradecimentos. Dos Ingaybas foi ver a fortaleza do Macapá, no cabo do Norte, e deixando-a provida de 20 soldados com seu cabo Manoel Postani, com mantimentos e munições bastantes para se defender, foi-se á fortaleza do Pará, onde depois de a visitar, fez o mesmo, ficando por cabo Melchior de Gracillas. Dahi foi visitar os reverendos padres Pladossos de Gurupytba que tinham succedido em nossa igreja e casa, e esta-

vam sem saber duas palavras da lingua com aquelles indios, fallando-lhes por interprete ou em portuguez, que debalde pretendiam traduzir, sem nunca os acharem capazes de aprendel-o, salvo na cidade, e estando, sem serem divertidos, servindo annos e annos aos brancos, com os quaes se criaram de meninos e sem lo de idade aprendem duas ou tres palavras, e não as sabem senão depois de terem bebido uma gota de aguardente, da qual são afeiçoados.

De lá chegou a ver a fortaleza dos Tapajóz, sita em um outeiro que, sendo eu missionario daquelle aldéa e do todo o rio das Amazonas, mandei roçar, por ordem do Padre Antonio Vieira, superior da missáo e visitador della, no anno de 1661, pelo mez de agosto, pouco mais ou menos. Era capitão daquelle fortaleza e superintendente da do Pará e rio Negro, feitas á sua custa, o capitão Manoel da Motta, filho natural de Manoel da Motta, que primeiro alcançou estes postos, com a condição de fazer aquellas fortalezas.

Lá fallou o Padre João Maria, missionario, com o governador, e lhe communicou como se lhe offerceiam umas vinte aldéas de lingua geral, de nação de... para se descerem; pediu-lhe o governador as descesas para as aldéas de baixo, mas, como estas não tem descanço, nem com ellas se guardam as leis do Sua Magestade, não as quer o padre descer, salvo seja com condição que não sirvam senão quando e a quem quizerem, pois estão em terras fartissimas, e não pretendem de se descer para onde está o padre sobre o rio dos Tapajóz, sinão meramente para serem christãos e tratarem de sua salvação.

Dos Tapajóz, onde o Padre João Maria fez curas e bellas hortas, e está para fazer uma igreja do taipa de pilão, com a vinda do capitão seu amigo, partiu o governador com todo seu acompanhamento para os Tupinambaranas, onde se agasalhou uns dias na residência do Padre Antonio da Veascca, o qual o recebeu, conforme sua pobreza, o melhor que pôde; porém, pedindo-lhe o governador conta das aldéas, respondeu elle que isso já tinha dado a seu Padre superior da missáo, que poucos dias antes tinha lá ido visitar.

Dos Tupinambaranas foi aos Abacaxis, onde estava o Pa-

dro João da Silva, e ali se deteve e depois passou ao rio Negro: lá viu a casca forte que o alferes Ambrozio Muiz tinha governado annos, e em cujo logar succedera Luiz de Moraes; ajuntou os indios e praticou-se para que fossem felizes brancos e a coroa de Portugal, a que tinham dado vassalagem. Era necessario peiticar bem aquelles por terem os de seus sertões morio, pouco havia, uns brancos e tapanhecos, que andavam tirando salsa por aquelle rio; feita esta diligencia passou o reverendo padre provincial do Carmo, por ser sua a missão do rio Negro, para riba até os Cambéas, onde estava o Padre Samuel Fritz, Bohemio, das missões de Quito, donde tinha vindo para lá.

Estava mais lá, então, Manoel de Souza Fundão, tirando cacau, os quaes intimaram com toda cortezia ao Padre Samuel, que essas missões eram da coroa de Portugal, concedidas aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo, e assim as deixasse a elles, pois elles estavam em repartição, e nada houve mais sobre esta materia. Só advirto aqui que si bem as missões dos reverendos missionarios do Carmo, que estão ahí, são boas, contudo as nossas daquella banda para o sul, são muito melhores, sem comparação, como se dirá depois.

CAPITULO 7

PARTI O CAPITÃO Mór DO PARÁ. HILARIO DE SOUZA, EM SENTIMENTO DO GOVERNADOR E MORRE, NAQUELLA VIAGEM, EM CIRIPÁ.

Sendo partido o governador para cima, se acharam uns pasquins feitos contra elle e outros, por uns mal affeiçãoes. Foram ás mãos de Antonio Lemeira da Franca, vigario da matriz e da vara e do capitão-mór Hilario de Souza; soube delles o Padre reitor Bento da Oliveira e deu por conselho que, visto terem ainda chegado só ás mãos de tres pessoas, si os supprimissem; mas o vigario da vara, não seguindo seu conselho, que era o mais acertado, publicou uma excommunhão e fez autos contra os delinquentes para saber quem eram, sendo que diziam que o autor se tinha vindo accusar em confissão.

Hilário de Souza, capitão-mór do Pará, tendo convalescido de uma grave doença que tivera, partiu aos dezessis de dezembro, a traz do governador e o alcançou em Macapá e lhe communicou as pesquisas, o que elle, como prudente, dissimulou, havendo-se como quem se lhe não dava deitas aleives. Lá se apartaram e ficando o capitão-mór Hilário de Souza para a banda da fortaleza do Pará, deixou partir o governador para riba, mandando por aquelles sertões do Pará o capitão Reolles, para ver si havia indios para se descer para as aldeas do baixo, como se desceraem alguns.

Adoeceu o capitão Reolles e morreu Miguel do Rego, irmão do Gabriel de Moraca, morador de Maranhão; e foi enterrado no Gurupá, com outro moço, parente do capitão-mór, o qual, vendo-se melhorado, foi ter com o governador e os mais que o acompanhavam nos Abacaxizes, onde adoeceu o Padre João da Silva, que o governador levou consigo para o rio da Madeira, para ter singular cuidado d'elle. Pouco depois adoeceu tambem o capitão-mór, Hilário de Souza, ficando em pé o governador, ouvidor geral e Francisco Poidiz nos Abacaxizes, para onde se tinham tornado a retirar. Ficou o governador da fragueza dos mais, mas elle não tardou de cahir tambem, porém inde convalescendo todos alguns tanto, só o capitão-mór ficou maltratado de tal sorte, que o Padre João Maria lhe deu os sacramentos nos Tapajós, para onde se tinham já desido; porém como foi melhorando um pouco, cuidando o Padre João Maria que estava já escape do perigo, veio para o Pará, onde deu novas de sua melhoria; porém logo elle morreu, e chegado ao Gurupá fez seu testamento, assistindo-lhe para isso Francisco Potifaz. Deixou por herdeira Maria de Siqueira, sua mulher, e sua ormlida de S. José aos reverendos padres Piedosos, para lá morarem, mandando se lhe fizesse convento para isso; deixou 20 peças a cada sobrinha de sua mulher e a seu sobrinho José de Souza, para ser clérigo, um cacual e quantidades de missas para sua alma; e assim, recebidos todos os sacramentos, falleceu com a assistencia dos reverendos padres Piedosos. O governador, que era muito seu amigo, o visitou e mostrou seus sentimentos, pondo-se de luto, porque além de ser seu grande affeiçãoado, tinha recebido d'elle um signal

de benefício, e é que devendo-lhe muitos mil cruzados, conforme se diz, lh'os perdeu por testamento lodos. Mandou-se o corpo morto em caixão para baixo e enterrou-se com solemnidade em S. José, lugar já destinado por elle para sua sepultura, e em demonstração publica do sentimento acompanhou o corpo a alladaesca da noite e conforme o costume, que ha nos fallecimentos dos capitães mórns, houve toda a noite de tempo em tempo tiros de artilharia da fortaleza da cidade. Era Hilario de Souza de boa casa, natural de Portugal, de onde veio ao Pará, onde tinha seu tio Ayres de Souza Chiehorro, cavalleiro do habito de Christo, que tinha sido capitão mór do Pará e lá mesmo era senhor de engenho muito abonado; casou com Maria Siqueira o supposto que seu tio o ajudou muito pouco, ajudou-o Deus, dando-lhe grandes bens e dois filhos, os quaes, depois de crescidos, se afogaram na paragem de Guarápiranga, vindo para a cidade com a mãe, com insuportavel dôr e sentimento, assim della como de seu pai, isso achando-se sem filhos com grandes bens, casas e fazendas, e alguns 400 indios, entre escravos e outros que tinha grangeado, parte comprando-os, parte ganhando-os pelas sertões em guerras, para as quaes tinha sido mandado, por ser homem esperto, e não haver outro na noticia das terras e nações dos indios que mais sempre fosse respeitado e temido d'elles por todo o rio das Amazonas e seus sertões. Como elle tinha fundado com sua mulher Maria de Siqueira a ermita da S. José, esposo santo da Virgem Senhora Nossa, da qual era muito devoto, ornou-a com retabulo e imagens de vultos bellissimos e mais com paineis de grande estimo da Paixão de Christo, feitos em Roma, e trazidos pelo bispo, primeiro deste Estado, D. Gregorio dos Anjos, provendo-a com ornamentos e todos os mais requisitos que se podem desejar. Estava muito nomeado no Reino e amado na terra por ser homem quieto e já lhe tinha vindo o habito de Christo, em recompensa de seus muitos serviços, e estava esperando o posto supremo de governador e capitão general do Estado, quando offerecendo-se occasião de ir o Sr. general ver as fortalezas, quiz acompanhalo, ainda que mal convalescido de uma grave doença, por ver que levava consigo todos os mais ministros reaes e como os mais

climas do rio das Amazonas o acharam ainda com muy poucas forças, deram com elle na cova, ajudando para isso uma nova que veio ao governador, estando no tiarupá, a da presa e tomada das fortalezas Macapá e Pará pelos francezes, da qual logo fallaremos no capitulo seguinte.

Sentiu tanto Maria de Siqueira, sua mulher, o fallecimento de seu marido que fez cousas de mulher deida de sentimentos, e poucos mezes depois falleceu tambem ella, recebidos todos os sacramentos, aos 2 de setembro, deixando por herdeira a ermida de S. José, com 600\$ annuos, aos reverendos padres Piedozos, com obrigação do administrador de toda sua fazenda lhos pagar cada anno e fazer-lhes o convento, além de muitas esmolas e missas pela alma do seu marido defunto.

Cuidavam alguns seculares que ella o mais seu marido defunto deixariam essa ermida aos padres da Companhia, por verem o Santissimo Nome de Jesus pelas portas da casa, mas quiz Deus a deixasse aos reverendos padres Piedozos, que como novos na terra, careciam de hospicio; não se podia dar melhor a ninguém que a elles.

Quiz fazer aqui menção do capitão mór Hilario de Souza e de sua mulher, por terem encorrido com todo o necessario para se porem em via as duas missões de Matary o rio Negro, e tratado ao Padre Aluizio Conrado Pheil, missionario de Matary com tanta caridade que, estando elle na tropa de guerra, nos Abacaxires, e vindo-lhe o padre trazido doente na canoa, o tomou nos braços e o levou para casa, tratando d'elle como se fôra um filho seu, do que Deus lhe terá já dado o pago e eu faço d'elle esta memoria em agradecimento perpetuo do beneficio recebido naquella occasião, além de outro grande que fez ao Collegio, no tempo da vinda dos Maraguanos, que o Padre Antonio da Cunha trouxe para a nossa fazenda de Mamayacó, sem falar nos 100\$, que Maria de Siqueira nos deixou por testamento.

CAPÍTULO 8

TOMAM OS FRANCEZES AS FORTALEZAS DE MACAPÁ E PARÁ, E TENDO DADO NOTÍCIA O GOVERNADOR ANTONIO DE ALBUQUERQUE NO GURUPÁ, MANDA A FRANCISCO DE SOUZA PUNHAO, QUE AS RECUPERAR COM FELIZ SUCESSO. 1667.

Andando o governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho visitando as fortalezas do rio das Amazonas para riba, tendo deixado sufficiente presidio com mantimentos e munições bastantes nas de baixo, que eram Macapá e Pará, veio o Marquez de Ferrollos, governador de Cayenna, por parte da França, sobre a fortaleza de Macapá, com quantidade de canoas carregadas de soldadesca para reparações de guerra e mantimentos. Viu-os o cabo Manoel Pestana de Vasconcellos e reconhecendo eram francezes, como quer que não havia guerra entre as duas coroas, Portugal e França, desceu para o porto, perguntando de longe quem eram, a que vinham, e que era o que pretendiam; respondeu o Marquez que vinha da parte do seu Rei, com ordem de conquistar a fortaleza e podia-lhe lh'a entregasse em paz, pois era sua por direito, por estar em suas terras, e quando não, havia de a tomar com os soldados que trazia para este effeito. Respondeu-lhe o cabo Manoel Pestana que si sua Senhoria pedisse outra coisa que se lhe podesse dar, a daria com muito gosto, mas que por nenhum caso entregaria a fortaleza senão levada á viva força por não poder mais. Com isso subiu para riba e mandou fechar as portas, e deu ordem ao artilheiro que disparasse uma peça das que lá havia contra os francezes, que vinham marchando para cima com bandeira desfraldada e tambor... armados todos, e preparados até de petrechos de fogo para acometer. O artilheiro, official pedreiro da sua officio, que sabia melhor manear a sua colher para rebocar paredes que disparar peças, não acudiu logo, por não estar a peça aparelhada; com isso chagaram os francezes á porta, preparados já a betar seus fogos artificiaes e fazel-a render-se á viva força, quando o cabo Manoel Pestana, vendo-se sem animo dos que o acompanhavam, se entregou com a praça, com as condi-

ções que dirão as cartas do Marquez escriptas ao governador.

Tomada a praça, mandou Ferreiros tomar e arrasar a fortaleza do Pard, o que foi feito do modo que tambem dirão as cartas, que escreveu ao Sr. general Antonio de Albuquerque.

Traslado da carta do Marquez de Ferreiros, escripta ao governador Antonio de Albuquerque, que, á instancia delle, trasladou finalmente do francez em portuguez, tendo já trinta e sete annos da missão do Maranhão, neste anno de 1697, logo depois de me terem chegado á mão para esse fim.

«Depois de vos ter eu escripto muitas vezes, Senhor, que El-Rei meu amo não permitta que fizeis edificar fortaleza da banda occidental deste rio, como terras dependentes de sua corôa, ordenou-me Sua Magestade de expulsar os portuguezes, o que me tem obrigado a vir cá, onde mandei avisar ao Sr. Manoel de me entregar a fortaleza, o que elle recusou fazer; portanto, cheguei eu mesmo em pessoa á porta della para com isso obrigal-o a não esperar o fôgo de meus soldados, os quaes estavam prontos a lançar os seus fogos artificiaes e foi tal a sua obstinação que me custou muito del-o.

«Envio-vos, Senhor, a cópia do inventario do que tenho achado nesta fortaleza; encontrei munições de guerra para o presidio e as deixei nella, tiradas as armas dos portuguezes, as quaes lhes tornei a dar; nenhum francez lhes tem feito injustiça alguma, mas uns indios tomaram algumas camisas e outros fatos miudos nas casas de fora, enquanto eu estava na contra-carpa da fortaleza, de que mandei restituir o que me foi possível.

«Mando derrubar a fortaleza do Pard.

«Estes factos, Senhor, vos farão reflectir sobre o direito da França a estas terras, e vos devem significar que nunca houve linha de demarcação entre nós, e que aquellas que declaras terem sido feitas pelo Papa Alexandre Sexto não têm o mesmo valor em França que entre as corôas de Portugal e Hespanha, sem entrarmos mais para dentro de nossas justas pretensões.

«Convido-vos, vômente pela consideração que sempre vos prestei, a não esperarardes novas desavenças entre nós, e de con-

tribeirdes de vossa parte para conservar a nossa boa união e com o mesmo soffrimento que tive em receber todos os estorvos e injurias que têm feito os subditos de vosso governo ou de meu sobre as terras de sua dependência ou jurisdição, espero fareis dar fim a essas desordens, pelo que eu terei em todas as occasiões logar de vos dizer que sou com muita amizade e toda a estimação que mereceis, Senhor, vosso muito humilde e obediente servidor.

—Ferroles.

Esqueci-me de vos significar que tenho ordem de impedir as guerras que mandaes fazer aos indios destas terras, e do amparar-os como subditos de Sua Magestade.

«Macapá, tres de junho de 1697.»

Segue-se o traslado da que escreverem, da fortaleza do Parú, ao governador Antonio de Albuquerque, o capitão francez Lamothé-Caigrón, que tambem eu fiz :

« Senhor, pelas cartas que o Marquez de Ferroles vos escreveu de Macapá, tereis sabido da razão que elle teve para se apoderar daquella praça, a qual o obrigou a enviar-me para esta, não de fazer-me dono della, e, com sentimento, a demolila. Depois de ter aqui chegado, dei aviso a quem de vossa parte a guardava, para m'a entregar, o que tendo elle feito sem difficuldade nenhuma, tratei a elle e aos seus com toda a brandura que podiam desejar.

« Fui ver as casas dos indios e tendo respeitado o pouco mantimento que achei na praça, me peiz fóra do estado de pode la arrazar, como tinha ordem de fazer ; contentei-me com queimar sómente as casas dos portuguezes para vos fazer conhecer, Senhor, que o Sr. Marquez de Ferroles tem ordem de impedir que façais qualquer morada estavel na parte do rio que depende do seu governo.

« Fiz conservar as casas dos indios por consideral-os vassallos ou subditos de El-Rei, men uns, tendo o Sr. Marquez ordem de olhar para elles como taes e tornal-os debaixo de sua protecção ; e é isto o que elle diz na carta que vos escreverem de Macapá. Si não lhe tivossem assegurado que tinheis voltado ao Parú, teria dado uma eborada até aqui, para esperar por vós e vos explicar as ordens que tem.

« Também: ás conservar a egreja por ter ordem de respeitar os Reverendos Padres missionarios que achasse, que El-Rei, sempre Christianissimo, acha muito bem que continuem a instruir os indios desta banda até que os nossos missionarios o possam fazer.

« Tenho depositado nas mãos do Sr. Melchior Ornellas da Camara, de tudo que aqui se achou, um inventario, que se tambem vos envia.

« Dei-lhe permisso de ir pelo rio do Pará, em busca de gente e dos effeitos que lá tem, e um passaporte para que não seja estorvado pelos francezes que ficaram naquello rio, tendo o Sr. Marquez do Ferrolles julgado a proposito conservar a fortaleza de Macapá, em a qual deixou cincoenta homens para seu presidio.

« Sinto, Senhor, que a falta em que me acho me impeça de me deter aqui para executar perfeitamente as ordens que tenho, e para vos mostrar muito melhor por mim mesmo que por minhas cartas a senção do Sr. Marquez do Ferrolles, e a consideração com que sou, Senhor, vosso muito humilde e muito obediente servo, Lamoignon Caligron; de Pará, aos dezoito de junho de 1697. »

Estes são os traslados das cartas do governador Ferrolles e do capitão dos francezes, ás quaes respondeu nosso governador, com muita cortesia, que passava que, não havendo guerra mas summa paz entre os reis de Portugal e França, visse esta, debaixo do capa de amizade, occupar as praças da Corôa de Portugal, o para que não lhes pareceste que os portuguezes tinham menos valor e justiça que os francezes, mandou a Francisco de Souza Fundão, com uns soldados e indios equipados de tudo para restaurar a praça. Offerecendo-se-lhe boa occasião, partiu Francisco de Souza Fundão, por ordem do governador, com grande animo de desaffrontar seu Rei com perla de sua vida, sendo necessario, para a restauração da praça, e foi com tão bom successo que, acudindo o Céu pela mitta justiça da Corôa de Portugal, pouco depois de chegar ás esquadras da banda de Macapá, prendeu um lote de soldados, que em canoas andavam para fóra com o seu missionario, o Padre Claudio de La

monse, da Companhia de Jesus, ao qual tratou mui bem, mandando os soldados presos ao governador, para o Gurupá, por cuja ordem tornou a mandar o Padre missionário aos seus para a fortaleza do Macapá, guardando as canoas, e levando um soldado portuguez um dos francezes perto da mesma fortaleza, indo a nado debaixo de agua cortou-lhe a corda e trazel-a nos seus. Poucos dias depois tivo o cabo outro encontro com os francezes, que tinham feito uma saída, na qual lhes matou o espiá, e havia de matar os outros si não tivessem se acolhido, correndo com toda a pressa, para a fortaleza.

Antes que o cabo Francisco de Sousa Pandão tornasse a mandar o Padre Claudio de Lamousse aos seus que estavam na fortaleza, disse-lhes se rendessem a si não que cedo ia iria obrigar a força a se entregar; assim o fez, porque não se lhe dando logo o tempo aos francezes de amigavel aviso, foi com os seus soldados accommetter o forte e quando menos se precitaram acharam-se junto á porta para arrasa-la com alavaca, e como esta se dobrasse, mandou, sem reparar nos muitos tiros que faziam os accommettidos, applicar escovas e escalar os muros pelos interstícios, os quaes, dando uns espantosos arcos, metteram meio aos francezes e o capitão-mór de La Forré, vendo-se apertado, disparou dois pistolaços á queima-roupa contra o valeroso cabo dos portuguezes, dos quaes um lhe queimou o cabelo por cima da cabeça e outro lhe passou debaixo do braço. Elle correu uma estacada ao capitão e o feriu gravemente pela virilha, com que elle pediu quartel e entregou a praça com tudo o que tinha, mas dizendo levaria para sua terra a honra de ter sido ferido de um capitão tão valoroso como aquelle; mas o brioso Panão não quiz aceitar senão o seu espadim, que lhe offereceu.

Tinham os francezes pedido por capitulações, antes de se entregarem, os deixassem sahir com suas armas, banheira despregada e tambor batento, mas isto se lhes negou, concedendo-se-lhes somente a vida e passagem livre para Cayennas com o necessario para a viagem por mar, em canoas, como tinham vindo com o Marquez de Ferroles para o Macapá. Para isso os mandaram aos Aruans, que foram os que os levaram, indo com elles o Padre Claudio de Lamousse, seu missionário, da Companhia de Jesus,

por não querer El-Rei da França nem clérigo nem religioso de outra religião que da Companhia, com que acudir ao espirital dos brancos e índios.

Pedia o capitão ferido ao cabo Francisco de Souza Fundão que lhe deixasse suas camisas, e que fez com muita vontade, fazendo-lhe mais offerecimento cortez de suas próprias, de panno fino do Reino, se fosse servido de as aceitar. Fez-se esta restauração do Macapá, pelos 10 de julho 1697 com grande credito do valor e armas portuguezas, especialmente do governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que a tinha mandado fazer, e com incrível estimado valor e generoso animo do cabo Francisco de Souza Fundão, o qual, tendo-se deixado ficar umas semanas no logar de suas victorias e gloriosos triumphos, veio-se com grandes festas, arrastando a bandeira dos francezes pelo caminho, desde o porto da fortaleza do Parí até o palacio, onde, beijando a mão do senhor governador, lh'a entregou em signal de suas victorias, e querendolle por algum modo começar a premiar os seus merecimentos, mandou que arvorasse geneta de capitão d'El Rei, ao qual foram as novas da restauração juntamente com a da tomada anterior de Macapá, para lá no Reino ordenar o que se havia de fazer ao seu Estado do Maranhão, si os francezes, como ameaçavam, o quizeram acometer. Quiz Deus Nosso Senhor que se restaurassem aquellas duas fortalezas Macapá e Parí, porque sem isso ficavam perdidas todas as misões da banda do Norte, e podiam ser infectados de alguma heresia os pobres índios pelos hereses que se presume acham-se entre os francezes de Cayenna, porque na igreja dos Reverendos Padres de Santo Antonio achou-se o crucifixo e um menino Jesus feitor em pellica, e a santissima imagem da Virgem Senhora Nossa com uma cutilada na cabeça. Com grande sentimento dos portuguezes, tão amigos de nossa santa fé e do culto divino, que não se honram e veneram a Deus, mas tambem a seus Santos com incomparavel devoção.

CAPÍTULO 2

O QUE SE PASSOU DESDE O PRINCÍPIO DO ANNO 1677 ATÉ A PASCHOA DA RESURREIÇÃO.

Ao primeiro de janeiro, dia de Jesus, préguei a festa de Jesus no Grampará, e entraram nos estercelos os novigos; aos quatro fui o Padre Superior José Perreira visitar o Padre Miguel Antunes em Mortigura, na canção do Padre Antonio Vaz, que ia para comprar farinhas para sustento do indio rovo de sua aldeia de Xingú. Contaram os que de lá vinham como um Balthazar Fortado, filho de Camotá, fora descer uns indios que o Padre Antonio Vaz tinha mandado trazer á sua custa do sertão, situado da banda de além da aldeia de Xingú e os levava para a capitania de Camotá. Encontrando-me na dopala com elle, perguntou-lhe com qua confiança descera indios alheios, já aldeados pelo Padre Antonio Vaz; respondeu-me que, logo para descer Jurunas do Matto, achara aquelles opulhados fora de sua aldeia, em busca de sustento, e assim os trouxera, por elles mesmos viam nesta sua doçida, para não morrerem de fome, que naquelle tempo das beixas era tanta, por falta de roças, que os padres compravam farinhas á custa de suas residencias para sustentar os indios; e isto tanto assim que o Padre Antonio da Silva, missionario dos Lagaybas, onde é a Mão das farinhas, mandou buscar com alqueires, o alqueiro a cruzada, para sustentar quatro aldeas dos Teyrés, que ia descendo para Araparipecu, e o Padre Miguel Antunes tambem a comprava para acudir aos pobres indios de sua aldeia, em outros tempos abundante em farinhas; houve este anno tanta falta della em todas as partes, por não se terem feito roças, por motivo das doenças e beixas, que no Maranhão valia no anno antecedente um alqueiro dez varas de pauco e ainda mal se achava, sustentando-se os indios de cocos bravos e palmitos, para não morrerem de fome. Era tanta no Pará que sustentavam-se as aldeas dos Tupinambazes com laranjas ainda mal maduras, para não perecerem; e como tambem deu esta fome, pela razão da falta das farinhas,

na capitania de Cametá, alocaram os índios novamente descidos e detidos da banha d'além do rio, sem remédio, de varias doenças, e de cento e cincuenta só escaparam até agora vivos, e que não aconteceria si os tivessem deixado estar debaixo do cuidado do Padre Antonio Vaz, seu missionario do Xingú.

Aos 16 deste mesmo mez de janeiro, partiu o Padre superior José Ferreira, com o irmão Manuel da Silva, coadjuctor temporal, para o Maracá, donde, até então, não tinha vindo nova de consideração. Passou pela roça de Mamayaá, onde achou muitos faliceitos, assim lá como na aldea, mas todos com os sacramentos, pela muita diligencia com que tinha acudido o Padre Antonio da Cunha. Partindo de lá, visitou na villa da Virgia de passagem, a milagrosa imagem da Virgem Nossa Senhora de Nazareth, e de lá partiu ao Maracá, onde o Padre Diogo de Costa, si bem não tinha os 25 cascos concedidos pela lei aos missionarios, tinha os necessários para seu sustento e suas viagens, para as occasiões em que lhe eram necessários, e como é muito zeloso do culto divino, tinha, para maior devoção de seus indios, mandado fazer umas tres imagens de vulto, uma da Nossa Senhora da Ajuda, outra de S. Miguel Archânjo, outra de S. Francisco Xavier, e juntamente renovar a pintura de Santo Antonio Portuguez, com que encheu todos os nichos do retabulo que elle mesmo tinha traçado e mandado fazer, por sua direcção, por Martinho, cunhado do principal, e outros indios carapinas do Maracá, tendo ido os mesmos indios por sua devoção ao sacro, para pagamento de todas aquellas obras, com que ficou muito ornada sua igreja de talpa de pilão, que se fez, annos ha, em tempo de Lopo de Souza, principal estimadissimo, do habito de Christo, pai de Francisco de Souza, que agora governa a dita aldea do Maracá. E sendo esta a aldea que tem a seu cunhado as salinas d'El Rei, houve este anno, assim pelos desejos de quem a governava, como pelas muitas chuvas, tanta falta d'ello nesta mesma aldea, que o Padre Diogo da Costa se viu obrigado a pedir um prato d'ello para a panela ao Padre reitor do Collegio do Pará, em quanto não chegavam uns alqueiros que tinha mandado vir de Tapuytupara, onde havia muito sal do anno atrazado das salinas naturaes, que ali ha e tem para todas a

quantidade de sal que se quizer mandar apanhar; e porque houve queixas contra o branco que governava as salinas d'El Rei, no Maranhão, o mandou vir preso o sargento-mór José Velho, que era lugar do governador e governava o Pará, em tempo de sua ausencia pelos sertões.

No Maranhão, passou o Padre superior para a capitania do Caeté, onde achou o Padre João Carlos, o qual tinha preso o seu companheiro, o irmão coadjutor Ignacio da Silva, por umas rapazias da moça, com que, logrando a sociedade, se tinha fugido para a aldeia, vestido em secular, com escândalo de indios e brancos, com que foi castigado muy bem e despidido logo como indigeno do habito, que tão ligeiramente tinha largado. Era esse moço do Maranhão, filho da terra, que depois casou em casa de Dona Catharina, com Maria da Fonteca, moça honrada, que quiz desposar o pelo amor de Deus Nosso Senhor; lá o vi eu, e disse-me Dona Catharina da Costa que procedia com grande satisfação, que lhe ensinava sua gente a doutrina todos os dias, e que o achava um dia chorando e dizendo estava com grande receio e castigasse Deus por ter deixado a Companhia.

Achou o Padre superior o captilão-mór do Caeté e todos os memoraveis totalmente trocados, porque, tendo sido antes tão contrarios ao Padre João Carlos, por egual do inimigo, que não trata senão pôr as almas, achou-os todos tão amigos que o captilão-mór estava convertido todo e feito um devotão do padre, e os mais tão amantes d'elle que era o seu ni Jesus e não sem razão, porque, sendo o Padre João Carlos homem de Deus, não trata dias e noites senão do bem e salvagão não só dos indios e mas também dos brancos, supprindo as vezes do seu parochio, que lhes falta, e acudindo-lhes em suas doanças e necessidades, como medico experimentado, com as mezinhas que lhe casinou a sua muita caridade. Folgou o padre superior muito com aquella paz e união, e muy contente e satisfeito se partiu para o Maranhão, onde chegou pelo entrado, ajudando li os padres do Collegio de Nossa Senhora da Luz, nas 40 horas, que sempre se fazem com toda a solemnidade, e supposto havia lá quantidade de pre-gadores, assim mestros de theologia, como eram o Padre Fructuoso Corrêa, lute de moral, como o Padre mestre Ignacio

Ferreira, tanto da especulativa, com seus discipulos theologos captores todos e bons pregadores, conforme me disse o governador, que os ouviu, contado não deixo de ajudal-os.

Houve tambem, pelo mesmo tempo, 40 horas no Grampará, em a igreja de S. Francisco Xavier; paguei, no domingo do entrado; na segunda-feira o Padre Miguel Antunes, e na terça-feira, como mais autorizado e de mór concurso, o Padre reitor e mestre do curso, Bento de Oliveira. Houve muitas confissões e communhões ao Maranhão e não poucos no Pará, mas não foi menor a devoção dos que assistiram na igreja ao Senhor, exposto todos esses dias. Houve tambem sextas-feiras no Pará, na mesma igreja, as quaes eu fiz, pregando o Padre reitor Bento de Oliveira o sermão da Paixão e não faltaram lagrimas de penitencia naquella occasião, principalmente ao cabo do sermão da Paixão. O sepulchro do Maranhão seria admiravelmente preparado pelas bellas mãos do irmão Marcos Vieira, sacristão antigo e mui querido de Nossa Senhora da Luz, mas com licença sua, parece-me lhe levaria a palma e do Pará, como levou, sem nenhuma duvida, a todos os mais da cidade, assim na multidão das velas brancas como na belleza e grandezza da obra, feita toda com papel encrespado, e coberto de lita, que lhe dava um lustro incomparavel em o parecer de todos; não falto nos officios das trevas, porque no Pará houve bellas e mui gabadas vozes de gente destra no canto; tambem por toda a quaresma houve assistencia dos muitos reverendos padres das Merces, para cantarem, ao som do cravo, os misereres, no principio, e, no cabo das praticas, os seus moteitos devotissimos, accommetidos á Sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

Supposto houve tudo isso no Collegio de Santo Alexandre do Grampará, não faltaram os poucos padres que lá havia, sem embargo de serem achacosos, de desobrigar brancos e indios, mais que em nenhum anno dos atrazados por se achar indisposto o Vigario e não o quizerem ajudar os clérigos de graça, e assim concorrerem quasi todos para nosso Collegio.

Tinha o Padre João da Silva, missionario dos Abacaxizes, praticado os Araraz para descol-os para sua aldeia, por estarem

de sua banda; mas os levaram os padres missionarios Piosos para Gurupatyba, onde morreram em parto, e por fazer o Padre superior José Ferreira disso queixa ao governador, este mandou tomar de lá o restante delles e os mandou para Guamã, aldea de nossa jurisdicção.

O Padre João da Silva, missionario dos tagalybas, que no anno 1667 tinha desido 250 pessoas de lingua geral para a aldea de Araparypue, que então era de Vital, praticou os Teyrés e desceu 200 para 300 para a mesma aldea, no anno 68 mais 270 e no anno 90 desceu 204, além dos que mandou buscar.

CAPITULO 10

PORTE O PADRE JOÃO JUSTO DE SUA MISSÃO DE INHUAÇA, DA CAPITANIA DO CAMETÁ, PARA DE TUPINAMBARANAS E PÁ-SE CONTA DOS SUCCESOS DAQUELLA SUA VIAGEM.

Não me estranha alaguem de pôr aqui eu a mudança do Padre João Justo, acontecia pelos 17 de janeiro do anno de 1697, tonio já referido a tomada e restauração da fortaleza de Macapá, e morte do capitão-mór Hilario de Souza, acontecia muito depois, porque como estas cousas não tocaram tanto ou pouco mais de nada a missão, quiz, comido, pelas razões já dadas, fazer menção delle e acabar-as por uma vez, para tornar a continuar as da missão, mais chegadas umas ás outras. Digo, pois, que o Padre superior da missão deputou ao Padre João Justo, missionario da capitania de Cametá, para missionario dos Tupinambaranas, em lugar do Padre Antonio da Fonseca, antes de partir para o Maranhão, dando principio á mudança um desgosto que o padre teve com o capitão-mór de Cametá sobre uma india, mãe de uma sua filha natural, que costumava assentar-se na ogreja sobre uma esteira, junto á grade da capella-mór, a qual elle mandara retirar e assentar-se com as mais indias da aldea, para que estando assentada em lugar mais autorizado com sua filha, não parecesse ás mulheres dos principaes se acreditavam com isso os desmanchos das indias mal encaminhadas. Partiu para riba em uma canoa

mui limitada e aliada com alguns índios que lhe emprestou, parte Diogo Pereira, parte Maria da Rocha, por estarem fora os seus remeiros, nem chegou ao Collegio para se aviar para a viagem; deixou encomendada a residência de Inhauá com tudo quanto continha a Diogo Pereira de Lacerda, constituido por mim procurador antes de me vir de lá, achá-lo para o Pará, e assim ficou a aldea de Inhauá, com a do Parijô, desamparada e para se desobrigar da Quarentena, que se lá chegando, despediu-se de mim por carta, pedindo-me perdão se em alguma coisa me agravava em tempo que estivera por meu companhão.

Foi-se assim mal remado aos Bueas, onde o Padre João Angelo o ajudou com o que ponde; de lá chegou aos Ingaybas, onde o Padre Antonio da Silva tambem o soccorreu, por vê-lo andar tão mal accommodado. Chegou a Xingú, onde o ajudou o Padre Antonio Vaz; partindo do Xingú para os Tapajós, não achou o Padre João Maria, o qual se tinha ido para escolher e preparar sitio para seus Carismozes, que se queriam descer junto a elle, como pai amante que os tinha convidado, annos havia, para virem ao gremio da igreja e alcançarem a salvação de suas almas.

O que visto, partiu sem se deter mais para os Tapinambaranas, onde chegou depois de uns cinco para seis dias de jornada. Recebeu-o o Padre Antonio da Fonseca com um anjo vindo do céu, e com as ordens do padre superior lhe fez entrega da residência e missão toda, dando-lhe conta de tudo para se governar como convinha nella. Não esteve muitos dias na aldea sem sentir alguma abalo, o qual o Padre Antonio da Fonseca lhe tirou com uma boa ajuda que lhe tinha ensinado sua muita caridade. Estando já melhorado o Padre João Justo, partiu de lá o Padre Antonio da Fonseca para o Pará e navegando para baixo se viu acommettido de umas setes que não o molestaram pouco pelo caminho, e com ellas chegou ao Collegio pela festa da Ascensão do Senhor para o Céu, mas muito quebrado e fraco pelas muitas faltas que padecera em uma tão prolongada viagem. Trouxe uma carta do Padre João Justo em que pedia o viesse acompanhar Manoel Pereira, filho de Diogo Pereira,

avisando-o trouxesse consigo livros de philosophia, para estudar e poder ficar como moço honrado de boa casta; mas o moço, activando prudentemente o que a elle e ao padre poderia acontecer por aquelles sertões, não pouco satis, escusou-se cortezmente e se deixou estar com seu pai.

Ficou, pois, o Padre João Justo só, acudindo aos indios de sua aldea e outras, todas de visita, ensinando e baptizando a todos; até os que o Padre Antonio da Fonseca deixara ainda cathechumens, porque não tinha então branco nenhum senão um moço, filho de Matheus Coelho, que tinha ido para tratar os negocios de seu pai, e o Padre José Barreiros, que tinha ido para os Maraguzes e lá assistia, tendo aldeas bastantes e todas dispostas sobre um lago com bella vista e abundancia de todo, em tal distancia que com facilidade podiam acudir á doutrina e missa todos os seus frequentes. Pouco aturaram esses missionarios de riba, sem aloocer e viram para baixo. Adoecem primeiro o Padre Antonio da Silva, que esteve nos Abacaxizes, após elle o Padre José Barreiros e viram para baixo ambos curarem-se no Collegio, donde partiu já convallescido o Padre João da Silva, para a sua missão, com o irmão Antonio Rodrigues; e o Padre José Barreiros está a partir para a capitania do Cametá, com o Padre Antonio Gonçalves, o qual está para voltar em breves dias.

O Padre José Barreiros, após elles, se viu com muitas vertigens muy molestas; ficando assim, passou ao Padre João Angelo os seus Boccas, e de presente está no Collegio, curando-se della, com alguma melhora, para ir outra vez para a sua aldea.

O Padre João Maria, missionario dos Tapajós, tambem se veio para baixo, mas foi para fazer uma canoa de viagem, a qual mandou fazer por seus indios de piquy verdadeiro nos mattoes do Jaguarary; mas como lh'a botaram a perder, comprou uma por 100\$ a Maria do Siquira, mulher do capitão-mor, que Deus tenha, antes della fallecer. Nella se voltou para sua missão, levando uma carta de excommunição passada pelo vigario da vara Antonio Lameira da Franza, contra um sergente e outro, que o descompararam, tirando-lhe da mão á viva forza um indio de seu mando e rangendo-lhe com a albarda a roupa; porém

não usara della, porque veio Manoel da Motta, capitão do Tapajoz, perguntar ao Padre reitor si o dito sargento era excomungado, que si o era estava prompto para se absolver da excomunhão; mas o Padre reitor o remetteu ao Padre superior da missão, a quem tocam semelhantes cousas, pertencentes a elle e aos missionarios de suas residencias; e assim se aquietou tudo em boa paz.

Vae o bom velho Padre João Maria, já passando de 71 annos de idade, e consatado trabalhando com o fervor e zelo de moço, na missão dos Tapajoz, oulo, dizem, quizera Sua Magestade mandar fazer o Collegio e villa; mas isso será tarde, por ser feioz assaz doentio; entretanto levantou o Padre lá suas casas e hortas mui lindas, com lenção de levantar cedo uma bella igreja de taipa de pilão á Virgem Senhora Nossa da Immaculada Conceição, a cuja honra dediquei essa missão desde seu principio do anno 1661, sendo o primeiro missionario della.

Fizeram-se neste anno as 40 horas com grande solemnidade, assim no Pará como no Maranhão, e do mesmo modo as sextas-feiras da Quaresma, com a devoção e concurso costumados. Uma cousa houve particular no Pará, e foi que aos 15 de janeiro mandou o padre reitor Bento de Oliveira expor primeiro o Senhor em imagem feita e pintada por sua ordem por Manoel João, entalhador. Eu tive a honra de pregar na festa, mostrando como o Senhor nos mostrava a todos o modo de sermos martyres. E porque as aldeas da capitania de Cametá tinham ficado sem missionario, por se ter ido o Padre João junto para os Tupinambaranas perto da Quaresma, pediu o Padre reitor Bento de Oliveira ao Padre Manoel Coelho, de habito de S. Pedro, quizesse supprir aquella falta para desobrigar os indios, emquanto não houvesse missionario novo que se pudesse mandar, por estarmos occupados em pregar; foi-o elle com muita satisfação e tanto que os indios o tornaram a vir buscar depois, para com sua assistencia poderam fazer a festa de S. Pedro e S. Paulo, orago da aldeia de Inhuaba ou de residencia.

CAPÍTULO II

VÃO-SE CONTINUANDO OS ACONTECIMENTOS QUE HOUE ATÉ
14 DE ABRIL

Com a ida do Padre superior José Ferreira para o Maranhão, que foi aos 16 de janeiro de 1697, houve alguma mudança entre os missionários, porque o Padre Antônio Gonçalves, que estava em o Mareú com os Guajajaras do rio Pisaré, foi mudado para nossa roça de Antidiba, dando-se-lhe por companheiro o irmão Antonio Gomes; o Padre João de Avellar, que já havia annos estava na missão do rio Tapeçeré, acudido com grande trabalho á aldeia de S. Gonçalo, junto á villa de Icaú, para onde finalmente se tinha mudado por medo dos Tapuyas, foi mudado para S. José; e o Padre João Ribeiro para Mareú a ter cuidado da aldeia, e juntamente de nossos curraes de gado vacum, que por essa bria la tomos nos pastos novos, dados por nova data de sesmaria pelo capitão-mór do Tapuytaperá Henrique Lopes, pelas poderes que tem do donatario para datas dentro dos termos do sua Capitania. E porque os escravos do Collegio foram achados pouco cuidadosos e feia, foi posto um homem branco por seu salario, que fizesse o quintão da criação que nasceste; houve sem embargo disso grande mortandade em a criação, morrendo umas 180 crias aquelle anno, em o qual se contavam 400 cabeças de gado já crescido, de onde se vao tirando de tempos em tempos o que se necessita para o Collegio se sustentar, pondo-se nos pastos da Ilha ou de S. Marcos para engordar, por entre tanto, o que se não vao cortando.

Havia grandes esperanças de sal em as novas salinas da Ilha de S. Francisco, mas como sobrevieram grandes paradas de agua que botaram a perder a agua do tanque grande que já se ia coelhando, não se apanhou sal, nem no Caethé, nem nas salinas de El-Rey, no Maracanã, de onde não vieram senão uns 180 alqueires pela mesma razão. Esta foi a causa da tanta carestia de sal em o Pará, onde se comprava um alqueire a 48; nem houve onde recorrer senão a um pouco que dos

anos atrasados tinha ficado no Maranhão, e a quantidade delle que tinha havido em salloas naturaes de Tapuytaperá.

Mendonça Antonio de Souza, juiz da Camera, prender um homem, o qual como chegou defronte do convento de Nossa Senhora do Carmo, escapando das mãos da justiça, botou a correr e valeu-se da portaria para escapar.

Acudiram logo os frades todos e o metteram para dentro, e sem embargo de requerer o juiz o seu preso l'h'o não quizeram entregar, dizendo-lhe que valia a immuniidade da igreja. Ajustaram-se os Camaristas, tomando seu conselho sobre o caso, e para se assegurarem tomaram tambem os pareceres dos religiosos letrados e não faltaram alguns que disseram que l'he não valia. Eu não me metto, mas digo sómente que dizem Castro, Paleo, o Padre Avendaño e outros ser sentença commum que vale o sagrado até aos fugitivos por dividas que se dovem a El-Rei, de onde se colhe a solução para os mais casos desta materia de presos fugidos para a igreja ou sagrado.

Ors que fallamos d'esse preso do Maranhão, não parece fora de proposito fallar em outros, que quasi pelo mesmo tempo se mandava prender por dividas no Grampará. O caso foi este.

Devia o mestre-mór João, morador da cidade de Belém, uma somma de dinheiro a El-Rey, por ter tomado sobre si parte do contracto das terras do pesqueiro da Ilha Grande de Icaçases, e porque tardava de pagar, tratou o provedor da capitania de mandar prendel-o; soube elle disso e como pretendia batar a divida ás costas do João de Mattos, almozarife da cidade, pae de nosso irmão Sebastião Pereira, de presente cursista do Collegio do Santo Alexandre, acolheu-se para a Santa Casa da Misericordia. Logo que o provedor teve noticia disso, mandou seu moço ir com outro adjunto prendel-o, dado que não estivesse na igreja ou na sacristia, mas somente em outros aposentos da Misericordia e que elle não cuidava serom privilegiados. Veio o reverendo licenciado Antonio Lameira da Franca, vigario da matriz e juntamente da vara, tomou parecer commigo, que naquello tempo estava só no Collegio; respondi-lhe eu que havia variedade de pareceres em algumas prisões, affim de que

seguisse sua merecê os estatutos da Santa Casa e por elles se governasse, para não errar. Com esta resposta, foi ler os estatutos e achando nelles expressamente que valla o privilegio as preas, o que ninguém podia tirar de lá algum hemialado nem ainda entrar, sem licença para esse intento sob pena de excomunhão, declarou o provedor incurso com seu meirinho e outro adjunto que para lá tinha mandado, sem attender que o provedor tinha por sua parte razões bastantes para não ter incorrido. O adjunto logo se foi absolver e o provedor, supposto se queria fazer absolver, era com certas condições a saber: que fosse em segredo, reservando seu direito para o allegar no Reino.

Veiu o Padre reitor Bento de Oliveira para o Collegio e trabalhou muito para pacificá-os; porém, como por nenhum modo quizeram os Irmãos da Misericordia ceder um ponto, sem embargo de elle lhes dizer que viriam reprehendidos do Reino, foi o provedor absolver-se, depois de ter sido posto como participante, não ficando os padres da Companhia livres de murmurações de qualquer parte que se puzessem. Portanto, melhor é aquarmos-nos de fóra em semelhantes occasiões, mostrarmos somente os Doutores que tratam dessas materias, para lá se governar cada qual como, depois delles vistos e consultados, lhe parecer; e se forçosamente for necessario depor por uma parte, sempre parece de mais credito nosso poruno-nos de parte da igreja, ao menos quando os autores tem o seu caso por mais provavel, remetendo, porém, todos ao padre superior, o qual poderá consultar para que concordemos todos, conforme a nossa regra expressamente o ordena.

O bom será notarem os nossos que nos casos tocantes ás fazendas reaes a seus ministros, nunca convém que nos mettamos, porque se da parte contraria, sempre vejo virão condemnados do Reino e si não castigados, ao menos bem reprehendidos como depois aconteceu no caso presente, o qual tudo remetido para o Reino pelo provedor da fazenda, veio julgado e elle castigado, sendo reprehendidos todos os maís.

CAPÍTULO 12

RELATA-SE A MORTE E ENTERRO DO PADRE GASPAR MISSEB.

Aos quatorze de abril de anno 1697, vespera de S. Marcos Evangelista, falleceu em o Collegio do Santo Alexandre o Padre Gaspar Misseb, com todos os sacramentos e com a assistencia dos padres, entre as 5 para as 6 horas da manhã. Concorreram para seu enterro os reverendos padres das Mercês, Carmo e Santo Antonio, por ser muito conhecido e amado de todos elles; os reverendos padres de Santo Antonio o carregaram para a sepultura, e estando exposto á vista de todos em a igreja se lhe fez officio de corpo presente pelas duas comunidades de Nossa Senhora do Carmo e de Nossa Senhora das Mercês, achando-se tambem presentes muitos clérigos e seculares, seus amigos e conhecidos. Entorrou-se pelos nossos, acabado o officio, na capella-mór, para banda do Evangelho, pelas 11 horas do dia. A causa de sua morte foram umas dores que, sem lhe dar descanso nenhum, o atormentavam de dia e de noite com tão grande aperto, que, sendo paientissimo, o obrigavam a dar uns ai Jesus tão valha, quasi continuos para o Cáo.

Tinha andado com uma quebradura, havia já annos, e esta estava já tão crescida que parecia uma botija, e além desta tinha umas dores que o aleijavam de tal sorte pelos braços que não ficava senão si. Sua cama era um catre sem colção e sem cobertores que prestassem, por elle mesmo o querer assim; o seu comer era o da comunidade ou uma tijella de leite que comia com farinha, achando-se algum peixinho dava-se-lhe e não havendo contentava-se com farinha só; nunca almoçava e a noite passava muitas vezes com farinha só, e sendo orlado mul mimosamente em casa do seus paes, conforme me contou nunca em sua doença se queixava do comer, e como não tinha já dentes na bocca achando-se peor do costumado, bolia apistos para se sustentar. Assim andava gemendo e soffrendo, sem nunca dar oppressão ao Collegio, até uns quatro dias antes de sua morte, nos quaes, tendo recebido os sacramentos, se o vigiou com grande

cuidado. Conto-me a mim de assistir-lhe da meia noite por diante, e neste tempo lhe lou o Padre reitor Beato de Oliveira, a instancia della, a sagrada paixão de Christo Senhor Nosso, e lhe li eu muitas orações mal devotas e fiz com elle muitos actos de virtudes, principalmente theologaes, com uns bellos colloquios no crucifixo que affectuosamente beijou, sempre em seu juizo perfeito; um pouco antes de morrer pediu-me lhe dissesse a *anima Christi* e que o erguessemos um pouco; disse-lhe eu a oração e chegou aos versos *In hora mortis mei vox adjunct me contra ad te*, desmaiou, com que lhe rezei logo o officio de agonia, em o cabo do qual, entre os santissimos nomes de Jesus, Maria e José, deu a alma a seu Creador, com a maior quietação e paz d'alma que se pode desejar. Começaram a chorar todos os padres e irmãos pelo sentimento de sua morte, que sem duvida foi muito preciosa diante do acatamento divino, pois era de um grande erro seu, que triata e sete annos o ia servindo só nesta missão, e porque eu o conheci desde menino, referirei aqui um resumo brevissimo de sua vida para que veja em conhecimento de todos.

Era o Padre Gaspar Miesel natural da cidade de Luxemburgo, de paes muito honrados e muito ricos; criou-se em boas escolas e em casa sua com muito temor de Deus e amor da Virgem Santissima, de cuja amparação sempre foi *conscendo e commungando* cada quinze dias, sendo nós sempre ambos da mesma classe, e, da mesma maneira, foi elle sempre dos primeiros assim na devoção como nos estudos, até acabar a rhetorica e fomos juntos acabar as humanidades. Apartamo-nos, indo elle estudar philosophia, parte em Colonia e parte em Moguncia, e eu em Tréveris, tambem cidade da Allemanha. Acabido o curso, entrou o Padre Gaspar no noviciado em Tréveris, havendo eu de ter entrado antes dello se não fôra um primo meu, que vindo de estudar theologia no Collegio Germanico de Roma, me aconselhou fosse com elle estudar direito em Canano, a mais afamada universidade que ha nos estados de Sardenha. Nunca mais nos vimos depois, por entrar o Padre Gaspar na Companhia, pela provincia Rhenana da Allemanha e eu na Gallo-Belgica. Nos encontramos em Lisboa no anno de 1660, vindo cada um de nós de

sua provincia, depois do termos ensinado a todas as humanidades e ostensão theologia.

Vinha eu da minha provincia com o irmão theologo Jacob Coelho, e o Padre Gaspar da sua com o Padre Theodoro Henn. De Llabos partimos juntos para esta missão no anno de 1660, e chegámos ao Maranhão aos vinte de janeiro do anno de 1661, dia do S. Sebastião. Do Maranhão viemos ao Pará, onde vivemos, já juntos, já apartados, trinta e sete annos, conforme se referiu em seus logares desta chronica; ostivemos juntos no Tapará e condemnemo-nos nas ilhas do Marapatá, expulsados no Pará, porém arribámos e ficámos depois sempre na missão até elle morrer no Pará, levando-me seis mezes na idade antes de sua morte. Era o Padre Gaspar Missch mul querido de dentro e de fóra por seu bom modo e conversação em todas as materias, e por sua muita virtude, era muito humilde e sendo grande humanista, principalmente excellentes poeta, nunca fazia gallia do seu saber. Era tão pobre, que muitas vezes se contentava de farinha, só para não fazer gastos ao Collegio, e até quando estava doente nada pedia de coisa costosa e era sua cama um roçato de pobreza, que assaz se manifestou a todos depois de sua morte, quando viram o seu cubiculo com tão pouco que ficaram pasmados. A sua castidade era angelica em a qual nunca offendeu gravemente a Deus, sendo que foi varias vezes gravemente tentado por mulheres, que pretendiam de lhe tirar aquella preciosa joia, uma vez no Reino outra nos lagaybas, segundo elle mesmo m'o referiu como amigo meu.

Sua obediencia era tal que nunca recusou cousa que se lhe mandasse, por difficilissima que fosse, executando logo com muito gosto o que lhe era mandado; o seu amor de Deus e á Virgem Senhora Nossa lhe era tão impresso no coração que sempre se lhes estava encomendando; e amor do proximo a zelo das almas assaz foram vistos em os trinta e sete annos de missões mais difficilissimas, com cuñdantes riscos de sua vida, pois tres vezes estiveram os Tapuyas para lhe tirar a vida; a sua mortificação e paciencia não necessitam de outra prova que o grande soffrimento que sempre teve, não sómente nas grandes faltas que padecia pelas missões, mas nos seus continuos achaques, muitas

molestias e doenças gravíssimas que teve por varias vezes; em uma palavra, era em tudo varão mui religioso e verdadeiro filho de Santo Ignacio.

Estando para morrer, ouvi que dizia: Senhor, mais graça e mais dores, oh! quem tivera agora muitas almas para levar consigo! E parece que Deus quiz ouvi-lo nisso, porque, estando em casa um indio chamado Joannim, o qual tinha sido rapaz seu nos lagaybas, gravemente enfermo, logo que expirou o Padre foi o rapaz em seguimento d'elle, para o levar consigo para o Céu na hora de sua morte, tendo mandado tantos innocentes e adultos deante de si, no tempo de sua vida, por todas as missões, nas quaes esteve com grande satisfação.

Fallecido já o Padre Gaspar Misach no Pará, aos quatorze do mez de abril, das dores causadas provavelmente por sua grandissima quebradura, quebrou o Padre Manoel do Amaral, em a reça de Jaguarary, por se estender um pouco em sua réla; veio-se para a cidade; acudiu-se-lhe com os remedios, com que, supposto se não achou são de todo, ao menos achou-se muito melhorado e o Padre Manoel da Costa, disse, nasceu-lhe um lobinho, mas tirou-se-lhe.

Está a casa de Santo Alexandre da cidade de Belém um continuo hospital de doentes desde o principio da missão, porque a cada passo vêm enfermos de suas residencias; só eu, seja Deus louvado, nunca adoeci, andando por todas as missões os trinta e setenta annos que nellas eston; só me deu dois annos pouco menos para cá o achaque de água, que me molesta as mãos e uma perna, porém nunca me impediu de andar trabalhando e co-mendo com a communidade.

Tinha-se-me posto uma frialdade nos joelhos que me impedia de fazer as genuflexões na missa; passei pela ermida de Nossa Senhora de Nazareth, e, dizendo missa em honra sua, lhe pedi me livrasse; fiz as genuflexões bellamente naquello tempo e alguns dias depois, mas tornaram-se-me a encaixar, de sorte que não ha remedio de os sarar. Folgo muito com isso, pois é Deus servido e tenha já passante de muitos annos, com o achaque do água, que tenho ha quatro annos, que me abraça nesses dias o corpo todo.

No mez de março tirou-se o Padre Manoel de Amaral da classe de latim do Collegio de Santo Alexandre do Grupará, pondo-se em seu lugar o Padre irmão Manoel Antunes, de presente padre de missa, ordenado pelo Ilustrissimo Senhor Bispo Dom Timotheo, no anno 1668, e mandando-se o Padre Manoel de Amaral para assistir com o irmão Manoel Lopes na fazenda de Jaguarary, onde começou a mudar as suas desconfianças costumadas em apprehensões fantasticas, e virando na sua rôta em que estava tomando um pouco de descaço, quebrou; mas como logo chegou para o Collegio a curar-se, curou o Agostinho, cirurgião, e ficou são deste achaque, porém logo lhe sobreveio não sei que especie de hypochondria ou doidice, a qual foi crescendo até dar com elle na cova, como se dirá depois.

Por este tempo, pouco, mais ou menos, esteve o Padre João da Silva doente nos Abacaxizes, e o governador convalescido de suas malistas que lá lhe tinham dado, o levou consigo para o rio da Madeira, para ter cuidado delle e tratar de sua melhoria, pois levava em seu seguimento a Francisco Póffiz, amigo de todos, e que tinha noticia das doenças e remedios dellas.

O capitão-mór Hilário da Souza, que depois de estar já melhorado de uma grande doença que lhe dera na banda da fortaleza do Macapá, quiz ir ter com o governador, que ainda estava por cima, no sertão, mas como ainda não estava bem confirmado na saúde, recusou e não melhorou mais. Melhorou por um pouco o Padre João da Silva no teu sertão e o Padre Antonio da Fonseca no collegio do Pará, da doença que lhe dera no caminho, quando veio para baixo; tendo deixado o Padre João Jasto, mandado em seu lugar, em a aldea dos Tupinambaranas.

CAPITULO 13

CIRCA NAVIO DO REINO AO MARANHÃO, TRAE HISTO PARA O ESTADO E NELLE VEM O PADRE SUPERIOR AO PARÁ.

Tendo os padres do collegio de Nossa Senhora da Luz, com a assistencia do Padre superior da missão, José Ferreira, feito grande fructo na cidade de S. Luiz, assim pela Quaresma como

pelas antecelentes quarenta horas, por suas pregações e confissões, eis que em o mesmo dia de Santo Antonio chegou á vista da cidade navio do Reino com o senhor Bispo do Estado Dom Timotheo do Sacramento, com o reverendo Padre frei José de Santo Antonio, ambos da sagrada ordem dos Paulistas; o foram receber com tolo o reio as religiões e os senhores da Camera, fazendo-lhe a pratica das boas vindas o capitão Manoel da Silva Serrão, com o agrado que se esperava delle.

Feitas as ceremonias costumadas, agasalhou-se em as casas grandes de Dona Maria de Almeida e Caceres, dona viuva de Manoel Beckerman, que Deus haja na gloria, e de sua irmã Dona Helena, mulher de Thomaz Beckerman.

Não veio nelle religioso nenhum da Companhia, porque o Padre João Valladão, que se tinha ido ordenar, estando em Lisboa para partir, adoeceu de tal sorte que não poudo vir nesta occasião.

As fazendas que trouxe para terra foram mui poucas e estas algumas menos boas; as novas que deu foram quiz, dando-lhes uma trabusada junto á entrada, fóra posto o mestre da nau Aleixo ao mar, pelo impeto de um sibio em que pegára e se alegára, sem haver quem lho pudesse valer. Estas tristes novas fíram moderadas com outras mais alegres, que eram estar o Reino em paz e estar a Senhora Rainha com El-Rei nosso Senhor com boa saude, com os senhores príncipes, infantes e infantas, lindos todos e bonitos, e estar a serenissima Senhora Rainha prehe outra vez já de quatro mezes, além de outras novas que não são deste logar.

Elegu o Sr. Bispo por seu vigário geral o Sr. Diomedes José Gonçalves, bem contra vontade delle, por se achar pobre o com irmão á sua conta; porém prevaleceu a vontade de Sua Ilustrissima, que, sendo informado de sua muita virtude e integridade de seu exemplar procedimento, achando que este posto asentava bem nelle, não quiz fal-o a outrem, dizendo que lá onde comesse sua pessoa comeria elle também; e porque se achou cansado do caminho e além disso convinha dispar primeiro os negocios do bispado da banda do Maranhão, deixou-se lá estar e ser muito amigo da Companhia e mais religiões todas.

Dous o conserve com a saúde e a vida, que este Estado requer para sua reformation, á qual tratou logo de applicar-se, começando por alguns que mandou prender, entre os quaes o Sr. licenciado Ignacio Ferreira, o qual servia o cargo de vigário da matriz, depois de se ter feito relapisar por escrupulo, sob condicção, por lhe dizearem, com falsa informacção, que um certo alerigo, vigário do Pará, que o baptisara, estando para morrer, declarara que tinha baptisado varios sem ter o requisito para os baptismos.

Deteve-se esse não pouco no Maranhão, antes de partir para o Pará, e nella se embarcou o Padre Superior da missão José Ferreira, trazendo em sua companhia o Padre Antônio Gonçalves, e o irmão coadjutor Antonio Rodrigues. Aos vinte e nove de junho, dia de S. Pedro, chegou á vista da cidade de Belém, e entrou no dia seguinte, com summa alegria de todos, porque esperavam que com elle vinha o grande soccorro de que necessitavam; mas trouxe tão pouco que não remediou quasi nada; até o sal que trazia do Maranhão, veio nello diminuto. O Collegio de Santo Alexandre recebeu uns dez quintaes de ferro, todos podres e inúteis para obras, com tão pouco provimento das mais cousas que esperava, que ficou em miseravel estado; por não mandarem os procuradores o que se lhes tinha pedido, tendo lá no Reino com que compral-o. Mas isto não desceides já antigos e não ha que esperar emenda senão quando se manda desta missão algum procurador, para da Corte acudir com diligencia aos providimentos necessarios a mesma.

Vieram-me cartas do Padre Leopoldo Fues, confessor da Senhora Rainha, que dizia que S. M. se encommendava muito a meus santos sacrificios da missa, para que Deus lhe dêse um parto feliz, e que me mandava muitas lembranças suas. Ebreveou-me tambem o Padre Jacob Coelho, da Bahia, que o Padre Antonio Vieira com o Padre José Soares viviam com alguma saúde, e estava o Padre Vieira naquella sua muita idade lihando as suas *Chaves das Prophetas*.

A vinda do Padre superior foi muito festejada de nós todos, que estavam esperando por elle, e foram muy accoltos os seus

dois companheiros, porque logo sobreviram para acudir ás missões.

Aos dezesseis de mez vieram os índios da Ishuaba pedir padre para suas festas de S. Pedro e S. Paulo, orago de sua igreja, e porque não havia quem pudesse ir naquellas circumstancias, concedeu-lhe o Rev. Sr. Padre Manoel Coelho, filho de Marianna Pinto, para acudir-lhas, como já dantes tinha acudido em o tempo da Quaresma, para desobrigação das almas da capitania do Cametá. Foi de grande bem aos índios essa sua ida, porque morria lá a gente do camaras, sem confissão, e elle remediou aquella falta, detendo-se lá por todo um mez.

Chegou por aquelle tempo o Padre João Maria, dos Tapajós, e trouxe as novas da tomada da fortaleza de Nasapi, do que já se tem fallado em capitulos atraz, e como o governador ainda estava no Gurupá, onde morrera o Capitão-mór Hilario de Souza, e alli recebeu as novas da perda das fortalezas ambas, pediu soccorro de munição e soldados, e lh'a mandou logo o sargento-mór com quarenta soldados, dos quaes em parte se valeu o governador para mandal-os a Francisco de Souza Fundão, incumbido da restauração das fortalezas perdidas.

Dia de S. João, chegou o corpo morto do capitão-mór Hilario de Souza, que foi enterrado em S. José, com a solemnidade acima referida, e logo depois chegou o Padre João da Silva, missionario dos Abacaxizes, doente, para convalescer no Pará. Aos treze de junho, veio o Padre Antonio Vaz com os braços cahidos, por beber de noite um púcaro de agua fria, estando encaimado, em sua residencia do Xingó.

Tratou logo o Padre reitor Bento de Oliveira da sua cura e val-se já melhorando com o remédio que lhe applicou Francisco Potiliz. Contou-me elle todo o successo da desceida dos índios Muraans, que fizera Balthazar Fortade para o Cametá, sendo pertencentes á residencia de Xingó, do que já fiz menção atraz; e como, estando pelas Ave Marias, de noite, as portas da igreja fechadas, botara um rapaz uma mão pela janella dentro, e dando com um corpo palpavel, lhe deu parte do que se passava, e elle, achando-se outros pressentes, lhe perguntara quem

era e que era o que queria, respondera-lhe: *lia ixe*, e que padia máias, depois das quaes ditas, não appareceva mais.

Em o mesmo mez de Junho, chegou tambem o Padre João Angelo, das Bocas; vieram o Padre superior e o Padre José Barreiros doente de sua missão dos Maraguanes, cujas terras até os proprios indios naturaes dellas confessam serem muito doentias.

Convalesceu logo o Padre João da Silva, e foi-se acudir á aldea de Miribira com os sacramentos, desobrigando aos que tinham andado divertidos em trabalhos, sem terem logar de tratar de sua obrigação, e casando outros que andavam mal encamalhados por sua propria maldade.

CAPITULO 14

RELATAM-SE OS VARIOS SUCCESOS DOS MEZES DE JULHO, AGOSTO E SETEMBRO.

Pelos dez de julho, restaurou-se a Fortaleza do Macapá pelo muito valor de Francisco de Souza Fandi, como dito fica em rila, para trom as relações mais unidas do que neste capitulo, onde se faz menção do tempo dellas. Vieram uns indios fugidos de Cayenna para sua aldea de Mortigura, os quaes deram por nova que o Marquez de Ferrolles, governador daquella praça, mandara uma fragata com soldados, peças e munições para prover Macapá; outros quizeram dizer que na volta para Cayenna lhe dára a porreção, que lhe fizesse perder quatro canoas; mas tudo foi falso, e o certo é que até agora não ha novas dos francezes, e ficou o nosso governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho muito acreditado pelo valor de Francisco de Souza Fandi, que por ordem sua foi restaurar aquella fortaleza e a restaurou com tão admiravel e ditoso successo, que basta para acreditar não só a elle mas tambem as armas da invencivel Coroa de Portugal.

O navio que tinha vindo com a pouca carga do Reino, carregou no Maranhão o Pará açucars, tabacos e sobre todo cravo e casio, até não palir mais, deixando em terra carga para outros dois navios, que podem ter vindo, se, como dizem

as que tudo querem julgar, a cobiça de alguns particulares não impedir ao bem commum.

Vespere de nosso Santo Patriarcha, partiu o Padre superior da missão e pregou em sua festa o Padre reitor Bento de Oliveira, e fez o Padre João da Silva sua profissão.

Dia de Nossa Senhora das Neves, fizeram os dois noviços Bartholomeu Rodriguez, cursista e Domingos Gonçalves seus votos de devoção na missa, que, por ordem do padre reitor, lhes disse eu, por ser seu mestre.

Publicou-se a visita do Padre Antonio Vieira, no reitorio, por ordem do padre superior, com outra visita particular ao Collegio, e delle fui constituído por seu admonitor e juntamente admonitor do Padre reitor.

Aos 10 de agosto partiu o Padre Antonio da Fonseca, já melhorado de sua doença, para a missão de Xingó, em lugar do Padre Antonio Vaz, que ficou ainda para convalescer, foi subito sem companheiro, pouco depois partiu tambem o Padre João Maria para os Tapajós, levando por companheiro o irmão Geraldo Ribeiro, tendo partido dantes o Padre João da Silva, com o irmão Antonio Rodriguez para sua missão dos Abacaxizes com animo de mandar de lá para baixo um tapanhano José Lopes, que lá tinha como feitor de seus negocios o capitão-mór Hilário de Souza, que Deus tem, e mais um outro pertencente ao capitão-mór Manoel Guedes Aranha, por não serem lá de nenhum proveito.

Aos treze deste mez vieram duas canoas com soldados do Macapá, e o capitão Francisco de Souza Fandão foi arrastando a bandeira dos francezes para palacio, onde lhe foi mandada arvorar genêra de capitão pelo governador, e foram mandadas duas canoas de indios fortes do sertão para irem habitar junto á villa de Icatú, no Maranhão, na missão do missionario dos rios Tapeacoré e Mony, assim como pouco dantes tinham sido mandados outros do sertão do Maranhão para a ilha de Joazeiro.

Aos quinze do agosto, dia da Assumpção da Virgem Senhora Nossa, fez o Padre Antão Gonçalves sua profissão de quatro votos, e o Padre Antonio da Silva seus ultimos votos.

Mandou tambem o governador repor uns in dos Maraguanes,

que se tinham levado, como ás furtadelias, da missão do Padre José Barreiros, para se porem em sua liberdade, mas além d'El-Rei, pelo seu missionario, a quem se mandaram entregar.

Chegou tambem o Padre João Justo aos vinte sete, dos Tupi-nambarana, com umas vertigens tão terriveis, que estando no Pará, nos oito de setembro ainda não se pôde livrar dellas.

Ninguém se espante virem todos missionarios da riba doentes, para baixo, porque são aquelles sertões mui doentes principalmente para aquelles que lá vão pela primeira vez, e temos que dar muitas graças a Deus não nos morrerem lá como morreram, pouco tempo ha, uns missionarios dos reverendos padres Piedosos, vindos novamente do Reino do Portugal.

O Padre superior da missão fez sua primeira visita sem adoeceer, porque foi como de corrida e não fez detença senão o tempo necessario para visitar as residencias, navegando o mais tempo pelo rio, e assim não lhe fizeram dano os miasmas dos sertões, porque quem não se detem alli raras vezes adoeece, e se aloceem os padres missionarios é que forçosamente estão permanentes naquellas suas residencias pouco saídas.

Aos dois de setembro, falleceu Maria de Siqueira, mulher do capitão-mór Hilário de Souza, o qual estabeleceu os reverendos padres missionarios em S. José, onde ella se enterrou, como dito fôr.

Diz-se ha que o Padre superior da missão está em Mamayacé, acedindo com o Padre Antonio da Cunha, missionario dos Tupi-nambá, aos doentes de camaras e sarampos, que lá vão dando na gente, principalmente nos Maraguanas, e já levou alguns dos melhores de todos elles.

Veio nova do Cumará, villa da capitania de Cametá, que aquelle mal de sarampo tinha lá dado no mez passado, e havia dia em que se iam enterrando dez para doze defuntos della o de camaras de sangue, sem se lhes poder valer por quantas mesinhas se lhes applichem.

Estivemos este anno o mal o pasado com a peste das bezigas, sarampos e camaras de sangue, e com a fome juntamente; ajuntou-se-lhes a guerra do Mucapá, receiámos continuem os francezes, cujo heio não ha de poder soffrer de se verem ven-

citos pela restauração das fortalezas que nos tinham tomado.

Aos nove deste, vieram novas cartas ao Collegio por um macrader Agostinho, cirurgião desta cidade de Belém, vindo da fortaleza do Gurupá, que o Padre Antonio da Silva estava muito mal em sua missão dos Ingaybas, onde houve muitos doentes a quem acudir, mas que melhorara de uma purga que lhe dera, com que ficará pagando tres dias por ter comido uma talhada de melancia fora do tempo, e depois se achara melhorado de tudo para poder correr suas aldeias com seu costumado zelo; accrescentou que os dois padres que tinham partido havia semanas para suas missões, a saber, Antonio da Fonseca para Xingó, e João da Silva para a dos Abacaxites, tinham se detido forçosamente em a residência de Uaricuri dos Ingaybas, por lhes adoecerem todos os seus remeiros, mas que o Padre Antonio da Fonseca se fora com bem poucos mal convalecidos, continuando sua viagem que era para mais perto, e que o Padre João da Silva partira mais tarde, por não melhorarem os seus senão com mais vagar. Soube tambem no mesmo dia do Padre José Barreiros e logo do Padre Antônio Gonçalves, um caso que a este acontecera em o mez passado, tendo sido mandado supprir as ausencias do Padre Miguel Antunes, missionario da aldeia de Mortigura.

Tinham sido mandados uns poucos de indios novos, Meruans de nação, para fornecimento daquella aldeia, e aconteceu que adoecendo aquelles logo, uns de catatubo, outros de surampo, os fôra o Padre Antônio Gonçalves instruido para os poder baptisar, ao menos em necessidade, em aquelles apertos tão perigosos, um marcebo, entre os mais que se instruiam, mostrava grande desejo de ser baptisado, e um dia, vendo-o os parentes desfallecido, foram logo fazer-lhe a cova para o enterrar, sem dar parte ao padre senão depois, porém como sobreveio a noite, não fizeram mais que metto-lo na cova, sem o cobrir de terra, reservando esta diligencia para o dia seguinte; neste, ao romper do dia, foram-se com tenção de acabar de o enterrar, mas como tinha chovido muita agua a noite passada, quando chegaram á sepultura ouviram que o sepultado tiritava de frio, pela muita chuva que o resfriara e expectara, com que o tiraram da cova

tudo enterrado, e assistaram-o junto a elle, com taeção de enterra-lo quando expirasse; e pela providencia de Deus, tendo o padre este indio já por morto e sepultado, indo pela aldeia a visitar os mais doentes, elle disseram fosse var tambem um outro que estava morrendo; foi-se com os que lhe tinham dado o aviso e achou era o mancoço que cuidava já estar morto e enterrado, conforme lhe tinham dito os parentes; chegou-se logo para elle e torcendo-lhe brevemente a fazer os actos necessarios para receber o santo baptismo, e perguntando-lhe se queria ser filho de Deus, respondeu que sim, e fazendo forças da fraqueza mortal em que se achava, argueu-se um pouco e assentado recebeu o sacramento e logo falleceu e entorrou-se em sagrado. Fica este successo para ensino dos missionarios, affirmo que não dão logo credito aos indios, principalmente aos novos, quando dizem que falleceu algum, porque temam muitas vezes os desmaios por fallecimentos, e assim desmaiados enterram vivos se não ha quem lhes vá a mão.

CAPITULO 15

RELATAM-SE VNS CASOS ACONTECIDOS PARA BANDA DO GRAMPARÉ.

Tendo o Padre superior José Ferreira ido visitar a nossa roça de Mamayacu, achou lá os Maraguzes mui maltratados de umas doenças que andavam, assim na roça como na aldeia dos Tupinambazes e tiravam a vida a muitos, com que, por sua muita caridade, se deteve para ninguem morrer sem os sacramentos da igreja, que é o maior bem que se pôde fazer a estes miseraveis indios naquellas occasiões.

Ora, aconteceu por aquelle tempo que, indo elle com o Padre Antonio da Cunha visitar os Tupinambazes, chegou a perigar um delles mortalmente; agadiu-lhe logo o Padre Antonio da Cunha, como seu missionario, perito na sua lingua, e depois de o ter bem disposto com os actos necessarios, o confessor até ficar bem satisfeito de sua confissão, com que o absolveu de suas culpas; acabada pois a confissão disse-lhe: Filho, já estás bem confessado, resta agora que recebas o Senhor e depois disso a santa Extre-

ma-Unção; ao que respondeu o índio: Sim, padre, ao Senhor receber, mas a santa Extrema-Unção não, porque esta é que mata.

Tratou o Padre Antonio da Cunha de lhe tirar da cabeça esta falsa presumpção, mas como via que se cangava debilmente mandou avisar ao Padre superior José Ferreira, para que vinhesse ver se com sua autoridade podia induzir o índio para que recebesse a santa Unção; veio elle, mas nada foi bastante para o índio largar a presumpção errada em que estava, chamaram os parentes para o mesmo fim, mas nem elles o puderam dissuadir, ficando sempre fixo no que uma vez tinha dito, a saber, que ao Senhor receberia com muita vontade, mas não a santa-Unção que o acabaria de matar; e assim, ao mais bem disposto, falleceu, como se espera, *in domino*, por não peccar por malícia, mas por presumpção tola de índios mui ignorantes e grosseiros. Nem ha que espantar ter-se achado isso em um índio agreste, quando ouvi ter acontecido na cidade de Roma, cabeça do mundo, em homem bem ladino, e foi o caso que, estando para morrer um criado da casa do Padre Peto Luiz, como elle mesmo me contou, nunca se lhe pôde persuadir que, recebidos os mais sacramentos, também recebesse a santa Unção, e perguntado pela razão, respondeu que ella o fazia escorregar muito para a sepultura. Este homem convalesceu de sua doença, mas podia-se pôr em questão se perderia por isso morrendo assim, e deve-se responder que não, porque não houve despreso do sacramento que só faz peccar mortalmente a quem o não quer receber, e se esta resposta vale por um homem branco muito ladino como são os romanos, muito mais vale para um índio Tapinambá ainda selvagem, que por sua muita ignorancia se tinha mettido na cabeça que a santa Unção matava aos que a recebiam.

Outro successo foi que, tendo ido o irmão Domingos Maciel, que do presente é padre, a mandado do Padre reitor Bento de Oliveira, para as tartarugas, que de setembro por diante se apanham pelo rio Tocantins para riba, pouco mais ou menos defronte da residência de Inhuaba, ouviu uns gritos para banda da fazenda de nossa irmã Maria da Rocha, donde, estrando em suspeita que

por ventura teriam dado nella os Tapuyas ou índios selvagens do matto, com isso mandou logo dar urros a toda a sua gente que eram umas 18 para 20 pessoas, e, feito isso, chegar a canoa grande em que andava para o porto e saltar em terra comsigo, para acudir áquella viuva honrada, que vive com umas oito mulheres, ás quaes sustenta como mãe, pelo amor de Deus, em sua casa, até lhes poder dar estado. Valeu tanto esta sabida feita em terra que, em apparecendo o irmão com os nossos índios, parte Tupinambizes, parte Maraguzes, todos filhos de nações guerreiras, logo se afastaram para longe, tendo já morto uma e ferido outros escravos da fazenda, havendo provavelmente de acabar a todos s'ia divina providencia não acudira com este tão propicio auxilio a esta serva sua, livrando-a por este meio de uma morte cruel, que estes barbaros haviam de ter dado a ella e ás mulheres que a acompanhavam, e mais a toda sua gente, que chegaria ao numero de umas 50 pessoas, que, por sua morte, deixou por testamento aos reverendos padres da Nossa Senhora das Mercês.

Verdade seja que lá moravam um homem branco ou duas, com suas familias, que com suas espingardas e mais armas podiam ter feito alguma resistencia, porém como este assalto foi dado de subito e em logar onde menos se podia recelar, deu tanto medo a todos que ficaram sem se poder dar a conselho. Retirados pois os barbaros por se verem descobertos, embarcou o irmão na sua canoa grande, que ia vasta, para riba á Maria da Rocha, com todas as mulheres brancas e outras mais fracas, para banda de Inhuaba, onde as deixou agasalhadas dos índios seus compadres e conhecidos; e feito isso se foi ter com Antonio de Carvalho, capitão-mór da capitania, o qual o agasalhou com muita caridade, até lhe ter vindo ordem do Padre reitor que, sem embargo desses barbaros que por ali andavam pelo matto, se fosse para riba, ás tartarugas, como fez, diligenciando umas trezentas, com que se veio para baixo, tendo vindo outros com uma dúzia, outros com menos e outros nada, por não sahirem tartarugas naquello anno, mas nem a estas trezentas trouxe aquelle anno sem risco, porque ou bem os Tapuyas, que tinham apparecido na roça de Maria da Rocha,

ou outros andavam pelos matos, buscando occasião de lhes dar a elle e a sua gente toda.

Descobriu-se isso por um indio, Bernardo, da roça de Jaguarary, o qual, tendo-se mettido pelo matto dentro com seu arco e flechas, descobriu uma espiã dos barbaros que, retirada por detraz de uma arvore, lhe atirou logo, e o havia de matar si não evitara destramente o tiro; com que foi-se o nosso Bernardo recuando pouco a pouco com seu arco e suas taquaras na mão até levar o barbaro mais para fira do embosque das arvores, e então, fazendo-lhe testa, lhe atirou duas taquaradas que elle recebeu sem damno na redella que levava, porém atirando-lhe tão destradamente a ultima que lhe sobejava que levantando o barbaro a redella deu lugar de firl-o pelo covaco, com que cahiu, dando gritos aos seus que lhe acudissem, e ao nosso Bernardo de se retirar para nossa gente, que estava na praça com o irmão, aos quaes referiu todo o successo. Não foi necessario mais para os valentes Maraguarzes, que logo quizeram ir em sua companhia, em seguimento dos mais para os acabar a todos; ficam-se com suas armas pelo matto dentro, mas não acharam já ninguém senão o corpo morto do barbaro, que o medo dos seus tinha feito desamparar n'outra occasião mais accommodada e segura. Logo que o capitão mór soube o que succedera mandou uns quarenta indios atrás dos barbaros, mas não acharam senão o rasto dalles, e como não tinham ordem de se aventurar até dar com elles, voltaram para suas casas, deixando os moradores do rio dos Tocantins, com grandes e continuos medos de algum sobresalto destruido. O que lhes importa é andarem sempre com muita cautella para não ficarem mortos por aquelles Tapuyas, que já mataram muitos dos brancos.

CAPÍTULO 16

POR ORDEN DO PADE REITOR BENTO DE OLIVEIRA EXAMINEI O CAPTIVEIRO DE MUITOS INDIOS, OS QUAES DEI POR FORROS, DANDO ELLE O SANTO BAPTISMO A MUITOS MENINOS E MENINAS DE MENOS DE SETE ANNOS DE EDADE.

Tinham o capitão mór Hilario de Souza e Maria de Siqueira, sua mulher, deixado por sua morte quantidade de gente na sua roça com declaração que se não vendessem; o governador Antonio de Albuquerque Ouelho do Carvalho, com seu ouvidor geral do Estado, Matheus Dias da Costa, para atilhar murmuraciones e duvidas que podia haver sobre esta materia, mandou pelos conventos quantidade delles, para se examinarem sobre seu captiveiro e liberdade.

Aos dezoito de setembro deste anno, 1697, vieram por ordem do ouvidor geral, dous dos que estavam na reclamação (como chamavam os defuntos) de S. José. Chamei-me o Padre reitor Bento de Oliveira, mandando-me que os examinasse; fizo eu, com toda a diligencia, como a negocio requeria, e achei que alguns delles eram conhecidamente forros e deixados por tales, e outros, pela maior parte, forros por faltar cauza bastante de sua escravidão, e por isso declarei que, a meu ver, eram forros todos, tirado um só que não pude averiguar, por não haver bastante clareza nem por uma nem por outra parte, do que fiz menção no rol dos por mim examinados, que remetti ao ouvidor geral com o meu parecer; e elle, tendo-os declarado por forros, mandou-os ao governador, o qual ordenou que fossem levados para a aldeia do rio Guaná, tirados uns poucos que tinham sido trazidos de riba como remeiros, e tinham vindo espontaneamente por outra razão, que a todos esses deixou voltar para suas aldeas, se quizessem.

Outro lote mandou tambem o governador ao Padre reitor Bento de Oliveira, no qual havia uns dezoito entre meninos e meninas, todos para se averiguar o seu captiveiro, e entregou-m'os elle para que eu os examinasse, conforme se costuma de examinar os que se offercem por escravos nos sertões. Fiz-lhes

eu a todos as perguntas costumadas com a toda a excepção e também achei que estes eram fortes, tirava uma peça da lingua travada, que, por falta de interprete, ficou assim até que, depois de crescida e versada já na lingua geral, houvesse modo de poder vir em noticia de sua condição e estado. Os meninos e as meninas, como eram todos de cinco para seis annos, e outros de seis para sete, então parecia, mandou-me o Padre reitor ensinar brevemente os artigos principaes de nossa santa fé, com os actos necessarios para receberem o santo baptismo; porque, supposto que bastava menos para elles, por serem de tão pouca idade, sem embargo disso, para se fazer tudo no modo mais conveniente, não quizeos que faltasse cousa alguma que pudesse requerer o mais escrupuloso para ser valioso seu baptismo, não só na essencia, mas tambem no effeito, até nos sobre os quaes havia alguma duvida se já passavam a idade dos sete annos, e assim já teriam obrigação para mais.

Quiz o Padre reitor Bento de Oliveira baptisá-los, elle só a todos, dando cada um de seus cursistas commigo o nome a seu afilhado ou afilhada, por não haver outros que os pudessem ter naquellas circumstancias; a estes tambem mandou o governador para a aldea do rio Guamá, a qual está á conta do Padre Miguel Antunes, missionario de Mertigura, que, com seu companheiro, vai visitá-los de tempo em tempo, para ensina-los e administrá-los o sacramento. Já lá devem de estar com os que trouxe depois Manoel de Paes e outros, até dizenzas almas.

Não lhes assistiu até o presente missionario nenhum, porque foram sempre poucos e estes continuamente divertidos em trabalhos, além do que o sitio em que estão é muito faminto e falta de peixe. Fallou-se em mudar a aldea mais para riba, para o rio do Capim, onde ha fartura de tudo, e onde pódo assentar-se uma aldea mui bastante para lhe assistir algum missionario nosso, por ser todo esse districto sujeito, no tocante aos indios forros d'El-Rei, a nosso mando. Enquanto se não fizer isto, devem-se armar os missionarios de muita paciencia quando vão visitar aquella missão, porque se não levarem com que passar, ellas e seusremeiros, soffrão mui boas fomes. Boa testemunha disso é o irmão Antonio Affonso, que por caridade veio acompa-

nhar o Padre reitor Bento de Oliveira, quando no anno 1697 veio do Reino, por superior da missão, porque esse bom irmão, depois de servir no collegio do Pará de despenheiro e acompanhar o Padre José Ferreira para o sertão, foi mandado do Padre superior, já por algumas vezes, a Mortigura, para companheiro do Padre Miguel Antunes, com o qual já foi á aldeia do Guará, onde viu e experimentou as faltas d'aquelle lugar.

CAPITULO 17

DÁ-SE CONTA DA DIFFERENÇA QUE HOUVE COM ANTONIO DE CARVALHO, CAPITÃO-Mór DA CAPITANIA DO CAMETÁ, SOBRE OS VINTE E CINCO CASAS QUE EL-REI MANDA DAR AOS MISSIONARIOS DAS ALDEIAS PARA SEU MANEJO

Para não ficarem as aldeias da capitania do Cametá mais tempo sem missionario, foram mandados para lá os Padres Antonio Gonçalves e José Herculinos, este para assistir na residencia do S. Pedro e S. Paulo em Iahuaba, aquelle para voltar para a cidade, depois de ter tomado algum divertimento.

Foram-se na canoa grande e nova de piqui verdadeiro, que tinha feito fazer quando lá assisti; acharam a casa e igreja muy maltratadas pelas chuvas, por se não ter acudido a tempo a concertar o telhado; foram a Parijô fallar ao capitão-mór Antonio de Carvalho para que lhe torcesse a dar os seus vinte e cinco cascos de indios, que por ordem d'El-Rei tinham tido os padres antecessores seus immediatos. Disse-lhes elle que não havia de dar dahi por diante taes indios, allegando por desculpa que tinham morrido muitos pelas bestias, sarampos e outras doenças, que o governador mandara dar quarenta para correrem a costa do cabo do Norte, e finalmente que ella não tinha obrigação de dal-os, nem a lei de Sua Magestade se entendia com a capitania do Cametá, não mais que com a do Caeté, e se quizessem ter os dos ou doze indios que se davam ao Padre João Carlos, que lá assistia por missionario, se daria, e não havia de dar mais, porquanto tinha carta d'El-Rei; que eximia aquella

capitania, como eximia a do Caethé; em prova e confirmação do seu dito mostrou aos padres a carta que não era mais que um traslado da do Caethé. Ouviram os padres com muita prudencia e cortesia com elle, e responderam-lhe que a resolução desta differença não lhes tocava, mas pertencia ao superior da missão, a quem dariam parte do tudo, para elle dispor conforme lhe parecesse.

Neste interim, visitou o Padre superior José Ferreira a classe do latim que ha no Collegio e a aula do curso, e houve conclusões com muito concurso no corpo da egreja, como se costumam em todas as religiões deste Estado.

O Padre reitor, mestre do curso, presidiu admiravelmente bem, argumentaram religiosos, clérigos e o Padre superior, como mestre condemnado nas artes, e eu, como velho de setenta annos com cincoenta e quatro depois de me graduar em Tréveris, cidade da Allemanha, pela festa dos Santos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, no anno 1644; os defendentes nossos, assim desci como de outra vez, a saber, os irmãos Lourenço Homem e Sebastião Pereira, responderam com satisfação, e as lições foram quasi costumam ser as que eu ouvi no Reino.

Acabado isso, partio o Padre superior para rila, levando em sua companhia o irmão Antonio Affonso; chegado á residencia d-Inbusba, depois de ver o testimio estado a que ella tinha chegado, fez-se com os padres a Parjô; lá fallou com o capitão-mór Antonio de Carvalho sobre os vinte e um reineros que El-Rei nos mandara dar. Respondeu-lhe, na mesma fórma, que tinha respondido já dantes aos padres, e supposto que o Padre superior o accommetteu com bom partido, persistiu na sua resolução, dando alguma culpa ao Padre João Justo; e tudo isso depois de ter o Padre superior fallado com o governador, e elle dite mandara a seu irmão que os dêse. Nesse meio tempo os escrupulos rediziram o Padre Manoel de Amaral ao termo de louco, de sorte que o padre reitor o mandou fechar no cubiculo. Deu-se posse aos reverendos padres Piedosos da ermida e casas de São José, conforme a deus do testamento do capitão-mór Hilário de Souza e sua mulher Maria de Siqueira. Examinaram-se os cursistas, sendo os examinadores o padre reitor, eu, o Padre João Justo

que já tinha vindo doente de vertigens dos Tupinambas, e o Padre Miguel Antunes, missionário de Mortigura; responderam os examinados de sorte que parecia tinham estudado nas universidades da Europa, e se bem mostraram uma melhor habilitação que os outros, contudo não houve nenhum que não passasse a mediocridade, e muitos delles com laude ou duplice laude.

Chegado que foi o Padre superior aos Bocas, missão do Padre João Angelo, que lá assiste sem companheiro, achou-o com essas bellamente feitas por traça nova, e com as madeiras sortidas todas para a igreja, a qual, na volta para baixo, achou toda acabada e muito linda. Escreveu de lá ao Padre reitor Bento de Oliveira, dando-lhe parte de como o capitão-mór persistia obstinadamente em não querer dar os vinte e cinco índios que El-Rei mandava dar aos missionários das aldeias sitas fora de trinta legoas da cidade, e mandou juntamente uma petição para se offerecer ao governador, pedindo-lhe que, pela obrigação de seu cargo, acudisse, e, quando não, se retirariam os missionários do Cametá.

Offereceu o Padre reitor a petição, a qual não quiz o governador despachar, dizendo escreveria a seu irmão Antonio de Carvalho, como fez; porém, como não resalvou nada do que se tinha pedido nem ainda depois de lhe se fallar por ordem do Padre reitor ausente, mandou elle retirar-se ao Padre José Barreiros com tudo quanto nos pertencia em ambas as aldeas.

Sentiu o capitão-mór muito esta resolução e muito mais que elle o governador, mas deu-se-lhe execução á risca e veio o Padre José Barreiros, trazendo, entre outras coisas da igreja de Inhuaba, uma imagem de Nossa Senhora do Socorro, que eu tinha pintado, assistindo lá por missionário, e que tinha llyrado a aldeia da praga das bexigas, conforme o parecer de todos. Folguei infinito com a vista da Senhora, que por ter sido pintada com tintas da terra já se ia desfazendo; mas eu logo a tornei a pintar com tintas do Reino, de maneira que sem eu ser pintor sahio muito linda e agradável aos olhos de todos.

Enquanto se passaram essas coisas, veio do Maranhão o reverendo senhor Padre João Rodrigues Calhaz, de parte do

senhor bispo, por vigário da vara, juiz dos residuos, e o reverendo Padre frei José Paulista, companheiro de sua illustíssima; mandaram-se prender uns poucos de clérigos, uns para irem dar conta de si ao Maranhão diante do senhor bispo, outros ficando cá presos em suas casas. Voltou, entretanto, o Padre José Ferreira, superior da missão, da sua visita das aldeias da riba, e logo tratou de passar para o Maranhão, sem ter podido concluir ajuste entre elle e Antonio de Carvalho, capitão-mór, acerca da missão do Cametá. Tinha podido elle e o Padre reitor a quem, como governador, tocava mandar pôr em execução as leis reais sobre esta materia, porém respondia elle que si não podia intrometter, por lhe ser prohibido entender com os capitães-móres dos donatarios, e muito menos lhe tocava isso, por ter vindo do Reino uma carta do mesmo theor da que havia sobre a capitania do Caeté. Chegou entretanto Antonio Carvalho, capitão mór do Cametá, aos vinte e um de janeiro deste anno 1698, cujas ditas entradas prôxeas em nossa igreja; fui visitá-lo em palacio, onde se tinha agasalhado com o governador, seu irmão, e pagando-me elle a visita, como lhe tratei no negocio da missão do Cametá, respondeu que se em lá estivera nunca havia de haver tão medança, mas como o Padre João Justo ficara em meu logar e não se dára bem com elle, houve todas aquellas differenças, e que elle não havia já de dar mais os vinte e cinco remeiros que estavam tirados e eram necessarios para irem com os mais para acodirem á fortaleza de Macapá, ao cabo do Norte e mais necessidades urgentes, que por então não faltavam, pelo modo que estavam dos francezes.

O mesmo respondeu ao padre reitor, dizendo-lhe resolutamente que não havia de dar os vinte e cinco indios e daria disso conta a El-Rei, que o castigaria, se o merecesse. Já o Padre superior se tinha ido para o Maranhão, sem se conchavar com o governador, que lhe tinha pedido um padre missionario para o Cametá, persistindo elle em que daria logo que lhe concedessem os vinte e cinco remeiros marcados pela lei. Tinha ficado para ir com outra canoa os Padres João Justo e Antonio Vaz, allejado de um braço, como foram depois na em que os Padres

João de Avellar e Manoel Rabello tinham vindo do Maranhão.

Finalmente, como Deus Nosso Senhor sempre acode nos maiores apertos, estando o Padre reitor Bento de Oliveira quasi sem esperanças de cobrarmos mais a missão do Cametá, eis que tendo fallado Pero da Silva, homem honrado e amicus noster, ao governador sobre essa materia, mandou dizer-lhe que lá estavam os vinte e cinco indios e os mais que quizesse, com que logo em os vinte sete de janeiro, dia de S. João Chrysostomo, mandou para a residencia da Inhuaba ao Padre José Barreiros, ao qual entreguel o painel de Nossa Senhora do Socorro, que eu tinha já acabado de pintar com tinta do Reino, para se repôr donde se tinha tirado. Foi-se o Padre Barreiros e como achou a casa e igreja da residencia muito mal tratadas das continuas chuvas deste anno, resolveu-se de assistir na aldeia de Parijô, perto do capitão-mór, o qual, para ficarem os indios mais unidos e melhor destinados, mandara ordem a Inhuaba, se mudassem todos para Parijô, obrigando a isso, á força, a alguns que não se queriam mudar.

Com isso mandou o Padre José Barreiros tudo o que tinha em Inhuaba para Parijô, fazendo lá residencia com muito agrado do capitão-mór e de todos e para que se não arreinasse a bella igreja e casa que tinhamos alli, a deu a Maria da Rocha, nossa irmã, para ella morar lá com toda sua gente; algumas cousas tive, de lá, como o bello painel de Nossa Senhora do Socorro, o qual puz no altar de sua igreja de Parijô, em logar do outro maior, mas menos bello, que lá estava, pondo-o na sacristia.

CAPITULO 18

O QUE SE PASSOU ATÉ O MEZ DE MARÇO NO PARÁ E MARANHÃO

Em ambas as capitalias se fizeram as quarenta horas, e préguia a Quaresma com grande concurso e fructo das almas. Foi o irmão mestre Manoel Antunes ordenar-se no Maranhão, onde tomou ordens com o irmão Domingos Macodo, e vieram de ir ambos outra vez para o Pará. De uma e outra banda tiveram

os pobres índios muito padecer no grande trabalho em que os empregaram em fortificar ambas as cidades, e fazer uns redutos contra o inimigo, que por occasião da fortaleza do Macupá restaurada se estava tomando. Na cidade do Maranhão fez o capitão-mór João Duarte Franco construir no pé da ribanceira uma obra de pouca dura, mas de grande trabalho para os índios e índias das aldeas, que também tinha feito vir, para ajudarem na dita obra, mas como isto era com prejuizo do bem espiritual d'ellas, por ser causa de anfiarem amancebadas com os brancos, que as levavam para cumprimento de seus damnados appetites, mandou-as o Padre reitor Antonio Coelho retirar-se para suas aldeas, sem embargo das pretensões do capitão mór. Na cidade do Pará fez-se uma bella palisada de pau cupatiba, desde o forte até o convento das Mercês, fazendo-se bellos redutos, um deante do senado da Camera, e outro junto ao convento dito, dispondo-se por ambas as bandas suas peças cavalladas em carreiras novas, o que também se fez na fortaleza da cidade que se foi concertando de novo, fazendo-se mais um fortuzinho armado sobre madeiras, em cruzilhas com suas peças, á custa de José d'Alva, o qual premiado de um bastão de capitão das trincheiras com esperanças de ser provido d'El-Rei em posto maior, gostouahi sua fazenda, que lhe veio com o casamento de sua segunda mulher.

Mandou o governar ter uns índios Araraes por perniciosos na costa do Norte, por serem muito amigos do inimigo, para o Maranhão e uns Araras para o Guayná.

O Padre João da Silva, missionario, mandou á custa de sua residência candeas para descreem uns Teyrózes do cabo do Norte para Araparipecú, com beaplacito do governador e dos reverendos padres de Santo Antonio, a cuja jurisdicção estava sujeita a dita nação, porque, dando-se-lhes parte do que se pretendia fazer, responderam que não só estavam contentes, mas dariam ajuda de custo para a dita empreza, sendo necessario. Já chegaram uns cento e noventa d'elles e se estão esperando outros mais; todos se metteram com seus parentes em Araparipecú por ser aldeia mais furta, e poder-lhes acudir o Padre missionario dos Tsgaybas com mais facilidade, como fez por agora o Padre An-

tonio Gonçalves, que lá está com o irmão... enquanto o Padre Antonio da Silva se está curando no Colégio de uma indignação do estomago.

Aos 17 de abril foi o Padre reitor Bento de Oliveira, com o escrivo publico das notas, e outros homens brancos, tomar posse da doação da gente que Francisco Rodrigues fez ao Colégio de S. Alexandra, e aos 27 do mesmo tomou tambem posse da reencia que fez da administração que se tinha reservado para toda sua vida. Como este morador é inaique benfeitor nesso, bem será que eu me alargue em escrever quem elle é, e como chegou a fazer esta tão prodigiosa esmola.

É Francisco Rodrigues portuguez de nação, natural do... Foram seus pais gente limpa e honrada, que, em breves annos, falleceram, deixando-o orphão, eom' que, sendo moço, servio de pagem ao Conde do... seguindo-o a cavallo nos exercitos no tempo da guerra contra Castella, onde se achou em varias batalhas; mas como vio que tudo isso lhe rendia mui pouco para gran-gear sua vida, mettou-se a aprender o officio de carapina e calafate na ribeira das ntes, e logo que soube os seus officios andou nas viagens do Lisboa para o Brazil e depois para o Maranhão, ganhando com o suor de seu rosto o que lhe era necessario para passar honradamente sua vida. Chegou ao Maranhão, sendo es superior da misão, pelo anno de 1673 ou 74, e como se sentio chamado para a Companhia, declarou o seu intento ao Padre Salvador de Valle, por então missionario de Mortigura, o qual vendo seus bons procedimentos o agasalhou primeiro comsigo na sua residência, e mo fallou nello, mas como para maior experiencia convinha deferir sua admissão, ficou assim até eu ir como reitor ao Maranhão, vir o padre Francisco Velloso para reitor do Pará, e o padre Pero Luiz Gonsalvi succeder-me no Superiorado. Nesso tempo, pretendou com mais instancia a Companhia, para a qual, vistas as boas informações que tinha, foi admittillo; porém como Deus Nosso Senhor por sua divina providencia, o ia encaminhando para o bem, que havia depois de fazer, permittio que sabisse do noviciado e feito outra vez leigo servisse por caridade ao Padre reitor Francisco Velloso na roça do Jaguarary, onde lho fez morada para moer

canas e muitas viagens para o crato, e cado sem nunca pedir um viciem para seu gasto, mas vestindo-se e aviando-se sempre, por alguns annos, do dinheiro que tinha ganhado dantes em seu officio.

Soube de seus bons procedimentos uma honrada viuua que tinha suas peças e limpeza da casa muy boa e bastante, e como nestas terras mal podem as mulheres governar fazendas, mandou-lhe fallar em casamento consigo; elle, como conhecia que era mulher já de idade e de muy boa fama, contrahio matrimonio com ella *in facie ecclesiae*, e como elle mesmo me contou viveu uns annos com ella, com summa paz e concordia, assistendo-a, honrando-a, mas tratando-o ella como filho, deixando-o por sua morte por seu herdeiro. Morio, pois, a mulher, mandou-lhe fazer os officios divinos com toda a solemnidade, pagou as suas dividas, que não eram poucas, ficando-se com o restante, que não vinha á ser cousa de muita consideração; contudo, como elle era ainda moço, tratou de conservar o que tinha, e acrescental-o, comprando escravos em paga de suas caídas que, como insigne mestre delhas, fazia cada anno, com que veio a ser dos mais abondos do Pará, e isto sem mulher, nem filhos, nem dividas nenhuma, cousa rarissima neste Estado, onde communmente todos estão devendo os olhos da cara. Enfadado do mundo, vivia muito sobre si, na sua fazenda, sem buscar nem admitir compachias, ainda de seus mais vizinhos, contentando-se de governar sua familia em boa paz e no santo temor de Deus, encommendando-se a Elle todos os dias, qual faria um religioso muy observante, com que veio a afeiçoar-se tanto ás cousas divinas, que dizia largaria tudo, contentando-se ter um castinho no Collegio com sua porção como os mais, para poder-se encommendar melhor a Deus e tratar de sua salvação. Prometti-lhe eu o que podia pelo irmão Manoel Juzarte, que do tempo da reitoria do Padre João Carlos Orlantini o superiorado meu ultimo, esteve agasalhado na sua casa, enquanto andava tratando das madeiras para o correio e portaria nova. nem desistio de sua pretensão, até que o Padre Mestre Bento de Oliveira, meu successor no governo da missão, o foi admitindo mais, e afinal no toppe de seu reitorado, sendo já Superior o

Padre José Ferreira, deixou-se de tudo, para se ver livre por uma vez das molestias que lhe dava o governador em lhe pedir couças e farinhas da parte d'El-Rei; com que está hoje na fazenda, governando-a em nome do Padre reitor, com licença de gastar o que de boamente lhe parecer para si e para os índios, ou de entrar no Collegio como irmão por carta da irmandade, sendo admittido no refeitório, como os mais, na mesa dos irmãos. Estive eu com elle depois da Paschoa da Ressurreição do anno 1803, umas semanas, para lhe descobrir a gente, e confesso ingenuamente que me pareceu religioso em tudo, porque pelas manhãs, ao cantar do gallo, duas horas antes da manhã, se levantava, o, feita sua disciplina, gastava duas horas rezando e meditando.

Ao levantar do sol, dava ordem do que se havia de fazer; ajudava-me á missa e depois de almoçar ia visitar os doentes e os que estavam no trabalho; pelas 11 horas voltava e fazia exame de consciencia commigo e logo uma hora de repouso, e á noite não faltava fazer assistir todos á doutrina, e ladainhas, despedindo de casa as cozinheiras e ficando só commigo e um rapaz, durante a noite, até o outro dia, e em tudo tão fiel ao Collegio que não gastava consigo seão o preciso e necessário, deixando-me admirado e muito edificado do seu bom exemplo; e o que é para mais pasmar, foi que, sabendo disto os da cidade do Grampará, aconselheram-no, uns com casamentos de gente muito grave, e outros com prognosticos falsos, dizendo-lhe que era doente, e que melhor lhe era repartir sua fazenda com esse orphão, e que se não fiasse aos paizes da Companhia, que, tarde ou cedo, o haviam de botar na rua; ao que elle respondia que só attentava em largar tudo pelo amor de Deus a seus servos, que lhe serviam na salvação das almas, e que se lhe não dava de ficar pobre e ajuntar-se em Lisboa aos mais pobres da rua, para pedir esmola pelas portas, quando assim o dispuzesse Deus Nosso Senhor,

CAPITULO 19

CANTIGAS DE ALGUNS AMANCEBADOS SEM EMENDA

Tres casos me contou o Padre João Angelo, missionario dos Bocas, acontecidos em sua missão, os quaes todos quero referir brevemente aqui, para escurtimento dos amancebados.

Indo uma india casada, da aldêa dos Bocas, para o matto com seu marido, que ia á caça, eis que, apartando-se um pouco delles, lhe appareceu o diabo em fôrma de indio, mas com pés e mãos de cabra, umas pontas na esboça e no nariz, feio e formidavel; ficou a india assombrada na presenca deste phantasma e dahi por diante sempre com pouca saude, conforme o seu marido contou ao Padre João Angelo.

Passados uns dias, tornou o mesmo maligno espirito a mostrar-se em fôrma visivel á india, que já não o estranhou tanto, antes pouco a pouco se foi de tal maneira familiarisando com elle, que se lhe entregou por amigo, communicando com elle, como se fôr qualquer indio, e elle a ensinou a cantar as cantigas de suas danças, até que ficou mestra das mais e tão desejosa de dançar, que não havendo quem a acompanhasse ia bailando só pela aldêa até achar quem se lhe ajuntasse e bailasse com ella; assim viveu tempo a miseravel india, até morrer sem consolação.

Houve na mesma aldêa um indio, grande arpoador de peixes boes, o qual, sendo casado com uma india moça e bom estroada, affeiçãoou-se de tal sorte a uma velha que não havia remedio de desvial-o della; o que vendo o Padre João Angelo o desterrou para o rio Negro; mas como era arpoador incomparavel e deu com os brancos da tropa, começou a arpoar tanto peixe que o queriam, tratavam o estimavam tão bem que depois voltou para a aldêa bem disposto e rico em panno, que tinha ganhado com seu trabalho. Vendo, pois, o Padre João Angelo, que nada aproveitava com o rigor, quiz ver se com boas palavras o podia redimir ao bom caminho, mas tudo debalde, porque se por alguns dias largava a velha, logo tornava a andar mal eucaminhado com ella, até que acudindo o Cáo pela parte do Padre missionario,

quis que com o castigo de seus desaforos lhe arrebastasse o sangue pela boca, olhos, nariz, ouvidos e mais partes e assim morresse afogado nelle, sem confissão.

O terceiro caso é que, estando um afamado principal da aldeia, chamado Mandu-u-ased amancebado até com filhas da mancocha, e como me disse o Padre João Angelo até com as suas filhas proprias, as quaes tambem entregava aos brancos por aguardente, quando passavam por sua aldeia, o desterrou o Padre missionario para a fortaleza do Macapá, mas teve traça de formar uma jangada, e posto nella, passou pelo o rio das Amazonas, e vir ter em sua roça com suas filhas, onde se deixou estar sem vir á igreja para não ficar descoberto. Logo que o Padre João Angelo teve disso noticia, mandou chama-lo, e como compadre seu lhe fallou com todo o amor para ver se por bem effectuaria o que debalde tentava conseguir por mal; porém o velho já inveterado na sua maldade, ficou sem emenda nenhuma nem ainda esperanza della, com que tom o Deus Nosso Senhor á sua conta lhe dar o castigo merecido no modo seguinte:

Tinha elle ido em busca de barro para panelhas em sua canoinha, a qual sobrecarregou de tal sorte, que suas filhas, que tambem iam embarcadas nella, o avisaram não a carregasse tanto, se não quizesse que se alagassem todos; mas elle, como estava o mar quieto, sem vento, sem ondas e andava junto á terra, não se deu que corresse perigo, e assim se foi andando, até que, já perto de terra, se alagou; nadaram as filhas logo para fora e olhando para seu pai não o descobriram mais, por se ter afogado; buscaram o corpo morto muito tempo sem o acharem, até que finalmente deram com elle posto fora do rio, e em parte entre acotado e posto estendido no pé de uma arvore, que os indios chamam de seus pagés ou forticeiros, tão descomposto e feio que fazia horror a todos que o viram; com que, atemorizados os mais, excessão boa tiveram de tratar da emenda de suas vidas, supposto que os indios, uma vez amancebados, pouca esperanza se póde ter de sua emenda, porque, como são muito brutos e naturalmente luxuriosos, não fazem nelles grande abalo as cousas do espirito.

CAPÍTULO 30

DO QUE SE PASSOU EM MARÇO E ABRIL DESTES ANOS 1698 COM O
PADRE MANOEL DE AMARAL, COM OUTRAS COISAS DE MAIS

Já se disse como o Padre Manoel de Amaral, removido do cargo de mestre de latim, dera em maiores escrupulos, e finalmente em manifestas louquices.

Deu-lhe na cabeça não querer comer senão obrigado à força de açoites, que por ordem do Padre reitor lhe applicava o irmão Lourenço Homem, cursista; passava os dias inteiros em fazer adorações da magestade divina, e as noites em pôr pelo corredor, sem querer tomar descanso; punha-se de joelhos com ambos os joelhos nua no chão sobre duas cabeças de pregos que os trespassaram e deixaram com chagas que lhe duraram até á morte; começou a comer tanto que nada lhe bastava e até os sobejos dos mais comia no almoço, de sorte que a quem não sabia de suas doudices parecia que já estava melhorado; não trazia chapéo e andava de cabeça descoberta, dizendo que estava precito; finalmente deu em outro extremo, que foi não querer ir orar, por se imaginar que não tinha já que esperar em Deus, e assim nem se encommendava a Elle nem ouvia missa senão obrigado por medo; obsteiou-se de novo a não querer levar nada para baixo, e esteve deixado muitos dias sem comer nem beber, sustentando-se de um bocado de doces que o irmão Lourenço Homem, que tratava d'elle com muita caridade e soffrimento, lhe punha na boca e deixava estar até se ir desfazendo por si e assim dar-lhe algum alentozinho. Assim estivo até se lhe dar a extrema-uncção, e acabar a vida sem os mais sacramentos, por não entrar em si; só o Padre reitor lhe deu a absolvição, sob condição, estando para dar a alma a Deus com os padres e irmãos todos ao redor de si, rezando-lhe o officio da agonia. Para que ninguém se imagine morreria mal, sabem todos que sempre foi um anjo na vida, e elle mesmo por su var tão escrupuloso tinha pedido a Deus Nosso Senhor, que, estando em sua graça, o deixasse cahir em doudices para o não poder offender mais. Assim m'o affirmos ter ouvido de sua

própria boca o irmão Manoel Lopez, estando com elle em Jaguarary; enterrou-se na Igreja de S. Francisco Xavier com as solemnidades costumadas.

Era portuguez de usão, natural de....., viveu na Companhia e professou bella, pouco antes de sua doudice, com toda satisfação, assim nas letras como nas virtudes.

Estando em Coimbra, por ordem do nosso muito reverendo padre no anno 1687, o achou juntamente theologo e mestre de mathematica da universidade, supprindo as vezes do Padre João dos Reis, que naquello tempo andava delineando as cidades e fortalezas do reino todo, à instancia de Sua Magestade.

Esteve o Padre Manoel de Amaral poucos annos na missão, e foi algum tempo missionario dos Tupinambazes, e depois foi mestre de latim no Collegio do Pará; nunca vi nelle cousa que desedificasse, antes sempre o tive por muito casto, pobre e obediente, e, em uma palavra, por um verdadeiro filho da Companhia de Jesus.

Veio do Maranhão o Padre Antonio Gomes, e por elle soube da morte de José de Seixas, irmão nosso de fora, por carta de irmandade, interior, do Padre Diego da Costa, missionario do Maracaná, que o senhor Bispo continuava em sua visita, e que os Tapuyas ainda infestavam o rio e a missão de Tapocoré, onde por então assistia o Padre Manoel Rabello. Veio na mesma occasião Ignacio de Castro, filho legitimo de João de Souza de Castro, admittido a mandado do Padre superior José Ferreira, para entrar no noviciado no Collegio de Santo Alexandre do Grampará, onde eu já então fazia officio de mestre dos noviços, e elle entrou na vespéra da Annunciação de Nossa Senhora aos vinte e quatro de março, para fazer seus primeiros votos aos vinte e cinco, sem embargo de ter chegado ao collegio aos treze, porque esteve descansando e vendo a cidade nos mais dias. E' moço de muito bons procedimentos quanto delle conheço, mas como lhe doram umas dores nas juntas dos pés e mãos, que dizem os medicos ser gotta, diz o Padre superior José Ferreira que, em achando-se um pouco melhor, o mandará a seu paiz para o Maranhão, visto que desta sorte não pôde servir na missão e pôde tratar melhor de si, sendo secular, pois é de pa-

reus abandonados e tem de seu para poder puzer bom a vida, no meio das dores que este mal costuma causar aos que são sujeitos a elle.

Ainda por este tempo andámos com sobressaltos se os francezes viriam sobre o Macapá, matadouro dos indios e brancos, porque, ainda que, com a muita chuva, caldram as taipas, como referio o sargento-mór José Velho, que, como engenheiro d'El Rei, foi mandado pará lá pelo governador, contudo se não desamparou nem desampará, porque d'hom viera novas de Sua Magestade que se as tornasse a reedificar, por assim importar a seu real serviço o bom do seu Estado.

Nesse mesmo mez de março vieram uns Poquízes de suas terras, os quaes cuidavamos viriam para seus parentes, que estão em Mortigura, residencia de S. João Baptista, onde se acha o Padre Miguel Antunes, mas foram agasalhados em Cametá, residencia de Nossa Senhora do Soccorro, onde lhes assiste o Padre José Barreiros.

Foi o ouvidor geral Matheus Dias da Costa mandado com muito segredo, e advinhou-se o que era, como foi, levantar o Juizo da Corôa sobre algumas cousas tocantes ao Illustrissimo Senhor Bispo.

Foi o Padre Miguel Antunes com seu companheiro, o irmão Antonio Affonso, desobrigar a aldêa do Guamá, e doutrinar os novamente mandados para lá. Veio o Padre Antonio da Silva, dos Ingaytes, matriculado de umas dores do estomago, e em sua companhia os Padres João Angelo, dos Boccos, e José Barreiros, do Cametá, dando conta ao Padre reitor da mudança feita da aldêa de Inhuaba do riba para a do Parijó do baixo, e vieram juntamente novas de como o Padre João Maria Gorsony, mudado dos Tapajoz para Kingo, tinha feito um rancho grande de casas para o ensino dos meninos e meninas. Aos 21, foi o Padre João Angelo com o Padre José Barreiros a desobrigar a aldêa do Miribira, o casar alguns amancebados nella. Neste interim, á noite de 16 para 17, falleceu sem sacramentos Jorge Rodriguez Leal, juiz do Santo Nome de Jesus, não parecendo que morreria da doença com que se achava; acudia logo o Padre reitor, mas como foi chamado tarde

não chegou a tempo para o poder confessar. Era elle homem muito bem entendido nas cousas do mundo, mas houve-se com algum descuido no negocio de sua salvação, porque, sendo avisado de seus amigos que se confessasse, fiando-se na sua prudencia ou para melhor dizer imprudencia, não vigiou como lhe convinha para esperar o Senhor, e qual chega quando o homem menos cuida. Para que a ausencia do Padre Antonio da Silva não prejudicasse a seus Ingaybas, foi mandado para lá o Padre Antonio Gonçalves, com o irmão Domingos Francisco, e lá esteve acudindo aos veteranos e juntamente aos novos Teyrózes, que de proximo vieram do sortão.

CAPITULO 21

PARTEM TRES MISSIONARIOS PARA AS MISSÕES DO RIO DAS AMAZONAS

Tinha chegado do Maranhão o Padre Antonio Gomes, em canga do Padre superior, como dito fica em riba, quando não muito depois chegou o Padre João de Avellar com o Padre Manoel Rabello, de suas missões do Maranhão para as do rio Amazonas. O Padre Antonio Gomes vinha do Mareá e ia para os Maraguazes; o Padre João de Avellar, de S. José, lá para o Xingúacompanhar ou render ao Padre João Maria, que, por muito velho, podia quem corresse com os indios; e o Padre Manoel Rabello vinha de S. Gonçalo do Tapocurú para ir em logar do Padre João Maria Gomonoy, que da residencia de Nossa Senhora da Consolção nos Tapajoz, se tinha mudado, com licença de Padre superior da missão, para a de S. João Baptista do Xingú. Descansaram um pouco no Collegio do Pará, e depois disso partiram, bem aviados pelo Padre reitor de todo o necessario, para suas missões.

Partiram nos fins do mez de abril para riba, e chegados que foram aos Ingaybas, deixou-se lá estar o Padre João de Avellar, esperando canôa e indios, que mandou pedir ao Padre João Maria, o qual logo os mandou.

Os Padres Antonio Gomes e Manoel Rabello continuaram na viagem, e, chegados que foram ao Níngú, deixou-se o primeiro lá estar, sem querer ir para diante, sem companheiro, para uma missão de gente agreste, como são os Maranhães, sem lhes saber a lingua, e sem ter ainda noticia bastante da lingua geral, além de ser, como dizia, sacerdote novo, sem nenhuma experiencia; o Padre Manoel Rabello não parou, até que chegou á sua missão dos Tapajóz, onde foi tão accito por brancos e indios como se fora um anjo vindo do Céu.

Estando eu no Reino, procurando os negocios da missão, o admitti na Companhia com licença de nosso muito reverendo Padre geral, sendo elle já sacerdote, e na fim de sua theologia fez seu noviciado em Oitavia de Lisboa, e de lá veio ao Maranhão, onde ajudei a examinal-o *ad gradum*; esteve um tempo na aldea de Nossa Senhora da Conceição do Mareú, outro tempo na missão de Tapeoord, outro por missionario no collegio do Maranhão, accito em toda a parte por seu bom natural. Escreveu-me uma carta dos Tapajóz, dando-me parte como lá chegira com saúde e estava muito contente com sua missão, acrescentando que estavam os indios já muy mudados daquello tempo do anno 1668, quando eu, por ordem do Padre Antonio Vieira, que Deus tem, principiara aquella missão; não lhe dausen grande zelo logar a muito descuido, porque logo fez povoar a aldea de gente nova, que mandou trazer de suas terras para serem filhos de Deus, e trata de descer os Quaxinaes, pelos quaes tanto se cansou o Padre João Maria, sem nunca poder effectuar o que com tanto zelo procurava, sem embargo de ter já ajuntado o que lhe parecia necessário para os descer.

Deus os traga a todas para o gremio de sua igreja. Um dos padres missionarios de Nossa Senhora do Carmo, vindo de sua missão do rio Negro, disse que o Padre Samuel Fernandes Fritz, um dos missionarios das missões de Quito, sobre o rio das Amazonas, viera acompanhado de castelhanos para levar mais gente para riba; mas que elles não quizeram ir, e como dera doença aos soldados, se voltara com elles para sua missão, ficando os Cambebas em suas terras e pollindo missionario portuguez. Não ha duvida que assim para banda do Norte, rio Negro para riba,

onde correm as missões dos Carmelitas, como para a banda do Sul, onde correm as da Companhia de Jesus, ha muita gentileza com bellas terras, principalmente em nossa banda, para muitas missões de grande serviço de Deus, mas como o cabedal é pouco e não chega para tantos gastos, é força deixal-as para outro tempo, em que haja mais missionarios e maiores recursos para os poder prover.

O Senhor Bispo D. Timotheo do Sacramento ordenou todos os nossos theologos que ha de presente no Maranhão, capacitando-os com isso para as missões, pelas as quaes se repartirão acabado o seu terceiro anno de theologia, visto o nosso muito reverendo Padre geral Thyrso Gonçalves ter dispensado do quarto, pela necessidade que ha de missionarios.

O Padre Antonio Gomes, que tambem se ordenou, já foi mandado para os Maraguazos, e o Padre João Valladão, que tornou ordenado do Reino nos navios que este anno, 1698, vieram de Lisboa, e nos trouxeram as boas novas do feliz nascimento de um novo infante, Manoel das Pazes, entre os principes christãos, e da grande victoria contra o gran senhor dos Turcos, está se aviando para ir aos Andirazes; e o Padre Domingos Macedo para ir aos Abacaxizes, com o Padre João da Silva, todos missionarios do famoso rio das Amazonas, e estão os Andirazes para riba dos Tupinambaranas, em terras boas e assaz salidas, os Maraguazos umas jornadas mais adiante, em terras algumas tanto doentias; os Abacaxizes para banda do rio da Madeira, em sitio mais desafogado, principalmente mudando-se a aldeia para onde o Padre João da Silva, á instancia dos mesmos indios, a quer mudar; o Padre Domingos Macedo, si bem parte tambem para banda dos Abacaxizes, contudo vai situar aldeia nova que fique á vista do Padre João da Silva, estando um missionario em uma, e outro na outra, para assim se doutrinar melhor o gentio, porq̃ue ficando as aldeias só de visita, nunca se lhes pode acudir, como quando tem seu parochio a parte para tratar della só. Os Padres Antonio da Silva e João Angelo, que vieram para se curar, tambem estão para voltar para suas missões, este dos Bocas e outro dos Ingaybas, onde assistiu annos ha com muita satisfação, que até El-Rei o mandou agradecer, como tambem mandou agradecer

ao Padre frei Theodosio, religioso de Nossa Senhora das Mercês, sobre o rio Urubú, mandando que elle só possa nomear os religiosos de sua Ordem que hajam de ir para as missões dos Urubóes a riba, que estão sujeitas á sua jurisdicção, depois de nós as termos largado, em vista da repartição derradeira de Sua Magestade.

CAPITULO XX

INDUZ O PADRE SUPERIOR DA MISSÃO O SENHOR BISPO, PRESO PELO
JUIZ DA CORÓIA, A LEVANTAR A EXCOMMUNHÃO E O INTERDICTO
QUE TINHA POSTO.

Visitando o Senhor Bispo, como bom e cuidadoso pastor, o rebanho de suas ovelhas que tinha na cidade e capitania do Maranhão, como achou algumas dellas infeccionadas de varios males espirituacs, com grande prejuizo de sua salvação e do bom exemplo que tinham de dar como ovelhas do rebanho de Christo, supremo pastor, tratou de pôr-lhes remedio, começando pelos clérigos, indo depois aos leigos, desterrando uns para o Tapeorá, outros para o Grampará, castigando outros na bolsa, na pena do dinheiro, que mandam dar as constituições do Bispo, e como ninguem quer a justiça á sua porta, e todos querem que se diminua em si o que condemnar nos outros, achando-se alguns castigados, a sen parecer, com mais rigor do que pedia o merecimento de suas culpas, e outros sem serem (conforme diziam) ouvidos em sua defesa, e outros tambem aggravados de lhes publicarem os seus desmanchos, ainda que já notorios quasi á todos, começaram a formar queixas por si sóas ou ajudados dos parentes, ou dos de sua parcialidade, do Senhor Bispo, dizendo que os condemnava sem serem ouvidos primeiro e com excesso nas penas pecuniarias que lhes mandava pagar, e coisas semelhantes, entre as quaes entravam ter mandado desterrar Diogo Campello, juiz dos orphãos, o F. Lopes, escrivão da ouvidoria, por suas justas causas, as quaes, supposto que assaz notorias, passou em silencio. Logo que estas e semelhantes queixas chegaram á noticia de Antonio de Albu-

querque Coelho Carvalho, governador e capitão general do Estado, que sentiu muito haver desavocações entre as ovelhas e seu pastor, como tinha ordem de Sua Magestade, que Deus guarde, de apaziguar as differenças, que entre seus vassallos, assim ecclesiasticos como seculares, pollam haver com seus prelados, em prejuizo da paz e quietação publica, tratou, com todo o segredo, de mandar o ouvidor geral, Matheus Dias da Costa, do Pará, onde por então com elle assistia, para o Maranhão, com as ordens conducentes e requisitos para o fim que se pretendia. Partio elle com grande segredo, uns poucos de dias depois da Paschoa, e chegou que foi ao Maranhão, antes de saltar em terra, quiz fosse tão ás caladilhas, que mandou prender ao larquero por ter deixado sair alguém antes dello.

Logo depois de aposentado nas casas que lhe eram mais commodas, escreveu uma carta de cortezia ao Senhor Bispo, pedindo-lhe por mercê soltasse logo da prisão os presos que estavam na cadeia. Respondeu-lhe elle que estavam presos por culpas que tocavam á sua jurisdicção, o que não estava para lh'os soltar. Com que, elle levantou o Juizo da Coroa, que constava de tres pessoas: elle, o reverendo padre e senhor Manuel Homem, vigário da Sé, e por entretanto o ouvidor da capitania Antonio de Souza Soeiro, e pondo os presos na rua mandou que quem tivesse queixas contra o Senhor Bispo sahisse com ellas diante do Juizo da Coroa. O Senhor Bispo, vendo lesa a sua jurisdicção, fez junta dos prelados de todas as pollicies sobre o que havia de obrar no caso da soltura dos presos. Julgarão todos com o Padre José Ferreira, da Companhia de Jesus, superior da missão, e os Padres Fructuoso Correa e Ignacio Ferreira, que o acompanhavam, que se havia de pedir que se reputassem o qua, repostos elles, se largariam logo alguns delles, e sobretudo F. Lopes, escrivão da ouvidoria, para correr com a obrigação de seu officio; e como esta resposta não fosse ao gosto do Juizo da Coroa e que não quiz restituir á prisão os que tinha soltado della, procedeu o Senhor Bispo declarando por excommungados o ouvidor geral Matheus Dias da Costa e o ouvidor da capitania Antonio de Souza Soeiro, e não o reverendo Padre senhor vigário da Sé, Manuel Homem,

que entrou por parte do estado ecclesiastico, por elle não consentir nem subcrever e que seus companheiros tinham determinado. Vendo-se logo o Juiz da Coroa atalhado com essa declaração, pediu ajuda de braço secular ao capitão-mór João Duarte Franco, posto pelo governador do Estado, e tendo-lhe elle dado cerco ao Senhor Bispo em suas casas, o fizeram, não tão apertado, que não ficassem abertas as portas para se poder sahir para fóra, sem, porém, deixar-se entrar, nem sahir sustento nenhum, o que vendo o Senhor Bispo, sahia elle mesmo em pessoa, com uma quartelha na mão, em busca de uma getta de agua na fonte, para não morrer de sede, por haver prohibição apertada de se lhe não acudir, e se castigar um capitão por lhe ter fallado em breves palavras pela cortezia que os christãos devem uns aos outros, e muito mais a seus prelados maiores como era o Senhor Bispo; e qual, não tendo alma viva, com quem tratar, se sahio para o nosso Collegio de Nossa Senhora da Paz, para onde o foram acompanhando as guardas com tão pouco respeito, que é uma vergonha de escrevel-o. Entrado que foi, no Collegio, logo o cercaram todo, de sorte que em quanto lá se deteve, jantando com os padres de que sua pobreza dava, e conversando com elles, como religiosos da Companhia de Jesus, não deixaram sahir nem entrar pessoa; e sahindo o Senhor Bispo, depois de jantar o foram cercando e levando com tanto aperto como se fóra um criminoso condemnado por grandes culpas, de que elle, occidializado, lhes disse que o deixassem passar. Chegado que foi em sua casa, logo vieram com o capitão-mór pregar-lhe as portas, de sorte que, ainda que muito quizesse sahir, assim o detiveram, sem nenhum respeito, nem compaixão, antes com tanto desamor que, conforme dizem, não faltou quem dissesse que lhe destelhassem a casa e para dentro botassem cal, para que a muita calma ou o muito pó da cal o obrigasse ao que pretendiam. Nem se deu o Juiz da Coroa por satisfeito de ter posto cerco tão apertado ao Senhor Bispo, mas como lhe parecia que o Padre Louco Pares, belveço de nação, homem que leu o ó de muitas letras e virtude, se mostrava contra, escreveu uma carta, em nome de Sua Magestade, ao Padre José Ferreira, superior da missão, pedindo-lhe, em nome do mesmo

Senhor, que Deus guarde, que o desterrasse para fóra da villa e terras, por inconfidente e muito contra a jurisdicção real.

CAPITULO 23

CARTA DO JUIZ DA CORÔA AO PADRE SUPERIOR DA MISSÃO JOSÉ FERREIRA, PARA SE DESTERRAR O PADRE IODOCO PERES, POR SE MOSTRAR INCONFIDENTE, E RESPOSTA DO MESMO AO DITO JUIZ, NEGANDO TAL INCONFIDENCIA, E DIZENDO DARIA CONTA DE TUDO A SUA MAJESTADE, A QUEM PEDIA FIEZSE TAMBEM PRESENTE A RESPOSTA QUE LHE MANDAVA.

Cópia da carta do Juiz da Corôa ao Padre José Ferreira, Superior da missão:

« Reverendo Padre Superior da Companhia das missões neste Estado. Pareceu a este Juiz da Corôa que no Reino de Portugal e suas conquistas se erigiu, para se ovitar e dar remedio ás vexações, forças e violencias, que pelos Prelados Ecclesiasticos ou seus ministros não só se fizeram aos seus clérigos nos processos, mas tambem as que se causaram aos seculares, por se não ordenarem aquellas de suas culpas, conforme as ordens do Reino, e não poderem ser presos sem constar aos ministros de Sua Magestade, que Deus guarde, a formalidade dellas e se estão em termos de se consentir nas ditas prisões e se darem á execução, sendo todo o intento dos Reis catholicos de Portugal dirigido sómente para que sejam punidos os culpados, mas nos termos e pelos meios conforme as reais leis, estabelecidas, e accellias pelas concordatas que houveram entre os prelados, e confirmação do pontifice com os Senhores Reis de Portugal; pareceu-lhe que, para evitarmos toda a perturbação que pôdo haver contra a observação das leis de Sua Magestade, que por parte da Vossa Paternidade, como Superior, se mandasse retirar desta povoação e seu districto o Padre mestre Iodoco Peres, porque temos por noticia que é muito contra a jurisdicção real, não querendo assentir que deve subsistir este Juiz da Corôa,

aconselhando esta sua opinião, mostrando-se nella como inconfidente á corôa de Portugal, sendo por ora seu vassalho; e talvez mais algum, que se acostam á dita opinião, quando se deseja se faça o serviço de Deus pelos meios que Sua Magestade ordena; e do contrario, o que se não espera, por conhecermos a sua muita prudencia e ser amante do serviço de Deus e da paz, serão tidos por inconfidentes á corôa de Portugal.

« A pessoa da Vossa Paternidade guarde Deus, etc. Em Junta da Corôa, em esta cidade de S. Luiz do Maranhão, aos cinco dias do mez de maio do 1678.

« Matheus Dias da Costa, o padre Manoel Homem.

« O subscripto era:

« Do serviço de Sua Magestade, Antonio de Souza Soeiro ao reverendo José Ferreira, da Companhia de Jesus, superior das missões deste estado. Do Juizo da Corôa.»

Cópia da resposta que deu o Padre Superior das missões José Ferreira á carta dos da Junta da Corôa:

« Li esta carta em que se me propõe que mande retirar o Padre Iodoco Perez. Se o serviço de Deus e de Sua Magestade, a paz e augmento da república do Estado tivera nissa o remedio, já estaria apontado, porque outras cousas ainda mais difficiltoes cabem no grande coração da Companhia, que tem tanto nos olhos estes motivos, e mais tambem tem nos mecos olhos o credito de seus filhos e nenhuma cousa lhe é mais sensivel que ahiaram-se inconfidencias de quem Sua Magestade confiou muito bem a segura e incontrastavel fidelidade com que nos criamos e ensinamos áquelles que se criam em nossas escolas, e é muito que se julgue que Sua Magestade confia os encargos da sua consciencia a quem nem ainda por sonhos se póde suspeitar infidelidade, e em mim muito em particular cresce o sentimento por nascer a occasião delle donde eu menos podia esperar.

« Ponto é este em que eu não poderei deixar de dar razão a Sua Magestade, e póde ver que de mais perto pela mesma obrigação que disse me corre; não se criam em nós taes

ignorancias que se diga que é opinião não haver, em Portugal e suas conquistas Juizo da Corôa, porque affirmar isto não é opinião, é erro.

«O uso d'elle é certissimo que ha de ser para a paz e quietação dos vassallos, e augmento da religião christã; e para que assim seja pedimos a Nosso Senhor todos os dias nas missas e orações que encaminhe as cousas de sorte que não nasçam as dissensões donde devia ter seu nascimento a paz, e para que não haja depois do que dar estreitissima conta a Deus e ainda aos homens; e Deus e os homens são tão testemunhas das diligencias que fiz para que neste negocio se conseguisse o bom fim que sem respeito algum particular ou humano sobre todos desejo, pois estou prevendo que se podem seguir grandes desgostos de Deus, e de que uma e outra Magestade se vão de dar por muito mal servidos, supposto as minias diligencias têm tido neste negocio tão pouco effeito, e se ainda houver algumas que o possam ter, a nenhuma faltarei, com o animo que só Deus conhece, e creio que também Sua Magestade, a quem desejo o rogo que se apresente esta minha resposta.»

«É muito que se imagine que Sua Magestade confia os encargos de sua consciencia de quem se pôde sochar pouca fidelidade.»

Não é creível quanto padecou o Senhor Bispo em aquella occasião e quanto padecemos também nós, pelos alevites que nos levantavam, dizendo eram os, principalmente os Padres João de Peres, Fructuoso Corrêa, Ignacio Ferreira, ambos estes leites da theologia, que aconselhavam ao Senhor Bispo, e que do nosso Collegio tinham-se visto sahir os papéis; como queixoso m'o disse o mesmo governador, indo eu visitá-lo em seu palacio, sendo tudo falso e um méro alevite, porque o Senhor Bispo em suas causas não necessitava dos conselhos dos nossos, por ser doutor em theologia e a tinha lido aos seus em Portugal e além disso tinham todos os nossos prohibições de se mettarem nos seus papéis.

Apertaram com elle quanto puderam os do Juizo da Corôa e o capitão mór João Duarte Franco, executor de suas ordens no tocante ao braço secular, para que levantasse a excommunição e

o interdicto posto em toda a cidade; mas elle, resolute de morrer antes pela jurisdicção da egreja que render-se, estava fixo, sem se lhe dar dos apertos que lhe punham; mas o Padre superior da missão José Ferreira, que já tinha repetidas vezes instado com o ouvidor geral, seu conhecido e amigo desde Portugal, para que não chegassem ao cabo, mas compuzesse todas as differenças amigavelmente com Sua Ilustríssima, foi finalmente fallar-lhe e rogai-o muito, que visto não ter isto outro remedio quizesse levantar a excommunição e interdicto; o que veio a fazer por um escripto, que fez com que tiraram o cerco, e ficou deixado em sua liberdade, com seu vigario geral José Gonçalves, que supposto não foi cercado com elle, não deixaria de tal-o se se aco- lhesse a tempo. Causaram este cerco do Senhor Bispo e o maltrato que lhe deram grande admittação e compaixão, ficando outros seus contrarios não pouco contentes.

O mesmo governador extranhou o modo; e, como ouviu que o ouvidor geral e seus adjuntos o tinham tratado com tanto aperto e rigor, disse que tal ordem não dera, e se o ouvidor geral tinha passado os termos da ordem que elle lhe tinha dado, seria elle mesmo seu algar.

O Senhor Bispo, para se mostrar sentido do desacato com que o trataram suas proprias ovelhas, tirou o roquete, e se revestiu de seu habito de frade, não trazendo senão o chapéo, cruz e anel de bispo; mandou retirar-se o vigario da vara, o licenciado Sr. João Rodrigues Callão, que tinha posto no Park, e o reverendo Padre José de Santo Antonio, religioso de sua Ordem, que servia o cargo de vigario da matriz na cidade de Belém, do mesmo Park, em logar de Antonio Lameira da Franca, mandando que todos os presos fossem para suas casas, visto lhe terem tirado sua jurisdicção, até recurso para Sua Magestade El-Rei nosso senhor, e Sua Santidade o vigario de Christo e as respostas delles; mandou a parte contraria, o ouvidor da capitania, Antonio de Souza Soeiro, dar conta a Sua Magestade, como um que foi dos adjuntos da Corôa, mas não fallará no Reino quem lhe vá a mão, dado que se desvie do que é justo e passa como real verdade.

O tempo declarará por cuja parte está a justiça direita, eu

oão me metto a decidir o que me não toca, não faço mais que referir-o para noticia dos vindouros.

Deus Nosso Senhor punha tudo em paz e perdão aos que são causa de se ter visto a igreja tão abatida com seu ministro.

Dizem e affirmam por cousa certa que no tempo daquello tão innocente conflicto occreu se vir de dia claramente um cometa em fórma de espada sobre o Maranhão, e, sendo isso assim, apparelhemos as costas a um grande castigo, que do Céo nos ameaça.

Está hoje a capitania de Gramparé sem vigário da vara e juiz dos residuos, porque foram tirados ambos, e supposto que o Senhor Bispo mandou entrar o reverendo Padre Antonio Lameira da Franca no exercicio de seu cargo de vigário, prohibiu-lhe de se metter em sentenciar com alguma, donde, estando Francisco Potiliz, mercador em grosso desta cidade, para contractar o santo matrimonio com uma filha de Lourenço Alvares Roxo, que Deus tem, valeu-lhe não lhe sahir nem achar impedimento algum para casar *in facie sedesie*, perante seu párocho, como actualmemente casou, aos vinte e cinco de maio deão anno de mil seiscentas e noventa e oito.

Índice da Chronica do Padre João Felipe Betendorf

Summaria noticia	VII
Dedicatória	1
Ao leitor	3

Livro 1.º — Da origem do nome, descobrimento do Estado e capitania do Maranhão.

Capítulo 1 — Da origem do nome Maranhão.	5
Capítulo 2 — Do descobrimento do Maranhão.	6
Capítulo 3 — Acommettem os francezes ao poder portuguez, e ficam vencidos por milagre da Virgem Nossa Senhora.	8
Capítulo 4 — Descripção da ilha do Maranhão, das ilhetas e rias, com todas as mais cozecheas que lhe pertencem.	10
Capítulo 5 — Da qualidade dos ares e terras da ilha do Maranhão	13
Capítulo 6 — Da-se breve noticia da capitania do Maranhão e outras que se decham até à do Grampara. Declaração breve dos termos ultimos do Estado, do numero de suas capitancias e prestimos dellas e de suas missões que tem até a capitania do Pará.	16
Capítulo 7 — Relatam-se as capitancias e missões do Pará, até a capitania do Gurupá, com os bens que nelles se acham.	22
Capítulo 8 — Da capitania de Joazeiro, pertencente ao donatario	25
Capítulo 9 — Da capitania do Cametá.	26
Capítulo 10 — Da capitania do Gurupá e seus prestimos	29
Capítulo 11 — Da capitania do Norte ou de Bento Maciel	31
Capítulo 12 — Da-se breve noticia das mais terras onde ha residencias da Companhia de Jesus, até a ultima dellas.	35
Capítulo 13 — Relato-se a primeira missão que em o anno de 1697 fizeram para as terras do Estado do Maranhão, o Padre Francisco Pinto e seu companheiro, o Padre Luiz Figueira, com a gloriosa morte que o Padre Francisco Pinto achou nas serras de Ibiapaba	39

Capítulo 14 — Da-se noticia da chegada do Padre Luiz Figueira ao Maranhão e do que se obteve em aquelles primeiros principios, do capitão-mor Alexandre de Moura, em a era de 1645 ou 1644	43
Capítulo 15 — Descoberto já o Graupara, vem governar aquella capitã e Bento Maciel Parante, como capitão-mor della, pondo os indios em quitação com castigos que manda dar a seus principaes	45
<i>Livro 2.º — Do que obraram os Padres missionarios em tempo do governo do primeiro governador do Estado, e do segundo, em que se fez a viagem para Quito, e do terceiro, em que os holandezes tomaram o Maranhão,</i>	
Capítulo 1 — Edifica o Padre Luiz Figueira a collaza de Nossa Senhora da Luz	47
Capítulo 2 — Refata-se a viagem dos portuguezes para Quito e a volta de lá para o Pará, com os Padres da Companhia que tomaram cheia noticia do rio das Amazonas, com suas terras, nações e costumes, conforme se refere neste capitulo, tirado da Relação do Padre Christovão da Cunha.	50
Capítulo 3 — Como se houveram os Padres em a chegada dos holandezes, em tempo dellas no Maranhão	60
Capítulo 4 — Vinda do Padre Luiz Figueira do Reino com 16 sujeitos, em companhia do governador Pedro de Albuquerque, e seu triste naufrágio na barra do Pará e morte nos Arcos	66
Capítulo 5 — Do que obraram os missionarios no tempo do governo do governador Francisco Coelho de Carvalho, o Sardo e do seus capitães-mores, que deixou por seu fallecimento, e da morte gloriosa dos padres em Tapeorá	68
Capítulo 6 — Da morte dos padres em Tapeorá, em tempo de Luiz de Magalhães, governador.	69
Capítulo 7 — Persecução e doença do Padre João de Souto Maior, e seu companheiro, com a continuação dos grandes trabalhos dos dous missionarios e com a humidade do sitio em que moravam, em umas limitadas casas de uma esteira de palha que chamam piadôlo, lhas originando uma muito grave doença, a qual ajudou muito aos seus principios, como seus augmentos, com que o trataram possuando autoridade.	72

Capítulo 8 — Da chegada do Padre Francisco Velloso com seus companheiros, da provincia do Brazil, á missão, com que obraram naquelles principios.	74
Capítulo 9 — Da primeira chegada do Padre Antonio Vieira com seus companheiros á missão do Maranhão e o que obraram nellas.	77
Capítulo 10 — Desce o Padre Manuel Nunes a aldeia dos Goajajaras.	80
Capítulo 11 — Embarca-se o Padre Antonio Vieira para o Reino com o Padre Cardoso para tratar os negocios da missão com El-Rei D. João, o quarto.	84
 <i>Livro 3.º — Do que os padres obraram desde o anno de 1635 até o anno da sua primeira capella, em 1661.</i>	
Capítulo 1 — Publicam-se as leis, põem-se os missionarios de parte do governo temporal e espirital dos indios, repartido-se pelas aldeas.	87
Capítulo 2 — Vão o Padre Souto Maior para a terra dos Ingayhas com a tropa que mandou o governador André Vidal para castigar os Aruanas, que tinham morto o Padre Luiz Figueira e os que iam com os naufragados.	90
Capítulo 3 — Relata-se o principio da missão da Serra, dado em tempo do Padre Antonio Vieira, Sub-prior, e de André Vidal de Negreiros, governador do Estado.	95
Capítulo 4 — Entrada do Padre João de Souto Maior pelas terras dos Parajás, por missionario da tropa que ia ao descobrimento do ouro, por ordem de El-Rei D. João o 4.º — 97.	97
Capítulo 5 — Sumario da vida do Padre João de Souto Maior antes de vir á missão do Maranhão.	102
Capítulo 6 — Retiram-se as duas missões que fez o Padre Francisco Velloso, uma pelo rio das Amazonas, outra pelo rio dos Tocantins, em outra occação.	108
Capítulo 7 — Missão do Padre Francisco Velloso entre os Tupinambás pelo rio dos Tocantins.	109
Capítulo 8 — Entrada que fez em o mesmo anno de 1638 o Padre Manuel Nunes, pelo rio dos Tocantins e o que alli se tem obrado.	112
Capítulo 9 — Missão do Padre Manuel de Souza, pelo rio dos Jurunas.	115

Capítulo 10 — Vae o Padre Manoel de Souza com sua companheiro, por um alvarão da missão que se fez pelo rio das Amazonas é riba, e morra em terras dos Conduriges, onde se enterrou	117
Capítulo 11 — Visitação Padre sub-prior Antonio Vieira a missão de S. Francisco Xavier, sita na Serra em monte do Ibiapaba	121
Capítulo 12 — Refasta-se brevemente a missão do Padre Salvador do Valle ao Pannix, com sua doença, e a morte do Padre Paulo Luiz.	124
Capítulo 13 — Refere-se brevemente a que obrou o Padre Francisco Gonçalves antes de vir a esta missão do Maranhão	127
Capítulo 14 — Do que o Padre Francisco Gonçalves obrou, como visitador e particular nesta missão até sua ditosa morte em Canicá	130
Capítulo 15 — Faz o Padre sub-prior Antonio Vieira pazes com os Ingaybas, e mais apazes daquella ilha.	135
Capítulo 16 — Manda o Padre sub-prior Antonio Vieira uma carta para Roma a pedir missionarios, e faz o corredor novo no collegio do Maranhão para a banda da matriz e chega o Padre João Maria Gorcein com seus companheiros.	144
Capítulo 17 — Parte o Padre João Philippe Rotendorf com o irmão Jacob Coelho, theologo, da provincia gallo-belgica para a missão do Maranhão.	147
Capítulo 18 — Reparte o Padre sub-prior da missão os novos missionarios, pondo-os nas aldeas de Mortiguera e Ingaybas.	155

Livro 2.º—Levantamento do povo do Maranhão e Pará contra os Padres da Companhia de Jesus, enquanto se institua a missão do rio das Amazonas com missionarios e visitação em Tapajós.

Capítulo 1 — Manda o Padre sub-prior Antonio Vieira por primeiro missionario de assento no rio das Amazonas, com ordem de fazer residência nos Tapajós, ao Padre João Philippe	158
Capítulo 2 — Levanta-se o povo da cidade de S. Luiz do Maranhão contra os Padres da Companhia de Jesus e refere-se a origem desse levantamento	164
Capítulo 3 — Breve relação do que obrou pelos Tapajós, antes do levantamento do Pará chegar até lá.	168

Capítulo 4 — Declara-se mais particularmente as diligencias que de lá se fizeram para levantar o Guepy e effectivamente levantaram o Capitão do Grampará, e prendem-se o Padre Antonio Vieira, sub-prior e visitador, com os mais Padres	174
Capítulo 5 — Continuação	178
Capítulo 6 — Vae o Padre sub-prior Francisco Velloso ao sertão, e deixando-me a mim por vice sub-prior dos Padres, e chaza o povo do Pará a prender uns e outros para os embarcar para o Reino	184
Capítulo 7 — Chega novo governador do Estado com um novo capitão-mór para a capitania do Grampará	189
Capítulo 8 — Encomenda a Senhora Rainha ao novo governador Ruy Vaz de Siqueira, muito, a restituição dos Padres, e o mesmo fez ao Padre Antonio Vieira, já posto em Lisboa, e relata-se o modo com que elle e o capitão-mór se houveram naquella restituição.	194
Capítulo 9 — Manda o governador Ruy Vaz de Siqueira uma tropa para a Serra de Itapaba, com que veio a levantar o gentio della e acabar-se aquella missão, vindo os missionarios com umas 400 ou mais almas para o Maranhão	198
Capítulo 10 — Chegam os Padres Salvador do Valle e João Maria, do Reino, e são recebidos.	201
Capítulo 11 — Manda o governador Ruy Vaz de Siqueira tropa ao rio das Amazonas ao resgate dos escravos, cujo cabo era Antonio Arnan, morador do Maranhão, e leva um trade de Nossa Senhora das Mercês por missionario, mal succedido	203
Capítulo 12 — Como se houveram os Padres do Pará no tempo das lixigas naquella e mais capitancias circunvizinhas	213
Capítulo 13 — Vem o Padre superior Manoel Nunes visitar o Pará, tratando em sua companhia alguns padres e consultou o governador a guerra contra os Araguaezes, sendo os Padres de contrario parecer	217
Capítulo 14 — Vae o governador Ruy Vaz de Siqueira ver as aldeas, acabadas as lixigas, levando consigo a mim e ao Capitão-mór Manoel Guedes Araujo, homem de maior autoridade	220
Capítulo 15 — Chega o Padre Francisco Velloso com seus compunheiros ao Maranhão, e o manda o Padre superior Manoel Nunes para o meu logar no Pará, chamando-me para superior da casa do Maranhão.	224

Capítulo 16 — Trata o governador Rey Vaz de Siqueira de interpretar as leis novas contra os padres missionários, mas El-Rei, informado, lhe imprime e engeita	229
Capítulo 17 — Dá-se notícia da guerra que o governador Rey Vaz de Siqueira mandou dar aos Aranaquires, das terras e gentio daquelles gentio e successo da tropa, com a morte lastimosa de um religioso de Nossa Senhora do Carmo	232
Capítulo 18 — Manda o governador uma tropa aos Jurunas, sem missionário, e succede-lhe muito mal	237
Capítulo 19 — Relatam-se alguns castigos dos que causaram o levantamento de anno de 1691	239
<i>Livro 5.º — Do que se escreveu de anno 1692 até o anno 1694.</i>	
Capítulo 1 — Chegam cartas do Brazil em que o Padre Provincial nomeia o Padre Salvador do Valle por superior da missão e succede-lhe o Padre Pero Luiz no governo do Colégio do Maranhão	243
Capítulo 2 — Vem o Padre Manoel Zurarte do Brazil por visitador e traz consigo o Padre Pero Francisco, e nomeia o Padre Jose Felippe superior da missão	248
Capítulo 3 — Manda-se o superior da casa e se vão aperfeiçoando a igreja nova	253
Capítulo 4 — Chega o Padre Gaspar Misch com o cabo e argento mór João de Almeida Freire, da tropa dos Popuicantes, pela festa do Santo Xavier	257
Capítulo 5 — O Padre superior da missão visita as aldeas todas, levando em sua companhia o Padre Pero Luiz e o irmão Domingos da Costa	258
Capítulo 6 — O que o Padre superior da missão obra, visitando a casa de Nossa Senhora do Luz do S. Luiz do Maranhão	263
Capítulo 7 — Continúa-se o mais que o Padre superior obra, estando de visita no Maranhão	265
Capítulo 8 — Vae o Padre Jose Maria Guesney com o irmão Manoel Rodrigues e deixa uma parte da Guajajara de seu sertão para a residência de Nossa Senhora da Conceição Immaculada, sobre o rio do Pinaré e aldeia de Copityba	269
Capítulo 9 — Parte o Padre Jose Maria para o Grampará e vae por missionário da tropa do Maranhão	272
Capítulo 10 — Do que o Padre Pero Luiz obra em Xingú e a vingem que fez o Padre Pero Poderoso, com o irmão Antonio Ribeiro, para os Yacombos	275

Capitulo 11—Variaes coisas que se obraram pelo Pará, antes que o Padre superior partisse para o Maranhão com o governador, que levava os corpos dos que tinham sido enterrados na igreja do Caxela.	240
Capitulo 12—Fazem-se as pazes com a nação dos Urutis, e perdão de uma nau nos baixos de Cumá, cuja perda se imputou ao governador, sem bastante razão.	245
Capitulo 13—Succede Pero Cesar de Menezes ao governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, e manda tropa ao sertão, e relata-se o que acontece e obra no principio do seu governo.	251
Capitulo 14—Passa o Padre superior para o Pará a visitar as aldeas.	254

Livro 6.º — Das coisas que succederam á missão em tempo do governo do Padre Pero Luiz Gonsalvi, Romano.

Capitulo 1 — Vem de Roma patente do superior da missão ao Padre Pero Luiz Gonsalvi, e ao Padre Francisco Velloso, reitor do Pará e a mim do collegio do Maranhão e principiam todos os seus governos.	300
Capitulo 2 — Que talchei o collegio do Maranhão, e o que se fez alli pelos principios de meu reitorado.	303
Capitulo 3 — Da vinda do Padre Pero Luiz Gonsalvi, superior da missão, para o Maranhão e morte do Padre Manoel Nunes, que elle trazia em sua companhia.	309
Capitulo 4 — Das tropas em que o Padre Pero Luiz andou pelo Maranhão, e do mais que se obrou em tempo do governador Pero Cesar de Menezes.	312
Capitulo 5 — Da guerra dada aos Toremembas, em que o Padre Pero Luiz foi por missionario.	316
Capitulo 6 — Trata-se do que se passou, succedendo Ignacio Coelho, governador novo, a Pero Cesar de Menezes, e particularmente, da chegada do Padre Iodoco Peres, com seus companheiros do Brasil.	322
Capitulo 7 — Chegada do D. Gregorio dos Anjos, primeiro Bispo do Maranhão, e da lei do anno de 1680.	325
Capitulo 8 — Chega o Padre Pero Poderoso do Brasil, com titulo de visitador, com alguns padres novices em sua companhia, em 1680.	329

Capítulo 9 — Começa o Padre Pero Poderoso a tomar posse do cargo de visitador, sem esperar resposta de Roma, e relata-se todo o successo da sua visita	333
Capítulo 10 — Successo dos padres missionarios para Jago-quara e Ourupitybi, onde, ultimamente, fixaram sua residencia	339
Capítulo 11 — Entra-se na relação do que se passou, acabando o Padre Pero Poderoso a sua visita	343
Capítulo 12 — Parte o Padre superior Pero Luiz para visitar a missão, com particular cuidado o cabo do Norte, encomendado de El-Rei	345
Capítulo 13 — Succede o Padre Iodoco Peres ao Padre Pero Luiz, pondo como reitor do Collegio do Pará ao Padre Francisco Ribeiro e Gilloes o Padre Pero Luiz	348
Capítulo 14 — Visita o Padre Iodoco Peres a missão do rio das Amazonas, chega ao rio da Madeira e logo depois vai visitar o Maranhão	353

Livro 7. — Do levantamento do povo do Maranhão, expulsão e restituição dos padres missionarios da Companhia de Jesus.

Capítulo 1 — Chega o Padre Bernald Torres, mandado da provincia do Brasil por visitador do Maranhão. Levanta-se o povo e pouco depois lá mesmo chega o Padre Iodoco Peres, de visita, como superior da missão, vindo do Pará, o oprime e expulso com os demais	357
Capítulo 2 — De que se passou antes de se expulsarem os padres e quando foram embarcados e expulsados	367
Capítulo 3 — Expulsam e embarcam os padres do Maranhão	369
Capítulo 4 — Parte o Padre visitador em o barco grande, e chega poucos dias depois o barco pequeno com o superior da missão e mais sujeitos que o acompanhavam ao Ceará	377
Capítulo 5 — Successo da viagem do Padre superior Iodoco Peres, com o tenente o Ceará e do Ceará o frei que Daux foi servido ficar, para maior seu merecimento	382
Capítulo 6 — Passam os padres para sua roca e de lá são levados ao Maranhão pelos procuradores do povo, e de lá passaram a Tapuytaperá e ao Pará	385

Capitulo 7—Parti da casa o irmão Marcos Vieira, de Pernambuco para o Reino, a dar conta a Sua Magestade da expulsão dos padres do Maranhão.	391
Capitulo 8—Yesso a filha Teresina com o irmão Marcos, e de lá partimose com outros quatro para o Reino em uma nau franceza, mais segura	393
Capitulo 9—Von beijar a mão a Sua Magestade e don-lhe conta do levantamento do povo do Maranhão contra os padres.	395
Capitulo 10—Memorial dos pontos apresentados a Sua Magestade para se lhes deffir, sendo cercido	398
Capitulo 11—Dispõe o Padre superior Iodoco Perez as cousas da missão, e embarca-se para o Reino com alguns vaxeitos, que levava para estudarem, e refreza sua viagem, com o que obrou, estando em a Corte.	401
Capitulo 12—Faz-se menção de uma carta do Padre Iodoco, superior da missão, feita com o consentimento dos padres do Para, para se offerecer a Sua Magestade, com licença do novo muito reverendo Padre, a ordem de se deslaxar a missão, quando se não acudisse com o remedia ao que alli se referia.	404
Capitulo 13—O que obroutionou Freyre de Andrade, enquanto governou o Estado da Maranhão; como atalhou o motim do Maranhão.	407
Capitulo 14—Parte o Padre Iodoco, superior da missão, com o governador Arthur de Sá e Menezes, para o Maranhão, em occasião da frota.	410
Capitulo 15—Dispõe o Padre superior as cousas das residencias e manda o Padre João Maria Gersony com a tropa de resgate ao sertão.	413
Capitulo 16—Applaudo da parte da missão do Maranhão a Senhora Princesa com o poema seguinte, por ter morto um javali em Salvaterra, indo a caça com El-Rei Senhor seu pae.	419
Capitulo 17—Don os parabens a Sua Magestade por seus esponsorios e o acompinho com o Padre Sebastião de Magalhães para a nau que trazia a Senhora Rainha	420
Capitulo 18—Vae o Padre Antonio Pereira com o Padre Bernardo Gomes, por missionario do cabo do Norte e pdeu residencia em a ilha de Communery, onde, dous mizes depois, foram mortos ambos pelos Tapayas	425

Capítulo 19—Castiga-se o matador com seus cúmplices, e vai-se em busca das reliquias, fazendo-se informações authenticas sobre a morte dos Padres, assistindo a todo o Padre Aluísio Conrado Phil, missionario de Tabarapix	437
Capítulo 20—Despacham-se ultimamente todos os papéis tocantes a missão do Maranhão em a Corte; despacham-se os missionarios de Sua Magestade e se embarcam para sua missão, tendo uma navegação tão adversa que só chegam por milagre a ella.	438
Capítulo 21—Mando, como commissario da Santa Inquisição, publicar em a Sé e igrejas das religiões, as ordens que trazia e as da proposição de Miguel de Molins, condemnadas pela Santa Sé Apostolica, e que, para memoria, aqui se asentam.	443
Capítulo 22—Chega o Padre Manoel Nunes do Brasil com alguns 13 saucillos que lá estavam e com outros nove, ao Maranhão, e leva o Padre superior da missão alguns consigo ao Pará e depois que se muda o aldea de Marão para o Tapocorá	453
Capítulo 23—Adoece e morre Dom Gregorio dos Anjos, senhor bispo do Estado do Maranhão, em 12 de março de 1689, assistindo-lhe o Padre José Ferraiza, ate expirar e retirando-se em para lá fazer o sermão fúnebre de corpo presente	460
Capítulo 24—Vae o Padre Aluísio Conrado Phil com os portuguezes, em busca dos ossos dos padres mortos em odio da fé em o cabo do Norte, pelos Tapuyas, em 1688.	461
Capítulo 25—Manda o Padre superior da missão João Pereira ao Padre João Angelo com o Padre José Barreiros a nova missão dos Iruizos.	463
Capítulo 26—Chega o Padre João Maria, e parte o Padre superior João Pereira para o Maranhão e repõe os Guarajaras no Marem do Pinaré.	467
 <i>Livro N.º Põe-se a missão em estado maior e sua ultima constancia.</i>	
Capítulo 1 — Chega a gente de um navio, que, perseguido dos piratas, deu à costa, e, pouco depois, a náu do João Franco, com Padres e governo novo para a nossa missão	471

Capítulo 2 — Começo, como superior, a visita do collegio e residência do Maranhão e, achada ella, parto para o Grampara.	477
Capítulo 3 — Continúa o Padre superior da missão sua visita para a banda do Pará, dispostas as cousas da missão para a banda do Maranhão.	480
Capítulo 4 — Doutrina que se fazia aos indios, de que ha catholicismo impresso e se escutava aqui.	481
Capítulo 5 — Convalescido o Padre superior da demancho de um pé, despacha uma tropa ao sertão para resgates. . . .	484
Capítulo 6 — Vae o Padre João Philippe, superior da missão, visitar as missões pertencentes ao collegio do Grampara. .	488
Capítulo 6 A — Visito a residência da Nossa Senhora da Conceição sobre o rio Urubú, onde, com licença do Padre Iodoco Pares, assistia frei Theodosio, mercenario, a della volte para o Pará, visitando Gameté e Mortigura.	492
Capítulo 7 — Dize-se conta lo estado da missão do rio da Madeira e dos Tupinambaranas.	496
Capítulo — 8 — Torno para o Maranhão a dar fervor á igreja nova de Nossa Senhora da Luz, que tinha mandado principiar o Padre vice-reitor Diogo da Costa.	501
Capítulo 9 — Visito o collegio e as residencias do Maranhão e regresso ao estado dellas.	504
Capítulo 10 — Vae o Padre Antão tiencalves, por ordem minha, praticar os Guaranis, indios do sertão do rio Tapeacutu, além de os descer para o rio.	509
Capítulo 11 — Da redução dos Caycayes e da causa que deram para se lhes fazer guerra, com que fugiram elles e mais os Guaranis e Guaxicayes, todos, para os matios.	513
Capítulo 12 — Relata-se o progresso e successo das obras da igreja nova.	519
Capítulo 13 — A' instancia do governador e camaras, deputam-se duas tropas para o sertão, uma no Pará e outra no Maranhão, e nomeio cabos para ellas.	522
Capítulo 14 — Relação da descida de uns Maraguanes, pelo Padre Antonio da Cunha, para Mamayacu.	525
Capítulo 15 — Acudo a sidiá dos Guajajaras no March e remetto a um desgosto do capitão-mór do Tapeacutu, no Maranhão.	529
Capítulo 16 — Disputo algumas cousas tocantes ao collegio e á igreja, antes da minha partida para o Pará.	532

Capítulo 17 — Instaura duas novas residências, para dar cumprimento ao desejo de Sua Magestade, uma no rio Negro e outra no Matary, e vai para ella os missionarios, á instancia do capitão-mór do Pará, Hilario de Sousa, que parte com a tropa de guerra para as mesmas bandas. 538

Livro 9.º — Relato-se a repartição das missões que se fez, por ordem de Sua Magestade, entre os missionarios das religiões e o que obra o superior novo, Bento de Oliveira, em tempo de seu governo.

Capítulo 1 — Chegam o Padre superior Bento de Oliveira, do Reino, com o irmão Antão Afonso, seu companheiro, e os frades de Santo Antonio e Piedosos, para serem missionarios, em 1693.	512
Capítulo 2 — Do que obra o Padre Manoel Nunes, em tempo do seu reitorado.	548
Capítulo 3 — Tira o capião-mór do Catho, Amaro Cardoso, morto João Farto, os indios ao Padre João Carlos e manda o governador os missionarios Piedosos para o Xingú, em 1694.	550
Capítulo 4 — Relata-se a visita que fez o Padre superior Bento de Oliveira, as residencias por cima do Pará, com as causas da repartição das missões, em 1694.	553
Capítulo 5 — Como, por estratagemma insigne, se mataram quantos de indios Caycayres e outros, pelo rio Tape-curó, em o Maranhão, e se abolveram uns soldos excomungados pelo ecclesiastico.	556
Capítulo 6 — Do mais que se obra pela banda do Pará, estando o Padre superior da missão, Bento de Oliveira, em visita no rio das Amazonas.	561
Capítulo 7 — Parte o Padre superior, Bento de Oliveira, para visitar, da banda do Maranhão.	565
Capítulo 8 — Do que obra o Padre superior Bento de Oliveira, estando no Maranhão e no Pará e mais na volta para elle.	569
Capítulo 9 — Visita o Padre superior as residencias do Pará e morre o Padre Francisco Ribeiro.	572
Capítulo 10. — Chega nacio do Reino ao Maranhão, estando o Padre superior alli e traz muitos missionarios com o Padre Manoel Galvão, em 1695.	575

Capítulo 11 — Parte o Padre superior Bento de Oliveira para o Pará, e dispõe lá brevemente as cousas, toras para diabolizarem em Castilho	578
Capítulo 12 — Entram os missionarios da Companhia no mato do Xingá, mudando-se os Padres para as suas missões e vem o Padre vice-reitor visitar as aldeias	590
Capítulo 13 — Abre o Padre superior Bento de Oliveira curso de philosophia no Pará, e, por castidade, se determina a lê-lo elle mesmo	583
Capítulo 14. — Começam as hexigas em S. Luiz do Maranhão e passam para Castilho, Joazeiro e finalmente dão no Pará, acudindo os Padres com sua caridade e novenas feitas a São Francisco Xavier, em Agosto de 1675.	585
Capítulo 15 — Refere-se como deram as hexigas na capitania de Castilho e como se houveram os Padres missionarios da Companhia no tempo dellas	589
Capítulo 16. — Relata-se a morte do Padre Manoel Nunes e do Padre Manoel Galvão	598

Livro 10.º — Trata-se das cousas da missão acontecidas em tempo da superintendencia do Padre José Ferreira.

Capítulo 1 — E' feita o Padre Manoel Ferreira superior da missão, e parte para o Grampara, onde dispõe acerca da missão de Castilho, em 1676	599
Capítulo 2 — Ajuntam-se os missionarios pela Santa de nosso santo patriarcha, e pensada ella, tornam ás suas missões.	603
Capítulo 3 — Principia o Padre superior José Ferreira sua visita pelos Tupinambás; partem outros Padres para outras partes; ha mortes desastradas e chega o governador no mez de agosto de 1696.	605
Capítulo 4 — Prepara-se o Padre superior da missão, José Ferreira, e logo depois visita as residencias por cima do Grampara	608
Capítulo 5 — Do que se passou no collegio de Santo Alexandre, um pouco antes da partida do Padre superior José Ferreira e durante sua visita por elle.	611
Capítulo 6 — Vão o governador e o capitão-mór ver as fortalezas e a lida das missões, para tirar dellas os heinos e indios prejudiciaes	615

Capítulo 7 — Parte o capitão-mor do Pará, Hilário de Souza, em seguimento do governador e morre, naquelle viagem, em Gurupá.	629
Capítulo 8 — Toma-se os franceses as fortalezas de Macapá e Pará e, tendo disso noticia o governador Antonio de Albuquerque, no Gurupá, manda a Francisco de Souza Fúndão, que se recupere, com feliz successo, 1697.	633
Capítulo 9 — O que se passou desde o principio do anno 1697 até a Páscoa da Resurreicão.	639
Capítulo 10 — Parte o Padre João Justo de uma missão de Inhamatã, da capitania de Cametá, para os Tupinamboranas e dá-se conta dos successos daquelle sua viagem.	643
Capítulo 11 — Vão-se continuando os acontecimentos que houve até 14 de Abril.	637
Capítulo 12 — Relata-se a morte e enterro do Padre Gaspar Misch.	640
Capítulo 13 — Chega navio do Reino ao Maranhão, traz bispo para o Estado e nelle vem o Padre superior do Pará.	644
Capítulo 14 — Relatam-se os varios successos dos mezes de julho, agosto e setembro.	648
Capítulo 15 — Relatam-se mais casos acatecidos para a banda do Grampari.	652
Capítulo 16 — Por ordem do Padre, reitor, Bento de Oliveira, examinou o captiveiro de muitos indios, os quaes dei por mortos, dando elle o santo baptismo a muitos meninos e meninas de meos de este anno de cidade.	656
Capítulo 17 — Da-se conta da differença que houve com Antonio de Carvalho, capitão-mor da capitania de Cametá, sobre os 25 cascos que El-Rei manda dar aos missionarios das aldeas para seu sustento.	658
Capítulo 18 — Do que se passou até o mez de março no Pará e Maranhão.	662
Capítulo 19 — Castigos de alguns mamboeiros sem emenda.	667
Capítulo 20 — Do que se passou em março e abril desse anno 1698 com o Padre Manoel de Amaral, com outras cousas d'mais.	669
Capítulo 21 — Partem tres missionarios para as aldeas do rio das Amazonas.	672
Capítulo 22 — Induz o Padre superior da missão o Senhor Bispo, preso pelo Juizo da Corôa, a levantar a excomunhão e o interdicto que tinha posto.	676

Capitulo 23 — Carta do Juiz de Corúa ao Padre superior da missão José Ferreira, para se desterrar o Padre Louco Pires, por se mostrar inconfidente, e resposta do mesmo ao dito Juiz, negando tal inconfidencia, e dizendo daria conta de tudo a Sua Magestade, a quem, padia, fizesse tambem presente a resposta que lhe mandava	678
Indice da Chronica do Padre João Felipe Betendorf.	683

